CANCIONEIRO ALEGRE

D'esta edição faz-se uma tiragem de 25 exemplares numerados, em papel de linho nacional.

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

COLLECÇÃO ERNESTO CHARDRON

CANCIONEIRO

ALEGRE

DE POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

COMMENTADO

Je voudrais savoir si la grande règle de toutes les règles n'est pas de plaire? Laissons-nous aller de bonne foi aux choses qui nous prennent par les entrailles et ne cherchons point de raisonnements pour nous empêcher d'avoir du plaisir.

MOLIÈRE.

Segunda edição, seguida dos CRITICOS DO CANCIONEIRO

VOLUME II

PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

Casa editora

LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES

1887

CANCIONEIRO ALEGRE

M. DUARTE D'ALMEIDA

Tem notavel originalidade. É triste, mas não se queixa da fortuna com o desabrimento dos infelizes zangados. Dirige-se a Jupiter com sorriso socratico. Tem o stoicismo de um pagão, e a physionomia angelicalmente serena de um fatalista. Conheço-lhe um sorriso bom e ingenuo como o dos seus poemas. Lembro-me de o ter visto criança no collo de sua mãi, uma senhora formosa, de brilhantes olhos, elevada estatura com um perfil inolvidavel. Cabiam dois meninos no mesmo regaço. O outro era Custodio Duarte, tambem poeta, aquelle de quem Guilherme Braga escreveu:

Custodio, alguem que sonha e pensa todo o dia
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia.
Coração que se abriu, como o lirio do val,
Aos raios do luar, aos raios do ideal;

Que busca a inspiração no longinquo e no vago,
Que toma quasi sempre a attitude de um mago
Perguntando o caminho ás estrellas do céo,
E tem para cantar um modo todo seu.

Não sei como no meu espirito e na minha saudade de annos tão remotos, combino os primores plasticos da mãi e a florescencia ideal dos filhos. Ella morreu no vigor da idade; mas ha o que quer que seja sobrevivente d'ella na deliciosa melancolia das trovas de Duarte d'Almeida.

A *Supplica de um enterrado* é um gracejo com duas lagrimas a derivarem nas faces e a tremeluzirem no labio que sorri. O gracejo encanta, a gente ri tambem, mas depois, se pensa, suspeita que o poeta chorava. *C'est qu'on pleure en riant,* diz A. de Musset.

SUPPLICA DE UM ENTERRADO

Do fundo da sepultura,
Onde, *morto, inda* padeço,
Oiço aquelles que aborreço,
E os que indiff'rentes me são:
Passa o burguez domingueiro
E diz á nedia burgueza:
« Este aqui — ninguem lhe reza,
Deixou fama de mação... »

E a burgueza ri contente
Como quem, sobre o jantar,
Vem os mortos visitar
Por amor... da digestão;
Depois um capitalista
Chega e diz: « Misero poeta!
Segundo li na gazeta,
Não passou de um pobretão. »

Um piedoso salafrario,
Da Intolerancia fautor,
Leva a ponto o seu rancor
De meus restos insultar.
Não póde mais, o cobarde!
Se pudesse, arrancaria
Meu corpo da terra fria,
Para ás feras o arrojar!

É que eu tive um grande crime:
É que eu fui — perdoe-me o céu!
Um philosopho, um atheu,
Aos olhos d'esse infeliz...
— Mas, ah! — respiro! Afastou-se
A hyena sacerdotal...
Absolve-o, Pae celestial!
Que elle... não sabe o que diz.

Oiço as risadas sonoras
Das crianças irrequietas,
Correndo, quaes borboletas,
Em turbilhão n'um jardim;
Demoram-se um curto instante
A desfolhar malmequeres,
Mas depressa outros prazeres
As chamam longe de mim.

As velhas passam grolando
As camáldulas polidas
E vão mastigando as vidas
Alheias co'a devoção;

E eu estremeço na cova
Ao rojar d'essas dementes,
Que deixam, como as serpentes,
A sua baba no chão.

Uma gentil costureira
A quem o amante trahiu,
Assim que o meu nome viu,
Já tarde se arrependeu...
E, sobre a campa curvada,
Com voz plangente murmura:
«... Foi-se a mais bella figura
Por quem meu peito bateu!»

Um grupo de brazileiros,
Estropiados e poltrões,
Falam alto de *qüéstões*
De escravos e de cafés;
E um melancolico poeta,
D'uma escola que eu detesto,
Lá vae recitando mesto
Umas coplas em francez.

Um estudante pragueja
E classifica de infame
O lente que n'um exame
O seu *R* lhe *atirou;*
E um pedante impertigado
Vai impingindo a um basbaque
A sciencia de almanak
Que ha tres dias decorou.

Falta uma voz no concerto,
N'este concerto banal...
Embalde escuto, — inda mal!
Ai! nada o echo me diz!
Nunca mais te ouvi, pequena!
Discutindo sabiamente
O figurino recente,
Importado de Paris.

Só faltas tu, dôce amada!
Não vem essa linda mão,
De meu pobre coração
Tirar agudos punhaes;
Sobre a relva que me encobre
Não roças os teus vestidos,
São debalde os meus gemidos,
Ninguem attende os meus ais.

Ah! Se em teu peito a saudade
Algum poder inda tem,
Em meu corpo, filha! vem...
Anatomia fazer.
Não te amedrontem fantasmas!
Vem, ao clarão do luar,
Meu coração arrancar
Para que eu possa *morrer!*

SIMÕES DIAS

Dedica o snr. Simões Dias as PENINSULARES a sua esposa. N'esta dedicatoria, além do talento, vislumbra a felicidade intima, o paraiso domestico. A realidade tem jubilos serenos. Se a luz da poesia deslumbrasse os modestos contentamentos da familia, melhor lhe fôra ao agraciado d'esse dom funesto sangrar a sabedoria com a sua penna d'aço, e morrer. N'esta singela e amoravel dedicatoria, Simões Dias levanta e repulsa o aleive de poeta licencioso, despatriota e impio, que lhe assacaram em Hespanha e Portugal. Responde triumphalmente á calumnia com estas palavras ungidas do extremado amor de pai: «Quando lá no futuro os grandes olhos negros

da nossa Judith, negros como duas amoras e castos como a innocencia, percorrerem estas paginas escriptas dos dezoito aos vinte e oito annos, lembra-lhe então que os não desvie desdenhosos d'este papel publico onde seu pai glorificou tres grandes sentimenlos: — o *amor,* unica salvação do individuo; a *patria,* unica salvação da familia; e a *liberdade,* unica salvação dos povos.»

Li os dous tomos das PENINSULARES com raro empenho e attractivo. Conheço poucos poetas; gósto de pouquissimos entre os que conheço. Simões Dias ainda hontem entrou no pequeno raio das minhas estantes em que estão os bons. Devo-lhe dous saraus ligeiramente passados no arrastar d'estas noites de dezembro, entre pinhaes gementes e o estorcer das carvalheiras varejadas. Mandou-me o poeta o seu espirito de luz como as boas fadas enviam ao ermo escuro dos tristes as borboletas brancas. Lido e fechado o segundo tomo, abri o meu melancolico S. Bernardino de Sena, e reli o tratado DE CALAMITATIBUS ET MISERIS HUMANÆ VITÆ, ET MAXIME SENECTUTIS, e «principalmente a velhice».

Sentir, comprehender a logica dolorosa de duas ideias que se atam n'um verso; achar na memoria o colchete que as prende, oxydado pelo tempo, mas ainda tenaz como o ferro da bala

muitos annos cravada na carne viva, é mau, é um divertimento cruel de pelicano que se espicaça o peito. Nada de poetas. Cá vou para o meu santo. *De calamitatibus et miseris humanæ vitæ, et maxime senectutis.*

A UNS PES

Pés como os teus, mulher, ai! não ha nada
No mundo tão gentil,
Nem miniatura alguma cinzelada
Por inclito buril!

E que são elles? duas miniaturas
Do mais extremo ideal,
Feitura sublimada entre as feituras
Do artista sem igual!

Que perfeição de pés! que exiguidade!
São tão pequenos, são,
Que me cabiam ambos á vontade
Dentro d'uma só mão!

---

1 Alguns pés de senhoras portuguezas são, em verdade, tão pequenos que podiam ter inspirado aos poetas nacionaes a ideia bonita de caberem os dois pés d'ellas em uma das mãos d'elles — o que depende do tamanho das mãos tambem, vamos lá. A hyperbole, sem duvida, é galantinha, mas não é bem nacional. En-

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais acho
D'admiravel emfim,
É como tu não caes d'elles abaixo
Sendo elles assim!

Tu sabes que eu não sei ser lisonjeiro,
Ouve o meu coração:
Se os teus pés se vendessem por dinheiro
Em publico leilão,

Que enorme somma d'oiro não viria
Cahir-te aos lindos pés!
Eras capaz d'arruinar n'um dia
Algum banqueiro inglez!

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais acho
D'admiravel emfim,
É como tu não caes d'elles abaixo
Sendo elles assim!

---

viou-nol'a, ha muitos annos, de Paris Alfredo de Musset. Dizia elle do pé de uma condessa andaluza:

Il était si petit, qu'un enfant l'eut pu prendre
Dans sa main...

Baudelaire tambem conhecia um pé que cabia no concavo de uma pequenina mão; e Charles Diguet, no seu aljofarado livrinho BLONDES ET BRUMES, diz a uma das loiras:

... Tes petits pieds, si mignons que les deux
Tiendraient dans mes cinq doigts.

Estas senhoras eram aleijadas, se os poetas são verdadeiros.

MENEZES PAREDES

Escreveu um volume chamado PARIETARIAS por se chamar *Paredes.* É o poeta que explica e satisfaz.

Elle pede afogueado um beijo a Carolina. Bem se vê que o queima o sol do outro hemispherio. É brazileiro. Recebe beijos; mas não casa com Carolina, porque, diz elle,

> *O casamento em purgantes*
> *Transforma os beijos d'amor.*

Que lhe preste a metamorphose.

Depois melhorou de costumes. Faz sextinas *A uma rapariga,* que o persegue como Margarida Logny a lord Byron. E elle, fugindo-lhe com a crueza de José 2.° do Egypto, diz-lhe:

Vai-te! — um homem positivo
No amor não acha algarismo
Que iguale a força de um X.

Affirma que o namorar é uma *pepineira,* e diz um derradeiro adeus ao amor, tal qual como Byron: *Love's last adieu.*

Não é o cynismo que petrifica Paredes: é o algarismo. Elle não irá morrer em Missolonghi pela redempção dos gregos, nem a Moçambique pelas liberdades patrias como o seu patricio Gonzaga. Ha de ser victima da fallencia fradulenta de um mascate.

N'este livro ha uma pagina triste e repellente: é a dedicatoria de taes poesias que a uma joven irmã fallecida offerece o seu *triste irmão Juvencio.*

Elle chama-se Juvencio.

Este nome podia ficar na lista dos fataes, se não fosse o algarismo.

D. Juan de Maraña, Lovelace, Saint-Preux, Juvencio Paredes, etc.

Os romances do seculo XX fallariam de Juvencio, o devastador de florestas virgens de sinhás, desde a Tijuca e Corcovado até ao Curuzú e ao Curupaity, escalavrando corações em Mamangapé, no Ariró, no Ouricuri, no Muriahé, no Merity, na Jacarépaguá e talvez no Gravatahy e na Quitinhonha.

A UMA RAPARIGA

Vai-te embora, rapariga!
Em paixões já não me abrazo;
tentação, deixa-me em paz!
Do deus Cupido na *briga*
sempre fui *soldado razo*
nos meus tempos de rapaz.

Hoje, que já sou *maduro,*
tenho por norte e por norma
paz tranquilla desfrutar,
e não quero, e não futuro
fazer a menor reforma
no meu modo de pensar!

*

É portanto gran toleima
para mim teus lindos olhos
vêr-te sempre a requebrar!
— Nem sempre alcança quem teima...
e, semear entre abrolhos,
é gosto sem paladar!

Qu'importa que sejas bella?
Que tenhas rosto faceiro
de morena e meiga côr?
Qu'importa ainda, donzella,
o teu riso feiticeiro,
dos róseos labios em flôr?

Qu'importa tudo, se vivo
entregue ao positivismo,
e assim me julgo feliz?...
Vai-te! — Um homem positivo
no amor não acha algarismo
que iguale a força de um *x*!

DONNAS BOTO

(LUIZ MARIA DE CARVALHO SAVEDRA)

Não é este um poeta que se commente e explique depressa. Faz-se mister arrancal-o a forceps das entranhas do esquecimento. Um injusto desprezo o sepultou profundamente; um esforço egregio ha de exhumal-o, sem rhetorica, sem queixumes, sem injurias a ingratos nem a bestas. O que eu quero é sental-o n'esta orgia dos alegres, e dizer-lhe: «Renasces, Donnas Boto! desenterrei-te com o bico d'esta penna de aço, borboleta, flôr do ar, que te mirraste entre duas folhas sêccas. Esvoaça-te por entre os candelabros d'este banquete, roça na espádoa da dama que vai rir-se de ti, pulverisa-lhe o marfim da epiderme com poeira de oiro das tuas azas, já

que em vida as perolas dos teus versos tanto focinho de porco as trombejou.»

Conheci-o em Coimbra em 1846 quando a minha batina esfrangalhada abria as suas trinta boccas para admirar e engulir o latim d'um padre que não sei se era Simões. Devia ser. Coimbra é a terra dos Simões. É como em Braga os Gaspares antigos. Mal diria eu que homem era aquelle por dentro, quando o vi por fóra, com os seus oculos de oiro, no livreiro Posselius! Eu comprára o DICCIONARIO de Moraes; e elle, com uma gravidade protectora e paternal, disse-me: «Fez bem, seu caloiro. Manuseie o bom Moraes com mão diurna e nocturna. Gaste assim as suas economias, não as malbarate em fôfas novellas gafadas de gallicismos, nem me vá por botiquins a sorveteal-as, nem por lupanares a desbotar as suas primaveras, nem por tavolagens a perder o dinheiro e a vergonha.» Fallava sempre assim. Era quintanista e quasi velho. Já em 1828 fôra liberal e emigrára. Regressára de França doutorado em não sei quê, e concluiu em Coimbra o bacharelato em medicina.

Seis annos depois, retirado na sua casa e quinta de Ervedosa do Douro, Donnas Boto publicava no Porto o POEMA SOCIALISTA E OUTRAS PEÇAS DE POESIA. Dous ou tres exemplares d'este livro de 450 paginas por 720 reis satisfizeram

a curiosidade do publico. Lia-se muito n'aquelle tempo. As senhoras do Porto amavam brazileiros e lyrismo. Fallava-se muito no poeta Faustino de Novaes e no brazileiro Arara. Os nossos irmãos de além-mar recebiam inconsciamente dos poetas o Ideal que as senhoras lhes esgaravatavam no peito através dos colletes azues-celestes. Não obstante, do POEMA SOCIALISTA venderam-se tres exemplares: um devia compral-o a camara para a bibliotheca, o segundo comprou-o provavelmente o leitor, e o terceiro comprei-o eu.

Estou capacitado de que o adjectivo do poema provocou uma confederação de odios geraes. *Socialista!* «Socialista» em 1862, no Porto, era synonymo de bandido, de ladrão e republicano. Vinte e cinco annos depois, hontem, um moço pallido, dyspeptico e scismador, diz ao Porto: «Se queres um deputado republicano, inimigo da monarchia, elege-me.» E o Porto elegeu-o com triumphal maioria.

Donnas Boto resvalou do odio á obscuridade pela rampa do adjectivo demagogo. Se vivesse no Porto quando publicou o POEMA SOCIALISTA, iria á policia correccional; se vivesse hoje, iria ao pariato. E Rodrigues de Freitas, se então fizesse na ribalta d'um theatro alardo de fé republicana, seria ludibrio das bengalas burgue-

zas, iria ao inferno pelo buraco do ponto, e resuscitaria hoje na historia com a aureola de Chenier e de Vermorel.

Donnas Boto foi martyr d'um equivoco. Elle, no POEMA SOCIALISTA, não atacava a rainha, nem a rua das Flôres, nem os Cabraes. Contava a vida do seu coração e chamava-se *Lysias* na epopeia. Inflammára-o *Sophia,* uma operaria esfarrapada de Paris, a quem elle, tambem operario, contava a historia da sua mocidade na patria. Eis o poema que o despeito interrompeu. Os prelos gemeram só o primeiro tomo que abrange apenas nove mil cento e vinte e oito versos hendecasyllabos. Este paiz era indigno do resto. Houve então um Garrett que lhe deu o que elle merecia: a VIAGEM A LEIXÕES.

D'este livro do poeta de Ervedosa não posso destacar uma pagina, uma flôr de vida alegre ou de sarcastica ironia como procedo com os de outros auctores benemeritos. Hei de colher muitas, umas para deleite, outras para ensino. Goivos nem perpetuas isso é que não. Aqui lagrimas só se admittem as que rebentam e golfam das glandulas lacrimaes espremidas pelas mandibulas que a gargalhada desarticulou até ás orelhas. Os poetas satanicos hão de vêr que Donnas Boto precedeu Baudelaire. A arte realista irá um dia á Pesqueira celebrar o centena-

rio do seu primeiro apostolo, a que não chamo tambem martyr porque não sei com certeza se elle acabou de tedio se de tenia.

Sophia, a operaria amada do emigrado portuguez Lysias, era honesta, desinteresseira e pouco fornecida de roupa branca, porque não descia

.... a ser bruscamente
Ou d'essas cossarias que pescam amigos,
E os cardam, depennam com labia bastante,
Tão nús os deixando como uns inimigos,

Ou d'essas que para chuparem tem cujo;
....
Que o corpo devassam em trafico sujo,
Dos bens sumidouro, da vida estrago

Ainda assim, o ciume tresnoita Lysias, dado que elle possua dotes corporaes a que se ater em concorrencia com

.... a infesta quadrilha
De tanto peralta que vaga ocioso;
Que pela cidade rondando casquilha.

Elle é bonito:

.... Adonis no rosto;
A loira pennugem que vinha pungindo
Lhe doira tão mal o vulto composto
No buço mais negra betinha fingindo.

Diz mais que é *dos moços a per'la,* e *bem talhado,* e *Apollo no engenho,* e *no affecto Narciso,* que

Na sua pombinha lá se narcisava.

Todavia, alvorota-se, morde-se de ciumes, porque sabe que a ingenua Sophia, quando vai para a fabrica,

Aqui lhe rebenta um pintalegrete
Que tanto se adama e se emboneca,
P'ra ir aos cafés tomar um sorvete,
Passear o seu Bem, pregar-lhe uma sécca.

Além dá de rosto com um chichisbéo
Que muito se afana e se adonisa
E, pondo á bolina lustroso chapéo,
O chão não o toca de fofo, nem pisa.

Co'a dama no braço, fiel servidor,
Insulsos requebros gosmento gagueja ;
Alli se espevita; adelgaça o amor,
E alguma quadrinha talvez cacareja.

N'esta pagina, a epopeia tem fóros de didactica pela abundancia de crismas com que alcunha o grupo dos bréjeiros modernamente denominados *janotas, crevés, estouradinhos, abas, faias,* etc. Elle dá-nos o *chichisbéo,* o *casquilho,* o *tranca-*

ruas, o *pintalegrete, o bonifrate,* o *taful,* o *secio,* o *damo.* Abaixo d'estes, estão

.... os gaviões de toda a ralé;
A todas rinchando... e outros cevões
Do facto afamado do sujo Epicuro,
.... garanhões,
... Vis chafurdeiros do lodo impuro...

Quaes maus noitibós nas trevas festejam,
Vão tudo topando, rascôas, rameiras;
Em taes meijoadas chupistam, trovejam,
Fazendo pagodes e orgias grosseiras.

Não é menos rico em synonymos de que possamos nacionalisar a já tão safada *cocotte* com que a Idéa Nova esmalta os seus poemas. Elle offerece aos pathologistas das velhas podridões reverdecidas a *boneja,* a *loureira,* a *rameira,* a *michela* a *polha,* a *marafona,* a *cantoneira,* a *rascôa,* emfim, aquillo que Pantagruel chamava á mãi do marinheiro, no cap. XXII do livro IV, e Gil Vicente chamava ás mães de muitos seus personagens na presença das rainhas.

Rompe a epopeia n'um episodio bastante original: Lysias deu um beijo em Sophia; mas um *beijo furtado* que

.... aleijou
Da incauta Sophia o bom coração.

Aceitou o conselho de Ovidio:

> *Entre as phrases de amor tomam seu beijo os sabios:*
> *Se ella beijos não dá, furta-lh'os tu dos labios* [1].

Mas aleijou-lhe o coração.

Os algebristas d'estes primeiros aleijões costumam ser os segundos beijos. Endireitam-se mais facilmente que as corcundas e a deslocação do queixo inferior. Ha leitoras que sabem isto; e Sophia devia de estar sã e escorreita quando, logo depois, pediu a Lysias que lhe contasse a sua vida, emquanto saroavam.

Elle diz que é do Douro, que fôra

> .... na infancia galante menino,
> Mais vivo que azougue, coral muito fino;

que aprendeu a lêr muito depressa; que estudára o seu latim á beira do convento onde tinha duas manas. Descreve o mosteiro e a vida austera que alli vivem as amortalhadas esposas do Espirito, que

> ...... sem relaxarem a regra apertada
> Com crebros jejuns, mortaes penitencias,
> Os brios soffriam da carne indignada...
> .... Que santas demencias!

---

1 Castilho.

Lysias conta que servia ás vezes de acolytho ao seu padre-mestre, ajudando á missa, e que, *escoando-se pelas grades do locutorio ou ennovellado como serpe na roda,*

> .... por vezes tambem penetrava
> Dos claustros vedados ao intimo centro
> A furto da madre-abbadessa que dava
> Recados em vendo diabinhos lá dentro.

Semelhante estreia seria de mau agouro, se elle, não engrossando de carnes, podesse escoar-se pela grade ou communicar-se em novello pela roda até o « intimo centro » do claustro.

Não podemos saber o que a natureza daria de si com tal catechese, porque as manas de Lysias sahiram do convento, e o pequeno foi para Coimbra fazer exame de latim.

Na correnteza d'estes casos epicos, estalou a revolução de 1820. O poeta faz a proposito da Liberdade muitas considerações, e diz que, por essa occasião,

> Mostrou Portugal que era uma mina
> De grandes litteratos, de jurisconsultos,
> Que eram uns pégos de sciencia divina,
> Que eram nas letras já mais que adultos.

Invectiva o rei que fugiu para o Brazil, e a

Junta apostolica e o Silveira, a quem chama «bobo» com sagrada colera; e com justos motivos desluz a tactica dos caudilhos liberaes, dizendo que elles

Retorcem caminhos em caranguejando.

De jornada para Coimbra, quando avistou o Bussaco, arroubou-se em raptos extraordinarios, bebeu a sorvos o aroma acre das altas serras, e exclamou com a vehemencia d'um pagão:

Eu sinto-me Deus no cimo d'um monte!

Se não desce de lá, esquivava-se o deus ao desgosto de encontrar dois estudantes na Mealhada que se portaram com elle como dous atheus consummados.

Diz elle

... que pela pinta logo os conheceu
Á feição burlesca por irem trajados
Com um desabado casquete ou chapéo,
Com chambres de chita folgados, fraldados.

Jogam-lhe chalaças salobras, fazem-no apear, dão-lhe *tu*, encordôam-no, dizem-lhe que

..... cheirava de mais a fedelho,
Que sabe aos farellos e rustico trato
Da sua provincia, broeiro, bedelho,

com outros chascos porcos, a respeito dos quaes escreve o pulchro Lysias, que

A um filho deslustra da culta Minerva
Em sujas soltar-se tão feias parvoices;
Que lá chocarreie a gente proterva
Com vis palavras, com torpes chulices.

Á custa d'elle os bandoleiros jantam regaladamente e levam-no com um sceptro de rama de pinheiro até Coimbra. Ás vezes, apeiam e jogam a espada; outras vezes fazem sermões, ou zangarreiam nas banzas. Ó academicos que jornadeaes em via-ferrea n'esta época de dissolvente prosa e de dissolvidos poetas! comparai os vossos fraques surrados e o surro da vossa gravidade de caixeiros de merciaria réles com os chambres fraldados e o retintim das faiscantes tarascas dos estudantes de 1827!

Lysias, quando avista Coimbra, sente colicas, e quando mais tarde escreve as suas commoções chama-lhe

A feira da Ladra da sabedoria.

Nunca se escreveu nada tão bom!
Frequenta

As aulas, aonde de papo gosmando
Os mestres do Pateo estão a mestrear;
Com emphase alguns vão rhetoricando;
E outros logícam, ou metaphysícam.

Elle não sae do seu quarto no antigo collegio da Companhia, já porque tem medo ás troças, já porque lê uns livros de má nota que o açulam contra os jesuitas, a proposito da triste cella em que vivia:

Nem Lysias gostava de vêr a Jesus
Em tão desalmada, tão má Companhia;
Nos dois que penaram com elle na cruz
Um ladrão honrado, sequer, inda havia.

Não invectiva com menor inflammação de engenho e critica os torpes usos do domingo,

Em que de Coimbra o povo estouvado
Arranha na banza e vai farfalhando,
Comendo, bebendo, cantando rasgado
E mil barrigadas de riso tomando.

E mil fartadellas de musica e chula;
Ao som destemperado de ingratos rojões,
Loureira cachopa nem salta nem pula,
Mas grave rebola chorudos coxões.

Tão lenta os remexe e se bamboleia
Que mais assemelha almé voluptuosa;
Com raiva os quadris não saracoteia
Como a marafona salaz e nojosa.

. . . .

. . . . novas bacchantes
Em córos entravam quaes rãs descantando
E dando de olhinhos aos churros amantes
Se esbofam, se esfalfam, bailando, foliando.

Se isto não é bem realista, ainda eu seja Boto! é o adàil d'estes cytharistas que vigem e viçam. N'estes ultimos dez annos todo o cerebro de poeta incuba e desova um ou dois saltimbancos acompanhados das respectivas e porcas companheiras, que tocam cornetim ou sacodem os guisos da pandereta. Achou-se que havia Ideal n'isto e nas escrofulas das gargantas e nas varizes das rubras pernas dos cornacas de ursos nostalgicos. Donnas Boto fariscou esta dysenteria da Arte, sujou n'ella um pouco a sua pluma de cysne, mas deu as alvoradas da revolução. Outro exemplo que parece de poeta gravido dos loiros satanazes que hoje versejam:

Já Lysias p'ra as damas folgava de olhar,
Mas era tão timido e alcançadiço
Que os olhos furtados lhe faz abaixar
Donzella que encare no pobre noviço.

O triste em amores é inda aprendiz,
Talvez de babão nunca arribará.
Que importa que ame se amores não diz
Á deusa que em esp'rito elle adorará?

Ah! pobre do tolo que entre si ama!
Amor, timidez, ah! não adjectivam.
Só quer de fortuna soldados a dama,
Chorões e maricas nenhuma captivam.

Só gosta d'amantes bem aventureiros,
De cães de bom faro e grande ousadia,
Bem executivos no amor, e chofreiros
Que lhe andem no rasto de noite, de dia;

Que partam, abalem, atirem p'ra ellas,
Quaes bons batedores os mais denodados;
Que batem o campo e mato ás bellas,
Ou bons perdigueiros tenazes, parados;

Que marram a caça e que a levantam,
Que seguem a lebre bem pela abalada;
Se bem a correrem, bem menos a espantam,
Té que a encóvam e logram, coitada!

Mas Lysias do amor cahindo nas redes
Não sabe roel-as qual rato matreiro;
E, se o mandassem namorar paredes,
As bellas tem pleno direito inteiro.

O pobre ás deidades, ah! nunca ousou
Fazer-lhes da guerra a declaração...
Nem carta avellada que o bolso ensebou
Jámais se atreveu a metter-lhe na mão.

Por isso de nymphas o parvo jejuava,
As deusas do Olympo co'a testa comia
. . . . [1]
Conquista de geito jámais a fazia.

Não é dos polhastras que andam ás polhas,
Frascarios de marca, mui azevieiros,
Que nas servilhetas chorudas e rolhas
E nas cantoneiras, quaes bons rascoeiros,

No vil femeaço, lá fazem destroço;
Que bebem e comem e marafoneiam:
(E ellas caçando, rapando caroço!)
E tanto com ellas alfim velhaqueiam...

Até que os iscam dos males da moda
Francezes chamados: e quando Deus quer
Galenos os fanam e fazem-lhe a poda...
Assim os arranja do mundo a mulher.

Dos dois eu não sei qual é mais culpavel,
Se a triste michela que faz bom barato
Da honra, que vende o amor, miseravel,
Um amor venal sem peso e recato:

Se o porco, se o sujo que dá o vil preço;
Mas a marafona, se é menos punivel,
Se a fome a arrasta, da gente no apreço,
É o ente do mundo o mais desprezivel.

---

1 Donnas Boto fez versos que n'esta edição se expungem; mas virão a lume na segunda, quando o nosso adiantamento nas letras e nas liberdades da poesia moderna o permittirem sem estranheza nem niquices da Moral.

*

Donnas Boto exercita uma rectidão de juizo, geometrica e implacavel, com rascoeiras, com marafonas e com lentes. Os lentes! — exclama Lysias.

Os lentes! o nome lhe assenta decerto,
Pois lêem com força! algum haveria
Que inda se engasgasse por menos esperto.

Que lêem, relêem e tornam a lêr
Na velha, sebenta, mortal caderneta,
Que anda em rifão; mas com o saber
Leitura tão calva, amigos, não beta.

Nem hospedes 'stão e menos senhores
Das suas materias; a esmo fallando
As mal mastigadas lições dos auctores
Nas suas cadeiras estão gaguejando.

Por mais que affectem um tom magistral
São entendimentos só de meia luz;
Da sua algibeira não põem um al,
Nem n'elles idéa novinha preluz.

São echos que andam alli aos retraços
De estranhos auctores, officio nojento!
Na sciencia ficando tão curtos, escassos,
Não dão n'um só novo, real pensamento.

Seus textos ás vezes tambem acarretam
Talvez mal trazidos, mil voltas lhes davam,
E zangam, se os pobres alumnos objectam,
Se toda a parlanda não papagueavam.

Não sei se o leitor acha o rhythmo dos versos de Donnas Boto um milagre de melopeia, uma toada de suavidades fagueiras ao ouvido. Elle achava os versos de Filinto Elysio *ferreos e corneos* (LYRA DO DOURO, pag. 441) — signal é de que o poeta considerava os seus de materia mais molle.

A respeito dos banhos de mar, na Figueira, onde passou as férias grandes e estudou rhetorica, nos deixou um bonito quadro de costumes e preceitos de medico. É costume galante — dedilha o vate,

Que muitas familias poderosas e nobres
Concorram a banhos na quadra do outono
De envolta com outras somenos e pobres
Que são do commum — fatal abandono!

Que as littoraes villinhas inundem
Com o santo intuito de ir procurar
Remedios que pouco ou nada lhe fundem
Nas aguas salgadas, sagradas do mar.

Eis a panaceia mais universal
Com que mediquinhos da Belgica e Paris
Os doentes engodam; e juram que o mal
Só banhos o saram, bem são de raiz.

Assim se descartam dos pobres bolonios.
. . . .
As damas que querem um pé de andejar
Quaes outros oraculos prezam, estimam

Os sabios Galenos que as mandam banhar;
Talvez que de mais a elles se arrimam!

Tambem elle almejára na Figueira a sorte dos Galenos, a quem as damas se arrimam de mais talvez:

Mas Lysias . . . .
Só vendo dos olhos o meigo quebrar
D'alguma donzella, qual rapido tiro
Perdido que o vinha de lado pezar,
Um vão desentranha, um vago suspiro.

Desentranhava suspiros, e esgaravatava

. . . . os buzios pardinhos
E outras conchinhas tambem nacaradas
Que são as baixellas dos deuses marinhos.

E, trepando aos penedos, meditava:

Assim como o mar é o reservatorio
Das chuvas que a terra caudaes fertilisam,
Assim é das almas o laboratorio
D'onde altas ideias se volatilisam.

Este bocadinho parece de Michelet.

Elle gostava das mulheres bonitas, como se deprehende d'este transporte:

Com os olhos eu vejo, não vejo, devoro
Esse ente divino que chamam mulher!
E, sendo formosa, qual idolo a adoro,
É o unico Deus em que eu posso crêr.

E dá a razão d'esta mania razoavel:

Porque, se é phantasma, então tambem eu;
Porque, se a ólho, no céo faz pensar;
Porque, se a amo, sou d'ella, sou seu;
Porque, se a gozo, sou Deus sem jactar.

Como se isto não fosse bem claro, reforça em termos inequivocos, em actos violentos de apalpadella:

Se eu palpo da virgem o seio anhelante
No dôce momento em que ella profere:
« Sou tua », eu sinto um Deus palpitante
Que me electrisa, magôa e fere.

Com tanto prazer, com gozo tão raro...
Eu sinto um Deus sahir da donzella;
Encher-me adeusando objecto tão caro...
Um sêr só fazendo de mim e mais ella!

Quem lêr isto ha de cuidar que Lysias era o Saint-Preux da extincta rua do Coruche, e fazia sahir deuses das donzellas de Quebra-Costas. É uma iniquidade, porque

Ninguem á ventana o via assomar;
Desbanca em recato donzellas e freiras;
Pois hoje as meninas só querem brincar,
São tão janelleiras, tão namoradeiras!

Elle não queria brincar com as visinhas. A

sua chamma era séria. Tem relampagos e raios e tempestades dentro, como elle muito bem passa a exprimir:

Já Lysias é pubero, fervendo no peito
Do amor a maré começa-lhe a encher;
O amor é o sangue em fogo já feito;
Só torna a vazar quando elle morrer.

Nos seus olhos meigos e tão amorosos
Já lhe phosphoreia a triste ardentia;
São fatuos fogos por ora enganosos;
Mas, ah! que no seio da grã calmaria,

Dorme a tempestade! e, se não chammejam,
Ardores que as bellas accendam, abrazem,
Relampagos mornos, que elles dardejam
Vem prenhes de raios, no ventre os trazem.

Estas coisas trazidas no ventre nunca sahiram á mingoa de estimulo.

Elle o explica eruditamente:

. . . . Referve de Lysias o amor
Á falta de objecto p'ra o alimentar;
Que d'outra Heloïsa o abraze o ardor,
Atraz d'Abaillard não o vereis ficar.

Tal seria Lysias. Se a Coiraça dos Apostolos lhe deparasse uma Heloïsa, haviam de vêl-o adiante de Abaillard sem os precalços do seu modêlo. Coimbra, porém, sendo terra de muitos

conegos, não tinha algum então que fosse tio d'uma Heloïsa ao alcance do poeta; e, por isso, é aqui o lanço de repetir aquelle verso lacrimoso:

> Por isso de nymphas o parvo jejuava.

Eis o essencial das cousas que elle de si contou a Sophia.

Quem se der ao labor de respigar n'este espinhal de 452 paginas, a intervallos acha flôres que parecem desbotoadas por intermittencias de luz, e como descuidos d'um bom engenho empenhado em parecer mediocre. Pintando a cova que Sophia tem na barba, diz:

> D'um beijo chupado o amor lhe afundou
> Covinha na barba que mata d'amores;
> De pretos signaes seu rosto lhe ornou;
> Quaes moscas realçam da liz os candores.

Dos seios que se lhe vão contornando, escreve palpitante:

> Crescendo, com elles recrescem amores.
> Meus dôces relevos que o mel estillaes!
> Em vós se nutriram do Olympo os senhores...

E acrescenta, dirigindo-se aos mesmos:

Eu tenho p'ra mim que lá no paraiso
Vós fostes por certo os pomos vedados,
Que vistes Adão perder o seu siso,
Por mão d'uma Eva formosa brindados.

E, no proseguir da descripção, guardou as conveniencias, quanto se deprehende d'estes dous versos cheios de compostura e decoro:

Nos lirios tão rôxos que Deus nos velou,
Forçoso é deitarmos o véo da decencia.

Este procedimento é exemplar, e a todos os respeitos digno de louvor.

Quando falla de inglezas, chama-lhes

As Venus patudas da infesta Albião.
O rosto d'uns anjos com pés de pavão.

Diz isto da Universidade:

Alguns a chamaram fanal do saber.
É extincto planeta, é lua gelada;
A phase assombrada nos deixa só vêr
Mui pouco brilhando com luz emprestada.

Dos velhos cathedraticos diz:

Fanhosos mascando e encatarrhoados,
Nos seus doutoraes os lentes escarram;

Com seus argumentos bicorneos, safados,
Em vez de enlearem, claudicam, esbarram.

Arguindo, a sediça hypothese apertam,
E cuidam que abafam com sabedoria,
Saber d'acarrêto, postiço, que enxertam...

Donnas Boto escreveu quatro volumes. Em alguns ha prosas de sensatez e correcção admiraveis. Elle publicou ha mais de vinte annos: «O poeta de hoje não deve cantar senão as grandes idéas e os grandes principios que vogam nos nossos dias.» (A LYRA DO DOURO, pag. 443). Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, João de Deus, Guilherme de Azevedo não aceitam de certo as táboas d'este Moysés da Ervedosa: mas elles eram creanças quando o poeta socialista, emboscado em obscuro ermo, era o primeiro que, no pleno reinado de Garrett e Castilho, classicos thuribularios dos proceres dos pennachos e arminhos, escrevia: «Passou o tempo das odes pindaricas, genealogicas, elegiacas, laudatorias, dedicatorias e outras de servil e aduladora memoria: odes que se faziam e dedicavam ás altas personagens para lhes gabar o seu sangue claro como a agua turva e a sua prosapia tão antiga como a dos arcadios, que se diziam mais antigos do que a lua, mais illustres do que os reis do Oriente, os quaes se intitula-

vam primos do sol; e mais vale com effeito ser primo do sol, ainda que seja o parentesco remoto, do que de alguns reis da Europa, os quaes se chamam primos uns aos outros.»

Nos quatros volumes estampados e esquecidos, rara poesia melancolica se me depara. Como amostra do seu genero elegiaco, transcrevo a primeira quadra de uma nenia *Ao fallecimento da rainha*:

> Além nos paços reaes
> Reina grande afflicção:
> Passam condes e mar'chaes,
> E mais d'um cirurgião.

Isto de «mais de um cirurgião a passar» é tocante, é abusar da sensibilidade da gente.

Parece que estamos vendo passar o snr. Barral, e mais o snr. Magalhães Coutinho, e mais o snr. Bernardino Antonio Gomes.

Triste! triste!

BOCAGE

Está quasi esquecido este nome panico. Não tem nada do nosso tempo, e representa um periodo litterario esteril e triste como as charnecas. O romance, o drama e os editores exploraram-o. Deu pouco. Estava no occaso a geração que na mocidade recebera a herança de assombro do repentista Bocage. Houve ahi um escriptor illustre que lhe republicou as obras, sem exclusão das obscenas que não se vendiam a meninas de 15 annos, sem ellas as mandarem comprar pelas criadas. Foi isso abrir uma sepultura para impestar a atmosphera, e pôr um ferrete de ignominia em vez de lhe esculpir na lousa a cruz da misericordia divina. Bocage e os

seus collegas declivaram a rampa por onde escorregaram á voragem das inutilidades esquecidas. Os archivistas dos seus epigrammas e sonetos martellados vão tambem desapparecendo. Nem o sentimento, nem a linguagem, nem a historia tem nada que vêr com a vertigem contrafeita, com aquelle trovejar theatral dos farcistas do botiquim das Parras. É uma farragem de pomposas bagatellas que não formam élo na cadeia da evolução do espirito. José Agostinho de Macedo poreja a mesma podridão n'essa rima de vadios que desbragaram o talento a termos de não ter bastado meio seculo para resgatar o poeta da abjecção a que o aviltaram o jantar do fidalgo, o mote da freira e os applausos da ralé. Quanto a Bocage, ao maioral da turba sonora, os sonetos, fórma gentilissima e magistral da sua indole *mais propensa ao furor do que á ternura*, são uma orchestra estrepitosa em que raro se ouvem as toadas gementes da harpa. Sem originalidade no pensamento, dá ares de creador pelo resalto da côres. Encadearam-no, cortando-lhe os vôos do genio, as peias da mythologia; por isso é tão pallida a idealisação dos seus poemas, raras vezes levantados a idéas abstractas. A tempera rija de sua alma, endurecida ainda pela hilaridade com que lhe festejavam o latego nemesico, quebrou-lhe as cordas mais

maviosas do alaúde. Quando quer ser plangitivo, transporta-se contrafeito, em raptos e exaltações por conta de cousas que não dão para isso. Nos poemas que Bocage escreveu no Oriente debalde se procuram indicios de espirito scismador e abstrahido da intuspecção de si proprio em mundo tão novo na sua decrepidez e tão inspirativo em suas cans deshonradas pela desgraça e pelo desamparo da metropole. Os poetas d'aquelle cyclo viviam tanto de si mesmos, eram tão egoistamente individualistas que por acerto nos revelam as contingencias da sua alma com os panoramas da vida exterior. Se cantavam de arvores, de montanhas, serviam-se de phrases recaldeadas pelas pastoraes classicas. Assim Gonzaga, poetando entre as exuberancias nativas da sua America, assim Fernão d'Alvares do Oriente, o poeta indiano, com vida e patria tão de molde para extraordinarios cantares, assim Bocage sonetando Anardas, Glauras e Gertrurias entre as ruinarias das odysseias de Albuquerques e Castros! Nem a tristeza do céo, nem as quadrellas tostadas dos baluartes derruidos, nem a foz do Mandovi, nem a gruta de Camões o destoavam d'aquelles hendecasyllabos do café Nicola, turgidos, sonoros, bocagianos em summa; porém compassados e quasi incommodos como o arfar ininterrupto de um pen-

dulo. Bocage trouxe-nos da India apenas a hyperbolica descripção dos costumes goezes. Como o seu horisonte não ia além dos contractos sociaes — a saudade dos poetas do *Agulheiro dos sabios* onde tinha o seu palco e diadema — suppurou-as no fel da mordacidade contra os canarins:

> *Lusos heroes, cadaveres sediços,*
> *Erguei-vos d'entre o pó! Sombras honradas,*
> *Surgi! Vinde exercer as mãos mirradas*
> *N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.*
>
> *Vinde salvar d'estes pardaes castiços*
> *As searas de arroz por vós ganhadas.*
> *Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,*
> *Que ellas culpa não tem, tem mil feitiços.*

Isto é sublime de mordentissima galhofa; mas a alma do poeta, quando ahi desce, vem cahida do alto como aguia ferida a esvoaçar-se em charcos paludosos [1].

---

[1] *Curso de litteratura portugueza*, por Camillo Castello Branco. 1876.

O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO

Fez annos o leão, quiz ir á caça,
E a d'elle não costuma ser escassa;
Não consiste em pardaes, em bagatellas,
Mas em bons javalis, e em corças bellas.
O rei dos bosques próvido e discreto,
Para surtir effeito o seu projecto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vai servir-lhe de buzina.
Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê, que inda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas.
Não era aquella trompa ainda usada
Ao fragor de azinina trovoada:
No ar o espantoso orneio emfim resôa,
Vaga o terror, e as grutas despovôa:

Tremendo, a turba agreste alonga o passo,
Foge tudo, e fugindo, eis cae no laço
Onde os espera a garra penetrante.
« Então, que tal, que tal? Não sou chibante? »
(Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
Arrogando-se a gloria da caçada).
«Trôas (volta o leão), trôas deveras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava! »
O burro, se pudesse, resmungava,
E tinhamos arenga, ainda que havia
Motivo para aquella zombaria.
Pois quem ha de soffrer, quieto e mudo,
Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
Quem soffrerá, que audacia o burro affecte?
Caracter fanfarrão não lhe compete.

A MACACA

Nos sêrros do Brazil diz certo auctor que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia;
Milhões de chichisbéos pela taful guinchavam,
E, por não terem aza, o rabo lhe arrastavam,
Qual cahindo-lhe aos pés, de amores cego e louco,
Nas cabelludas mãos lhe apresentava um côco,
Qual do assucar brilhante a sumarenta cana,
E qual um ananaz, e qual uma banana.
Ella com riso astuto, ella com mil caretas
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho,
A todos promettia o mais fiel carinho;

*

E se algum lhe rogava especial favor,
Á terna petição dizia: «Sim, senhor»;
Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
E os pobres animaes ficavam em jejum.

Leitores, ha mulher tão destra e tão velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca.

GARÇÃO

Pedro Antonio Corrêa Garção, casado e mais que muito maduro, á volta dos quarenta e oito annos requestou uma donzella escoceza, sua visinha, filha do intendente de artilheria Macbean. O poeta costumava jantar com o visinho, como se deprehende de duas odes com que o brinda na effusão de sua carne jubilosa e alma agradecida. Mas, como se o perú não bastasse a darlhe estro, a filha do hospedeiro escocez explica mais ao natural o alento poetico das referidas odes. Macbean surprehendeu um dia uma carta do visinho á filha, e da leitura inferiu que o poeta predispunha um rapto, e que a filha aceitava a fuga para esconder o testemunho já in-

equivoco da sua fragilidade. O militar ao serviço de Portugal apresentou-se ao ministro omnipotente com a carta do seductor. O marquez de Pombal, na noite d'esse mesmo dia, mandou recolher o poeta no Limoeiro, onde entrou em 9 de abril de 1771 e d'onde sahiu defunto em 10 de novembro de 1772.

Aventaram-se varias conjecturas sobre o motivo mysterioso do encarceramento de Garção. A mais absurda foi a mais seguida por homens de grande polpa, mas de escassa critica. Diziam que o marquem de Pombal se aggravára do arcade que no poema intitulado *Falla do duque de Coimbra recusando a estatua* apontára uma frecha insidiosa ao medalhão do ministro esculpido na Memoria a D. José. Ora esta poesia leu-a Garção em 1754 na *Academia dos occultos,* o monumento do Terreiro do Paço foi erecto em 1775, e o poeta era já morto havia dois annos. Como Garrett e Theophilo Braga puderam combinar-se no ponto dado de uma parvoleza! Só n'isso, para verificar-se o toque dos extremos.

Garção era mediocremente folgazão. Fazia dithyrambos de uma graça tão duvidosa que parecem elegias. Não ha nada mais salobro que esses *évohés* dos arcades, a simularem borracheiras, que lhes sahiam genuinas em taes composições. As satyras são uns embrechados de locu-

ções sornas com bafio quinhentista, horacianas na contextura, sem faúla de philosophia, nem ironia, nem moralisação. Eu não conheço nada mais cru, gorduroso e cançativo que a poesia séria do seculo passado. Onde ainda vislumbram algumas scintillas de protervo talento é nos poemas ineditos e aphrodisiacos que, de modo como a poesia do macadam se vai deslinguando, não tardarão a serem estampadas como modêlos de virgindade.

Encontro nos meus papeis dois sonetos ineditos de Garção. Contendem ambos com capellães do Loreto. Não sei que zanga era esta do poeta da Fonte Santa com os capellães, e nomeadamente com o padre Delfim, que tocava rebeca e gostava de moças. Taes capellães e taes poetas.

SONETOS INEDITOS

AO PADRE DELFIM, CAPELLÃO DO LORETO

Depois de tu quebrares a rebeca,
N'um mólho cordas, arco e cavallete,
Depois de a sepultares na retrete,
Abrindo-lhe epitaphio em m.... sêcca,

Epitaphio que diga: *O padre creca*
Arrancando as farripas do topéte,
Despiu a lôba, cabeção, roquéte,
E em trajos de romeiro foi-se a Meca.

A bandurra ou guitarra que tangia
Que choca sempre foi, de mil rascôas
Nunca mais se ouvirá pelas sanzalas.

Depois de feita tanta bruxaria,
Ainda gostas, Delfim, de moças boas!
Com que prestigio esperas amental-as?

AO PADRE ANTONIO DE S. JERONYMO, CAPELLÃO DO CÔRO DE NOSSA SENHORA DO LORETO, DE NAÇÃO ITALIANO

Misero gandaieiro do Parnaso,
Que para alimentar teu pobre estylo
Das escorias tiraste de Chirilo
Com que da idéa encheste o tosco vaso;

Apollo faz de ti tão pouco caso
Que vendo que tu foste perseguil-o,
Podendo-te mandar beber d'aquillo,
Mandou te désse furia o seu Pegáso.

Essa furia que o Pindo te dispensa
Bem sei eu que é de besta; no proluxo
O dás a conhecer d'uma obra extensa.

Deu-te Pegáso as aguas de repuxo;
Que Apollo, só se andasse de corrença,
É que podia dar-te o seu influxo.

CONDE D'AZEVEDO

Tinha a singularidade phenomenal de ser sabio e rico. Seria inverosimil n'este paiz o conde d'Azevedo, se se dissesse que elle publicou livros seus para os vender. E, ainda assim, a liga do ouro e da sciencia é já de sobra para que o erudito fidalgo fique na memoria de homens como um ente exceptuado que desgarrou da contextura dos nossos costumes nacionaes.

Foi coronel de milicias, foi deputado, foi governador civil, foi conde, tinha no seu brazão a aguia da varonia d'Azevedos, contava avós até á fundação da monarchia lusitana, e d'ahi para cima, desde D. Arnaldo de Baïão, tudo nos persuade que os poderia encontrar até surprender

o Creador a fabricar o primeiro dos seus avós. Desdenhava prosapias, e gloriava-se todavia particularmente de seu setimo avô, Martim Lopes d'Azevedo, o patriota preso, proscripto e empobrecido porque se bandeára contra Castella na hoste de D. Antonio, prior do Crato.

Era um homem de bem. Para lhe chamarem nas gazetas facinora, caipira, besta e ladrão foi necessario que governasse o districto de Braga em 1845. Desde que esquivou na poltrona da sua bibliotheta o osso sacro aos pontapés da politica, volveu a ser, por commum assentimento de todos os partidos, um espirito recto, muito esclarecido, e digno de exercer os cargos superiores do Estado.

Era catholico estreme. Conhecia os santos padres. Ouvia missa, abstinha-se de vacca á sexta-feira, seguia os sacramentos, expunha as suas crenças na Associação Catholica, na livraria Moré, em sua casa, sem rubor de sua fé nem receio dos racionalistas. *Non erubesco,* dizia elle com o Apostolo. Escreveu vigorosos opusculos de polemica religiosa, e prefaciou um livro meu — A DIVINDADE DE JESUS — com muita habilidade e theologia.

Fazia versos. Traduziu aos vinte annos, e publicou aos sessenta, no prelo de sua casa, as BUCOLICAS de Virgilio. Escreveu a tragedia

ATHREO E THIESTES, fez odes e sonetos, epigrammas e idyllios. De tudo isto colligiu um volume que imprimiu em setenta exemplares e repartiu por setenta amigos. Um d'estes setenta vendeu o livro. O conde, tendo noticia d'essa veniaga, concluiu que os seus amigos eram só 69. Depois, soube que se vendera n'um alfarrabista de Lisboa um volume das suas DISTRACÇÕES METRICAS. Indagou com o fim de reduzir os seus amigos a sessenta e oito, quando soube que o exemplar havia apparecido no espolio do fallecido, e, por isso, irresponsavel Torres e Almeida.

Tenho aqui cento e tantas cartas do conde de Azevedo. Quasi todas versam assumptos bibliographicos que elle professava magistralmente. A sua livraria era muito rica e muito lida, emquanto o conde pôde lêr. Quasi cego, colleccionava ainda livros raros. Já doentissimo, dois mezes antes de morrer, expunha-me a sua perigosa molestia, e escrevia-me em conclusão: «Isto não dispensa a vossê de, quando bispar algum livrinho dos que lhe recommendo, o ir comprando para mim: e eu, se cá descobrir algum, immediatamente o participo para evitar duplicados.» Poucos dias antes de fallecer, mandou transferir para junto do leito, onde se estorcia em angustias, duas estantes envidraçadas que continham

os livros mais raros. Já não os via; mas apalpava-os, e dizia aos seus amigos consternados: «Elles cá estão.» Queria dizer que estavam alli os seus mais intimos e prestantes amigos.

Tenho d'elle cartas engraçadas. Contei-lhe que um seu primo, o visconde ***, já em idade provecta, casára com uma menina sanguinea, conhecida do Chiado, não do frade-poeta d'aquelle appellido, mas da antiga leoneira do Marrare, d'onde sahiram todos estes ministros e pares e embaixadores de hoje em dia, e que, n'aquelle tempo, desmaiavam os lirios virginaes do rosto de uma senhora só com o bafo acidulado de marrasquino ordinario. Depois, o visconde morreu, e a viuva deu á luz um menino robusto. Os sobrinhos do visconde, para desbalizarem da herança o producto da viuva, allegaram, estribando-se na decrepidez do defunto, que a criança era filho adulterino. O processo ia decidir-se talvez contra a innocente criança, quando se descobriu que o pequeno tinha seis dedos n'um pé, — anomalia que herdára de seu legitimo pai, que tambem tinha um dedo sobrecellente no pé direito. Á vista d'isto, os contraventores desistiram, e toda a gente viu, como eu vi tambem, n'aquelle sexto dedo do pé, o dedo da mão da Providencia.

A este respeito, escreve-me o conde d'Azeve-

do: « Dá-me vossê uma novidade que me espantou... Apenas ouvi dizer vagamente que a tal segunda mulher era uma menina muito nova, e elle visconde, quando casou segunda vez, passava muito de oitenta annos. Em vista d'este casamento extraordinario, todos pensavam que, se a menina tivesse filhos, o pai d'estes seria um ente problematico; mas vossê dá-me agora a certeza do contrario, assegurando-me que o visconde, que era sem duvida um homem finissimo, teve o melindroso cuidado de fazer um filho, o qual pudesse desassombradamente provar a todo o tempo com evidencia mathematica a sua verdadeira paternidade; e, por isso, como elle visconde tinha seis dedos em um pé, phenomeno rarissimo em pés humanos, não se esqueceu de abrir no pé do filho igual raridade phenomenal. O que mais admira é como elle pôde fazer aquillo, quando tudo nos deve fazer crêr que, ao tempo em que esboçava e aperfeiçoava depois o seu artefacto, não se serviu de microscopio nem de oculos, sequer. Fico convencido de que meu primo visconde de *** foi esculptor mais extraordinario que Praxiteles e Miguel Angelo e Canova. Nenhum d'estes era capaz de lhe lavar os pés, porque ao lavarem-lhe o sexto dedo... borravam as calças. Perdôe-me vossê a grosseria da expressão, porque não sei outra com que lhe

manifeste o meu espanto no caso que me conta dos seis dedos de meu primo.»

D'aqui se deprehende que o conde d'Azevedo não aceitava a interferencia providencial do sexto dedo na demanda instaurada contra a legalidade do filho da viscondessa de tal.

Se a religião lhe ficasse para além da razão, não saltava as barreiras da consciencia a procural-a. Sabia de cór Voltaire e resistira-lhe. Lia os heresiarchas da estirpe de Luthero. Abria os doutores da Igreja e demonstrava que a refutação era tão antiga como a heresia remoçada.

O conde tinha uma cadeira de sola e pregaria amarella na sua bibliotheca. Depois de jantar, adormecia alli sentado, uma hora. Vinham os amigos infalliveis nos seus saraus litterarios. Elle então descerrava o inesgotavel thesouro da memoria, sem pretensões, no tom familiar de quem conversa, perlustrando todas as provincias das letras amenas com uma critica algum tanto atrazada, mas congruente com os seus dogmas catholicos. Ouvir lêr A MORTE DE D. JOÃO do snr. Guerra Junqueiro, e não me consta que fizesse passar o poema ao ventre fecundo da Mãi-Terra pelo esophago da sua latrina no largo de Santo Antonio do Penedo.

«Eu tenho mais medo aos petroleiros do que aos poetas — dizia elle —; mas receio que estes

Amphiões em vez de pedras com que edifiquem cidades, arrastem correntes de petroleo com que as desmantelem.» Elle não sabia que o effeito inflammatorio da poesia no povo portuguez é como o effeito das ventosas n'um morto: é lume pegado á lama e á podridão. Um poeta que em Portugal se desgrenha revolucionariamente é uma tragedia em monologo que esbarra na indifferença publica. Elles afinal comprehendem a vida e o paiz. Quando não vingam ser ministros, são amanuenses, visto que não podem comer os seus livros como Ezequiel.

O conde d'Azevedo escreveu jocosamente muita poesia. Os fidalgos letrados communicavam-se assim espiritualmente com as fidalgas amigas das musas. Em dia de annos, de casamento, de baptisado havia quasi sempre decima ou soneto a espumar risos de chalaça urbana — graça portugueza, uma coisa funerea que faria chorar a graça franceza. Liam-se estas lucubrações depois de jantar, tiravam-se traslados, regalavam-se os parentes distantes com a remessa d'essas flôres de abobora, e guardavam-se os ensebados autographos entre as paginas do FELIZ INDEPENDENTE e da VIRGEM DA POLONIA.

Não pertence a esta domestica alegria do genio a seguinte poesia do conde d'Azevedo.

EPICURISTA INOFFENSIVO

I

Sacrificar a sorte aos vãos caprichos,
A fortuna, a saude, a paz, a vida,
A troco de ganhar na humana lida
De homem de grande tom sonora fama;
Póde ser o melhor, mas para mim,
        Digo-o aqui baixinho,
        Não quero a gloria assim.

II

A mais solida gloria a considero
Em que o 'spirito meu tenha descanso;
Que, qual d'um rio o placido remanso,
Quasi sem eu sentir meus dia corram;
Té que afinal á sepultura desça
        Sem ter tido nunca
        Uma dôr de cabeça!

*

III

Ao almoço, ao jantar, e mesmo á ceia
Unido ao paladar o pensamento
Não deve perturbar-me um só momento
O prazer que então gozam meus sentidos:
Unico sentimento alli me seja,
Contínua saudade
Do que ainda sobeja!

IV

Deitando-me a dormir em molle cama
Nas mais compridas noites de janeiro
Commigo se ha de achar sonho primeiro
Já depois de nascido o sol seguinte;
Quero então acordar, quero estirar-me
E a bocca abrir languida!
Quero depois coçar-me!

V

Se n'este ensejo á porta do meu quarto
Batendo de mansinho o meu criado
Vier dizer: — «Senhor, se deputado
Quer ser ás côrtes, anda o regedor
A passar os bilhetes, e é maré»:
Respondo: — «São horas,
Venha leite e café.»

VI

Se para o ministerio me apontasse,
Enganada a opinião por incidente,
Daria logo parte de doente
Até ser o logar por outro cheio;
Vale mais receber que dar despachos,
E ter carregados
Que carregar os machos!

VII

Ir commandar a tropa nem por sombra,
Setembrista, carlista, ou miguelista;
Esta nação de farda e sobrevista
Se catanadas dá, tambem as leva!
Nada de guerras, nada de batalhas,
Eu não quero gloria
Colhida entre mortalhas!

VIII

Diplomatico ensaio inda soffrera
Se mister lhe não fôra mentir tanto,
Soltar, querendo rir, amargo pranto,
E querendo chorar, rir então muito;
Passar vigilias mil, estudar manhas,
Mostrar bocca aberta
Para engulir patranhas!

IX

Aos Cyros que aproveita, e aos Alexandres,
Cesares, Fredericos, Bonapartes,
E a mil outros famosos n'outras artes,
A poder de trabalhos e perigos
Essa coisa ganharem dita gloria ?
Mais dôce é a vida
Na cama que na historia !

X

Sem gabar-me direi: tenho comido
E bebido tambem soffrivelmente ;
Em mangas tomo a fresca em tempo quente,
Assento-me ao fogão quando faz frio ;
No mundo estou qual paio no fumeiro,
Ninguem lhe faz venia
Nem lhe pede dinheiro !

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

Conheci-o imberbe, azevieiro e alegre como o pardal lascivo nas alvoradas de abril. Era d'um cenaculo de rapazes portuenses que tinham muito talento, e se entre-queriam com um amor de camaradas que já hoje, a esta hora alta da civilisação pelo egoismo, se nos figura um sentimento absurdo, uma pieguice selvagem de povos incultos. D'essa confraternidade dizia já o fallecido Guilherme Braga — poeta de primeira ordem — a outro notavel poeta, já tambem morto, Ernesto Pinto d'Almeida:

....

Tu vês mais perto ainda um circulo d'amigos,
— Lyras de que o futuro ha de extrahir um som —
Agrupados alli como n'um Pantheon.

Alexandre [1], *o que vê na linha do horisonte*
A luz que ha de dourar a mais humilde fronte
E que adora essa luz como os indios o sol.
Dias [2], *o scismador, alma de rouxinol*
Que se anda a lastimar por esta soledade,
Abrindo em cada peito um echo de saudade,
Casimiro d'Abreu nascido em Portugal.
Miguel Angelo [3], *o artista, a cabeça immortal,*
Onde está fermentando um futuro mais rico,
O homem que levantou o cadaver de Eurico,
Para o dar no theatro ás grandes ovações,
Que cercam de ordinario os grandes corações.
Custodio [4], *alguem que sonha e pensa todo o dia*
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia.
Coração que se abriu, como o lirio no val,
Aos raios do luar, aos raios do ideal

Alexandre da Conceição cantou o amor, cantou *Stella*, um[5] poemeto que parece de Musset ou Heine. Fulminou a *Iberia* (não a Iberia geographica, mas a politica, bem se entende), execrando o pensamento da união peninsular, com umas iras mais honradas que as de Phebus Moniz, a respeito do qual o snr. Ramalho Ortigão dizia aqui ha um anno nas FARPAS: «O povo n'um caso de lucta pela suprema affirmação do seu direito não poderá tirar hoje do seu gremio uma

---

[1] Alexandre da Conceição, auctor das ALVORADAS.
[2] José Dias de Oliveira, auctor da LYRA INTIMA. (Morreu em miseria no Rio de Janeiro).
[3] Miguel Angelo Pereira, compositor do EURICO.
[4] Custodio José Duarte.
[5] HERAS E VIOLETAS.

ntelligencia mais preparada para o combate das ideias que a de Phebus Moniz, o valente e inculto plebeu.» Ora Phebus Moniz não era inculto, nem plebeu, nem bom portuguez. Não era inculto, porque o povo o elegeu como eloquente afim de orar nas juntas, e com a palavra logrou perturbar o espirito dos governadores do reino. Não era plebeu, porque era fidalgo e sumilher da cortina de D. Sebastião; não foi portuguez leal porque se bandeou em Castella recebendo de Philippe II em 1587 o alvará de cavalleiro do seu conselho com 4$286 reis de moradia e alqueire e meio de cevada. Se o snr. Ramalho Ortigão fizesse mais poesia e menos historia, poderia vulcanisar o seu patriotismo em estrophes inaccessiveis ao reparo dos que já não se fiam em Phebus Monizes, e depositam a maxima confiança nos Christovãos de Moura. Eu tenho mais fé nos rapazes quando elles conclamam á imitação de Alexandre da Conceição:

> *D'uma vez para sempre protestámos:*
> *Não qu'remos ser Hespanha, não seremos*
> *Nem hoje, nem jámais.*
> *Se é pequeno o paiz, o povo é forte,*
> *E sabe defender até á morte*
> *O nome de seus paes.*

Digo que tenho mais fé n'estes protestos; porque eu, coisas que não me entram pelo ra-

ciocinio, creio-as por fé. Se a serpente do Escorial começar a desdobrar as roscas por aqui dentro, é possivel que vinguemos entorpecel-a com a frauta pastoril como Chateaubriand ensina que succede ás cobras-cascaveis, quando lhes tocam uma cavatina. Nós temos cinco hymnos assás guerreiros, e o trompão é quasi um instrumento nacional que no dia da ira começará a ulular de uma fronteira á outra.

Aposto que o meu amigo Alexandre da Conceição, que tem hoje quinze annos mais do que as suas ALVORADAS, não protestaria agora, se Hespanha nos conquistar, *defender até á morte o nome de seus paes.* O nome do pai de cada qual não se defende nas fronteiras: é na conservação da honra herdada; e tanto monta que um nome illibado floreça na terra tributada á manutenção de esbanjadores nacionaes como á de estranhos. Os alardos de eloquencia que se estadeiam nas festas anniversarias da *Restauração de 1640,* são um patriotismo theatral que se ministra annualmente á curiosidade faminta de salabordias como um timbal de hyperboles requentadas. Lá fóra devem rir, e cá dentro os proprios Codros de periodos arredondados, no dia da catastrophe, terão maior confiança na cavalgadura que na rhetorica. O prior do Crato, quando fugiu de Alcantara, não ia a cavallo nas metaphoras do seu

eloquente amigo Manoel Fonseca da Nobrega; e, nas margens do Lima, quando os hespanhoes lhe iam no encalço, D. Antonio preferiu vadear o rio ás cavalleiras de Thomé Cacheiro, a ouvir o *dulce est pro patria mori* do palavrorio do bispo da Guarda.

Fazer politica de botica e historia de rabicho, quando se relembram amenidades de tão bom poeta como Alexandre da Conceição é apresentar certidão de idade algida de mais para isto. O dôce cantor das ALVORADAS é engenheiro. Optou pela engenheria quando a natureza dadivosa lhe deu a escolher isso ou a inspiração — o sol das montanhas de Traz-os-Montes, ou o sol do ideal. Calou-se a poesia para ouvir coaxar as rãs dos lagos e grasnar as pêgas dos pinhaes. Quem lhe poetisou o boi e o pão quotidiano foi a mathematica. Um dia, porém, desceu de Bragança ás margens do Mondego, e apenas aspirou a fragrancia dos laranjaes, o psalterio intimo gemeu-lhe uns psalmos penitentes de ingrato aos dons do céo, do céo de Coimbra que é uma delicia apesar do fedor terreno das sargetas que já viram Ignez chorosa. Eu não inculco o superlativo lyrismo d'estes poemas que vão lêr-se. São duas satyras tecidas com as locuções modernissimas do ritual dos grão-lamas que presidem á Tartaria da poesia acrobatica.

VERSOS D'UM CATURRA

(A CAMILLO CASTELLO BRANCO)

Ó poetas, ó bardos realistas
Que gastaes a *gris-perle* do Baron,
Que escreveis no vasconso das modistas
E viveis nas delicias do bom tom;

Que fumaes os charutos da Havaneza,
Comprando cada mez um chapéo alto,
Que tendes por amante uma duqueza
E confundis calcareo com asphalto:

Vós sois a grande *élite* dos janotas,
A fina flôr do *big-life* e do Chiado,
E engraxaes com saliva as proprias botas
E usaes luvas de côr por um cruzado.

Vós sois uns grandes typos, ó poetas!
Em verso almoçaes ostras e faisões,
Regando com *champagne* as costelletas,
E em prosa comeis caldo de feijões.

Sois terriveis, ó bardos d'alta marca
Repletos do ideal feroz, sangrento
De ser recebedores de comarca
Ou pescar uma herdeira em casamento.

É por vós que o futuro, esse mysterio,
Nos abre os seus esplendidos umbraes,
Emquanto vós ganhaes n'um ministerio
Sem trabalhar alguns mil reis mensaes.

Vós prégaes a republica, a igualdade
Em versos coruscantes, biliosos,
Sem verdes que a republica — a verdade,
Não é ama de leite de ociosos.

Vós sois, ó grandes bardos, um symptoma
Da corrupção geral que vos domina;
Gritaes contra a corrupta e velha Roma
E beijaes os chapins á Messalina.

A vossa indignação é pois rhetorica,
Ó crentes do ideal, fortes, estrenuos;
Para vós a virtude é só theorica
E o dever espantalho para ingenuos.

Nos bons tempos dos pallidos romanticos,
De que nos rimos hoje desdenhosos,
A forte inspiração dos nossos canticos
Tornava-nos poetas e briosos.

Era a mulher a inspiração robusta,
O nosso vello d'ouro, o nosso estimulo;
Agora até o amor já nos assusta
E pegámos do idolo e partimol-o.

Ficou vazio o pedestal? Não fica,
Em vez da mulher candida, impolluta,
Adoramos a *herdeira* tola e rica,
Ou a *cocotte chic* e dissoluta.

Ó poetas azues do romantismo,
Figuras ideaes e desgrenhadas,
Fugi das seducções do realismo,
Furtai vossos cabellos ás pomadas.

Meus velhos companheiros portuenses,
Cultivai o ideal e o sentimento...
Quando muito sereis amanuenses,
Mas salvai-nos a honra do convento.

Mal se póde viver da honra, é certo;
A honra é uma romantica pelintra,
Que se não mostra em carro descoberto,
Nem vai passar o estio para Cintra.

É sombria, feroz e petroleira,
Caturra, semsabor, impertinente,
É *gauche,* veste mal e diz asneira
E por isso incommoda muita gente.

Assim vós sois, ó pallidos poetas,
Democratas de figados e fibras,
Que escreveis as noticias das gazetas
E fazeis um romance por tres libras.

Por caso algum mudeis o penteado,
Samsões do amor, perdeis a gentileza!
Não passeis das orgias de cruzado
Com vinho de Amarante e sobremeza.

Cantai, como os antigos trovadores,
O amor, o amor cruel, sentimental,
Com regatos e brizas, luas, flôres
E a restante metralha de arsenal.

Mostrai que sois a velha guarda nobre,
Que morre com valor, mas não se rende,
Que preferis um verso antigo e pobre
A um verso que se lê, mas não se entende.

Cantai vós a mulher formosa e santa,
Eterna inspiração de inspirações,
Emquanto a poesia nova canta
As torpes immundicies dos saguões.

O MARIALVA

(A EMYGDIO NAVARRO)

Elle era descendente dos reis godos
Pela parte do pai em linhas curvas,
Pela parte da mãi é que, p'los modos,
As fontes da nobreza eram mais turvas.

Tinha a cabeça pequenina e chata,
O olhar indefinido e somnolento,
A mão esguia, molle, aristocrata,
E o rosto magro, alvar e macilento.

Era insolente e audaz como um lacaio
Com todas as mulheres indefezas;
Tinha um cavallo preto e outro baio,
Em que fazia enormes gentilezas.

Mostrava-se á uma hora no Chiado
Na roda dos fidalgos seus parentes,
Tinha um risinho sêcco e arripiado,
Como se o riso fosse com os dentes.

Entre os heroes na infamia destemidos,
Elle era dos infames o primeiro,
Já tinha deshonrado tres maridos
E dado seis facadas n'um cocheiro.

Figurava no *high-life* do *Illustrado*,
No dia dos seus annos este Dom,
E fazia de moço de forcado
Nas corridas de touros do bom tom.

Dançava o fado á noite nas tabernas
Com soldados, marujos e barqueiros,
E dizia ás rameiras phrases ternas
Que faziam córar os taberneiros.

Tal era o descendente de Dom Fuas!
Mettia um par de ferros com pericia,
Insultava as senhoras pelas ruas
E vivia nas graças da policia.

Mais era este illustrissimo devasso,
No qual tudo o que é torpe se condensa,
Moço fidalgo com funcções no paço,
Onde a etiqueta não consente a imprensa.

Fazes tu muito bem, ó etiqueta,
Por isto bem se vê que tens juizo.
Não consintas no paço uma gazeta...
Não mostres á serpente o paraiso.

Podem por lá tentar-se as tuas Evas
E comerem do pomo os teus Adões!
Que te livrem do espirito das trevas
Os Oneils, os Viales e os Ferrões.

Mas deixemos o paço, que é um passo,
Voltemos ao heroe da versalhada...
Elle era tão idiota e tão devasso,
Que eu dou a historia aqui por terminada.

Não quero que me chamem *realista,*
Que escrevo sem ter nojo, nem pudor,
E a descripção completa do fadista
Havia de engulhar muito leitor.

---

*

ALFREDO DE CARVALHAES

Revelou-se de subito este poeta sarcastico. É realista dos mais avançados; conhece a lingua portugueza e a *grivoise;* antepoz a leitura aos desvarios da ideia moderna; descarna pelo pôdre e pelo são; faz caricaturas quando bosqueja typos: faz monstruosidades espantosas de graça; obriga a rir-se a gente das miserias que, descriptas d'outro feitio, fariam chorar. Alfredo de Carvalhaes não desponta assim os asperrimos eculeos da vida; mas tambem os não aguça. A taberna e o prostibulo conservam a sua estatistica inalteravel ha seis mil annos, desde que a gente conhece o mundo tão pôdre, que parece decrepito ao nascer. Sir John Falstaff é eterno

posto que ande repartido em kilos por diversos sujeitos que, lançados na retorta, dariam como precipitado a concreção da asneira.

Guilherme d'Azevedo creou o ROSALINO; Alfredo de Carvalhaes deu á luz a CALAINHO. Presumem leitores ligeiros que a Calainho é uma pessoa que exerce todas as funções da vida zoologica, e canta a *Casta Diva*. Uns dizem que a viram, outros que a ouviram, e ha phantasistas que asseveram tel-a cheirado quando ella passa com um *bouquet* recendente e um rôlo de variações do NABUCO que vão ser justiçadas. Dos outros dois sentidos ninguem se gaba. Tudo calumnia, afim de desluzir a authentica invenção do poeta, que se affirmou originalissima na poesia que o leitor vai julgar.

É certo que eu, ha vinte a cinco annos, conheci uma dama abezelgada e frescalhona que tinha aquelle appellido. Ouvi-a trinar melodias com garganta não vulgar. Tinha nevroses e paixão, quando a letra italiana lhe punha o coração a suspirar nas teclas. Os seus olhos coriscavam ou languecìam segundo a rubrica. Era uma cantora de todos os salões da moda; e a gente, quando a via ao longe, sentia-se cheio de harmonia e semifusas.

Não póde ser esta a dama Calainho que este anno ainda cantava a *Casta Diva*, verosimilhan-

ça unica, porque ella é coeva das glorias da NORMA. Tambem não é racionalmente chronologico. que Alfredo de Carvalhaes lhe solicitasse beijos com tanta escandecencia epileptica de beiços cupidineos. A mulher que eu admirei quando a minha alma era pantheista e em todos os cantares ouvia os anjos do Senhor, essa mulher deve ter emmudecido como as calhandras do almargem ás primeiras lufadas do vento soão. Deve ter passado e fenecido como as borboletas das minhas manhãs e as phalenas das minhas noites. A minha saudade ainda lhe escuta os requebros nos abandonos da JOVEN LILIA. Ah! dóe-me que Alfredo de Carvalhaes, por uma casualidade triste, reverdecesse as rosas da minha mocidade para coroar com ellas a fronte escampada e luminosa da mulher que teve o nome da sua, senão imaginaria, ridicula visinha!

ARABESCOS

I

Quando volto das ceias deslumbrantes
E me recolho á choça solitaria,
Por mais que escute, já não ouço a aria,
Aria d'amor que lhe escutava d'antes.

Está de mal commigo a companheira
Das phantasticas noites somnolentas;
Tomou a sério as quadras virulentas
Da minha poesia derradeira.

Julgou ser decisão definitiva
O que nunca passou de um mau gracejo;
Assignemos a paz ao som de um beijo
E vamos escutar a Casta Diva.

Não creia no que dizem certas folhas;
Eu não parto nem puz na casa escriptos;
Deixe-os zumbir, os miseros mosquitos,
Antes zumbam que volte a lei das rolhas.

O pensamento é livre, é livre a ideia;
Dil-o a Carta, confirma-o Rosalino,
— Magro heroe que serviu na patuleia,
E votou o ostracismo cabralino.

E como a ideia é livre, é livre a guela
D'uma dama qualquer, que á semelhança
Da grande Malibran, a gloria alcança
Que na terra abrilhanta o nome d'ella.

Foi sempre d'almas nobres, generosas
O desejo fatal que nos convida
A seguir as passadas gloriosas
De quem, morrendo, reconquista a vida.

Eu creio nos milagres e nas glorias
Do seu talento exp'rimentado ha muito,
Não de um concerto no volver fortuito,
Mas na serie continua de victorias,

Que da arte nas luctas inclementes
Soube alcançar, ó portentosa artista;
Se a cantora me espanta, a paizagista
Tem creações gigantes, surprehendentes!

Não serei eu, portanto, quem a impeça
De ir direitinha ao fim ambicionado;
— Eu prefiro ficar estacionado
Consultando o meu velho *Borda Leça.*

E prefiro ficar, porque a esperança
Já não me acolhe ao seio esmeraldino;
A gloria é grave e séria, a gloria cança
E eu gosto da salada de pepino.

Mas se eu não parto, parta; e emquanto arranja
Das malas a imponente comitiva,
Embora o coração se me confranja,
Escutemos, senhora, a Casta Diva.

II

Eu não sei que phantasma conspurcado
Se me desenha na parede escura;
Tem d'um macaco velho e corcovado
Alguma coisa a singular figura.

Nasceu de paes mestiços o farçola,
Se eram paes uns sebentos salafrarios
Que lhe deram por curso e por escóla
Dos Congregados os degraus lendarios.

Assim abandonado a um mau destino,
Em vicios foi crescendo de tal sorte
Que, dentro em pouco, o sordido menino
Tornou-se o mais notavel da cohorte.

Era um prodigio na pedrada; um alho
Na empalmação de lenços tabaqueiros;
Vai senão quando o pávido espantalho
Abandona de prompto os companheiros,

E, sem mais ceremonia, eil-o arvorado
Em redactor de certa luminaria
Em que mostra o despejo assignalado
Da suja mão cobarde e plagiaria.

A inepcia adora os chascos petulantes
Com que tenta ter graça o jornalista,
Como applaude as cantatas repugnantes
Do torpe reportorio de um fadista!

E chama áquillo o bom humor, a graça,
A fina graça lusitana!... Eu julgo
Não passarem taes ditos da chalaça
Que nas tabernas appetece o vulgo.

Mandemos-lhe um pataco carimbado
P'ra remendar as botas franciscanas,
E deixemos ficar o desgraçado
Manipulando as perfidas tisanas.

E emquanto as manipúla amesquinhando
A nossa boa esmola compassiva,
As relações antigas reatando,
Vamos, senhora, ouvir a Casta Diva.

III

Eu vi passar ha pouco reclinada
D'um *landeau* nos coxins, não sei por onde,
Calainho, a sultana almiscarada
Dos bailes sensuaes do *demi-monde.*

Ia bella e ridicula a panthera
Com seu pente fatal de tartaruga;
Creio que ha baile no « salão de espera »
Do mazorral commendador Leituga.

É certo! Ha baile! Os convidados passam!
E n'aquelle ar de lubrica alegria
Não sei que sentimentos esvoaçam,
Que estranho impulso impelle a biltraria!

Vai de tudo, senhora, o parasita,
O litterato, o medico, o farçante,
O conselheiro, o estroina, o jesuita,
Ninguem falta ao banquete deslumbrante!

Partamos nós tambem, dôce visinha,
Chamam por nós as leis da sociedade;
Ahi tem vossa excellencia a cadeirinha,
Eu vou a pé por causa da humidade.

Apraz-me d'uma orgia o borborinho,
Se, toucada de pampanos e parras,
Eu vejo perpassar a Calainho
Ao concerto das languidas guitarras.

Que espectaculo, amor! Mas que estopada
Se, em vez das rijas arias marinheiras,
Temos de ouvir chorar horas inteiras
A dôr da Joven Lilia abandonada?

Vamos ou não? Que diz vossa excellencia?
Eu gosto do banzé!... Mas se receia
Não ter p'ra tal supplicio, paciencia,
Põe-se de parte a desastrada ideia.

E em vez de irmos buscar (quem sabe?) a cova
No rodopio da mazurka activa,
No tépido interior da sua alcova
Escutemos, senhora, a Casta Diva.

IV

A sua alcova! O templo consagrado
Ao culto das camênas não teria
Mais enlevos de amor, mais harmonia
Do que o seu gabinete perfumado.

Sorve-se alli o peregrino aroma
De não sei que phantasticos arbustos,
Vindos talvez dos matagaes adustos
Dos distantes paizes de Mafoma.

— Habitação fatidica — trocal-a
Pelos «salões» de um brazileiro obsceno,
Senhora, não n'o faz um Cacassêno
E muito menos quem souber amal-a.

Que nos importa a nós o jogo, o vinho
E o dôce do Leituga millionario?
P'ra celebrar o «Fausto anniversario»
Supponho que é bastante a Calainho!

O tempo está chuvoso como um raio,
Um boqueirão de lama em cada rua!
Se abunda no que digo e não amúa,
Nem á mão de Deus-Padre d'aqui sáio.

Vossa excellencia sabe que padeço
(Isto depois d'um grande cataclysmo)
Dos insultos crueis do rheumatismo
E de outras macacôas que aborreço.

Se vou expôr-me aos ventos, á humidade
E da mazurka ao rapido compasso,
Não poderei dar ámanhã um passo,
Pagando assim bem cara a leviandade.

Orgias!?... Já não posso aprecial-as,
E sinto-me enojado ao pensar n'ellas!
Isso é bom para o vate Zé de Ornellas
E para as damas do Jornal das Salas.

Essas sim, meu amor! Aquellas almas
Têm tanto fogo como gêlo a minha:
Quem me déra nos tempos em que eu tinha
Para as saudar enthusiasmos, palmas!

Mas agora!... Se alguma coisa quero,
Em pouco se resume o meu desejo:
Dê-me vossa excellencia um longo beijo
E mande-me accender o fogareiro.

E emquanto ao bom calor da chamma viva
Meu regelado corpo se conforta,
Que a minh'alma se eleve em luz absorta
Na melodia azul da Casta Diva.

V

Pôr eu na casa escriptos, porque ás vezes
Da sua voz as vibrações divinas
Me distrahem das coisas pequeninas
Em que medito dilatados mezes,

Não só seria prova de mau senso,
Como tambem ingratidão suprema;
Eu devo-lhe, senhora, a esmola extrema
D'um generoso coração immenso.

Pôde-me crêr tão barbaro que ousasse
Realisar a graciosa ameaça?
Um sonho mau desapparece, passa,
Se a aurora nos amostra a rósea face.

Eu quero ouvil-a de manhã, á sésta,
A todo o instante como outr'ora a ouvia;
Seja vossa excellencia a cotovia,
Que, da minh'alma na ideal floresta,

Derrame, de harmonias n'um diluvio,
A fragrancia das bençãos sacrosantas;
Meu coração fenece como as plantas
Crestadas pelas chammas do Vesuvio.

E quando da tarefa improductiva,
Que a arte nos impõe, soar o termo,
Em vez do latinorio esteril, ermo,
Embale-nos na tumba a Casta Diva.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES

General que faça versos tem Portugal só este. A maioria dos outros fazem-se juvenis; mas não remoçam a versejar, é a tingirem-se. Entendimento bronco, e chato como patena; bigode negro e oleoso, guiado á Napoleão III, catadura de uma truculencia marcial que traz á memoria espavorida os retratos dos vice-reis da India, nas LENDAS de Gaspar Correia, e os coroneis das bravas e extinctas milicias de Tondella; taes são elles, os generaes não dados ás musas. Os generaes portuguezes, em pequenos, não adormeceram sobre o DICCIONARIO DAS RIMAS do Guerreiro: adormeciam sobre peças de artiheria como Turenne; e em vez de esfarraparem o THESOU-

*

RO DE MENINOS, á semelhança de Hercules no berço, espatifavam lampreias de ovos dos antigos Cócós. Morreu ha poucos annos o general Leoni que tambem versejava a sabor horaciano e emendava a pontuação errada dos LUSIADAS. Foi elle quem esgaravatou mais segredos no genio da nossa glottica, e fez descobertas que não deixam nada a desejar por serem de general luso. Dizem-me que temos outros generaes ainda manuscriptos, ricos de sonetos e charadas, fechados em gavetões, a resguardo do ôlho da Critica, e deliberados a não sahirem á luz sem que o nordeste do bom senso apague os archotes e varra a fumaça da poesia satanica; porque general portuguez, por via de regra, tem sempre o coração em pé de alferes, e conserva-se sentimental e madrigalesco até á reforma em marechal. D'esta dôce regra exceptua-se o general Cascaes, cuja indole é a satyra her[illegible]la, de pontaria certeira, mordente até á impertinencia. Não tem a chaneza fluente, a facilidade rhythmica de Tolentino, nem a ironia moderna mais pungente que os epithetos açacalados; mas observa com lente de augmento, e unha até sangrar a veia menos perceptivel dos enfermos que lhe offerece este hospital do mundo. É um esperto e melancolico observador, além de grande patriota este general a quem se deve a iniciativa do monu-

mento do Bussaco, onde, pelos modos, se apagou a estrella de Napoleão; e d'ahi talvez deriva a razão allegorica da estrella que lá está scintillando no alto do obelisco, a celebrar as nossas proezas. Ainda n'isto foi poeta, e tanto ou quê romantico o illustre general. Quando se levantou aquella memoria ao bravo exercito portuguez morriam desvalidos e obscuros os ultimos soldados d'essa batalha. Para elles não morrerem a vêr as estrellas, teria sido bom dar-lhes em saragoça e pão a Estrella do Bussaco.

O SERVIL

Faz tedio, raiva, só vêl-o.
Outro do que elle mais vil,
Do que o typo do servil...
Não ha, não ; vamos-lhe ao pêllo.

Esphinge de nova especie,
Não fabulosa — real,
De reptil e homem formada,
Junto do poder creada,
Eis o sordido animal.
Desdouro da especie humana,
Que Deus fez á sua imagem ;
Um coração de badana,
Brios de torna-viagem ;
Diante da auctoridade
Sempre curvo, derreado,
Seus actos elogiando
Com louvor exagerado ;
Batendo no coração,
E jurando convicção,
Conforme a ordem do dia :
Hoje sim, ámanhã não ;
De mau muito, e mais de vil...
Não é tão pouco o servil.
É mais, muito mais : — qual Jano

Dois modos, e caras tem.
P'ra cima — como ninguem
Cara alegre, e dobradiço
Mais que delgado caniço,
Que geme varrendo o chão
Ao violento furacão;
P'ra baixo — carranca, empafia,
Ar de grande valimento,
Que não vale a um por cento;
Fallas sêccas, sempre andando,
O costado endireitando,
Que, por não estar afeito,
Nunca fica bem direito.
— É mais: é sujo capacho,
Pisado por nobre... ou vil:
Comtanto, que dê *despacho,*
A mais não olha o servil.
Cobra d'ascoroso aspecto,
De rastos, prompta a lamber
As migalhas do poder;
Se o pressente vacillante,
Começa-o a maldizer;
E se a quéda está segura,
Ajuda-o a bem-morrer,
E cava-lhe a sepultura!
Qual indio que ao sol nascente
Ajoelha reverente,
E quando — no occaso apenas
Já seus raios não dardeja,
Troca do respeito as scenas,
E o sol — villão! — apedreja:
Ou, retrato verdadeiro,
D'esse orelhudo sendeiro

Prostrado em adoração
Diante do rei-leão;
Até que, vendo sem forças
Entrando as portas da morte
O leão até 'li forte,
Junto d'elle se chegára,
Sem albarda e cabeçada,
Que escouçando espedaçára;
E depois de bom bocado
S'espojar, e ter zurrado,
Ao leão, que o protegera,
Em paga, dois coices dera.
— Não escolhe jerarchias
O servil. Por toda a parte,
Nas altas secretarias,
Na loja d'humilde artista,
Até na sciencia e arte,
Onde ha poder, — lá se avista.
Já discipulo incensando
Magistral opinião,
Que sae fóra da razão;
E já, de capa e batina,
Beijando a mão do prelado,
Que maldiz, por outro lado:
Caixeiro, com pretensão
A ser socio do patrão;
De banda á cinta — ordenança,
Sempre atraz do commandante,
Como preso por barbante;
Ou pretendente, que apenas
Vê do ministro o caminho,
Curvo — seu chapéo na mão,
De cortezias moinho,

Logo — ministro e cavallos
Saúda, sem distincção.
— Mas, se junto do poder
O servil tem de viver;
Onde maior elle fôr,
Deve ser a residencia
Do servil, por excellencia,
Servil de marca maior.
É, pois, em paço elevado,
Onde o servil doutorado
Requinta de contorsões,
D'esgares, d'arremedilhos,
A paes, a netos, a filhos,
Seguindo as occasiões.
Respeitoso com senhores,
Mas nascido um tal respeito
D'interesse — que não do peito;
Amavel com os meninos,
A quem louva os desatinos;
Emfim ridiculo, e baixo,
Em seus variados papeis,
De que ora mesmo ouvireis,
Mas esboçadas apenas,
E a correr, algumas scenas.
— Eil-o, bobo do palacio
Pelos meninos cercado.
Um lhe ouriça o penteado,
Outro faz-lhe uma careta,
Um lhe puxa da casaca,
Leva d'outro cacholeta;
Fervem ditos, algazarra;
E o servil feito pateta,
Corre, finge que os agarra;

Miudos passos andando,
Os sapatos arrastando;
Como em riso suffocado,
A que fôra provocado,
(Diz) o proprio rei dos sérios,
Vendo *cotós* pequeninos,
Com chistes quasi divinos!
Logo suas mãos tomando
Uma a uma, a todos beija,
E venturas lhes deseja.
As innocentes crianças,
Que d'interesse não cogitam,
Do sabujo na amizade
Cada vez mais acreditam.
E mudando de maneira,
Continúa a brincadeira.
— Eis o menino mais velho
N'elle monta ás cavalleiras
E ferrando-lhe os tacões,
O servil parte, ás carreiras,
Ora a trote, ora aos galões,
E assim percorre os salões.
Depois a scena do urso,
Que, ha dias, viram na praça,
E que tinha tanta graça,
Pedem todos, em voz alta.
O menino em terra salta,
E os lencinhos, uns nos outros
Já se prendem; — depois atam,
Como de cego o molosso,
O servil pelo pescoço;
Este faz d'homem do urso,
Aquelle toca tambor,

Outros cantam, assobiam;
E vêl-o, andando ao redor.
Em contínua dobadoura,
A espaços, soltando um urro,
Menos d'urso que de burro,
Abraçado a uma vassoura!
Altos gritos e palmadas,
Estridentes gargalhadas
Das crianças, vão soando,
O servil acompanhando;
Té que, de moído pára,
Mas faz-se de boa cara,
Disfarçando, em baixa homilia,
Força d'interna quisilia.
Eis pedem — repita ainda
Aquella scena tão linda,
A mais linda d'ellas todas,
Do... — Não posso. Tenho pena...
Responde elle. — Agora, agora!
Todos gritam, sem demora;
E a menina mais velhinha,
Fazendo-lhe uma festinha,
Diz que faça, senão chora:
Que a do cavallo e do urso
São bonitas: — mas bonita,
Sobre todas, a do porco.
E logo, vêl-o, de bôrco,
Ao comprido estiraçado,
Sobre vasto aparador,
E as crianças em redor.
Elle grunhe, elle esperneia,
Hirta-se, caracoleia;
Ora direito, ora torto.

Porco vivo, porco morto,
É sangrado, chamuscado,
É raspado, esbandulhado;
E depois de pendurado,
Sobre o chão depositado.
E de ponto sóbe a grita,
Quando o porco resuscita.
— Agora larga os pequenos,
Já composto, escarra, tosse,
Ensaia ditos amenos;
E vêl-o, a passos serenos,
A sala d'espera entrando,
Alto senhor aguardando.
Graduado comprimento,
Conforme seu valimento,
Aos que vê, dirige então:
E em voluvel posição,
Solta a vista pela sala,
Áquelle baixa a cabeça,
Já com este um pouco falla;
Mas sempre vago, indeciso,
Eil-o volta, d'improviso
Para importante sujeito,
Ao qual rende agora preito.
— Chega, alfim, quem póde mais,
E o servil dobra, varía
Seus *tagatés* desleaes.
Das *contumelias* na escala,
Prefere o tom sobre-agudo,
Em gestos, modos, e falla;
Nos trocadilhos — em tudo,
Se a cabeça uma só vez
Outros baixam — elle tres.

Beija o que muitos não beijam,
Comquanto melhores sejam;
E mais ainda beijára,
Se quem manda lh'o deixára!
Louvaminhas desentranha,
Que diz — tributos d'amor,
Mer'cidos por tal senhor;
Mas que são — tretas e manha,
Urdidas teias d'aranha,
Por vêr se mercês apanha.
Oh! graça, mercê, despacho!
Paraiso terreal
Do *servilino* animal.
Trindade, que não esquece,
E em cujas partes diversas,
O fim de suas conversas,
Lê só — lê sempre — interesse!
— De fingido — ardente zêlo
Querendo mais provas dar,
A quem lh'as póde pagar;
Do senhor a face augusta
Observa; — pasma, recúa;
Dá mostras de que se assusta,
Porque (diz) na face sua,
D'elle — do senhor, notára
Uma pintinha vermelha,
Picada, talvez, d'abelha,
Que não será nada — não...
Deseja-o — do coração —
Mas que — a prudencia aconselha,
Mas que — seu amor não soffre,
Se despreze — assim de chofre.
A incendio, ás vezes, se arrisca,

Quem despreza uma faisca!
E chama — obtida licença,
O medico, sem detença.
— Pelos do senhor, só mede
Parecer, fallas, e geitos.
Fazendo d'elles preceitos,
Irá contra a lei divina:
Com elles sempre combina!
— Em serviço de seu amo
Finge um cuidado, um amor
Que passa mesmo a furor.
Em voz alta ordena, ralha,
Dando a todos sota e az;
Aqui faz, alli desfaz;
Serviços d'outrem — qual gralha,
Se attribue o tal marmelo,
E os impinge — por desvelo.
Em *serviços* não socega.
Os que fez, e os que não fez,
Por cada serviço tres,
Augmenta — e todos allega.
Seu proprio amo apoquenta
Com serviços que lhe inventa,
O mofino alma-barrenta.
Já, se o vê ir de passeio,
E que outra coisa não póde,
Com disfarçada maneira
A casaca lh'empoeira,
E o que suja, eil-o sacode!...
Serviçal a toda a hora,
Genuflexo noite e dia,
E tudo, — quem tal diria?
Por vêr se o *logar* melhora.

Caminha por mil rodeios,
E o que menos põe á vista
Esse é o fim: — o mais são meios,
Qual sagaz contrabandista
Que a fazenda lança ao mar,
Mas depois tanto trafega
Tanto, tanto co'a *rocéga,*
Que lá mesmo a vai buscar;
Assim o servil emprega
Manha, com que o amo embaça,
Recolhendo nova graça.
O servil emfim... lançando
No mesmo cadinho, os tres,
Cada um por sua vez,
O cortezão em primeiro,
Em segundo o adulador,
E depois o lisonjeiro;
Se tudo fundido fôr,
Liquido á parte, e vapor,
A escoria d'esse mixto
Dá o servil — que é só isto.
— Eis-aqui, mas de perfil,
Um esboço do servil.
Retrato, de corpo inteiro,
De frente — pintando as mil
Infinitas variações
De todas suas feições;
Daguerreotypo gigante,
Que lhe puzessem diante,
Nem esse o dava perfeito.
Contaram-se a melhor geito
Os raios do sol brilhante,
Do que as manchas do tratante.

VISCONDE DE CASTILHO

Quem quizer aprender em dois livros todas as locuções mais recendentes do almiscar das alcôvas — as phrases mais rubras e despenteadas que tem o idioma portuguez para a formação d'um vocabulario realista, leia a ARTE DE AMAR e as CANÇÕES de Ovidio paraphraseadas pelo visconde de Castilho. Elle, o primeiro poeta classico d'este seculo, e o mais romantico trovador que entre nós afinou o mandolim dos castellos feudaes, exercitou a primor as duas escólas, foi primacial em ambas, e enthesourou gemmas de scintillações verdes como peçonhas para uso d'esta gente que chegou ha pouco a dar-nos quadros vivos com todas as palpitações da carne

sã, com todas as exulcerações da carne pôdre, e com todas as exostoses do esqueleto corroido nas suas medullas. Se estes adventicios soubessem onde estão aquellas perolas, desmentiriam o proverbio, aproveitando-as. Não há nada em lingua portugueza que faça tamanha gloria e inveja aos que melhormente a professam. Se Castilho amanhecesse um dia poeta realista, se retrocedesse dois mil annos para o ser, iria á Roma imperatoria avinhar-se de phalerno a casa de Apicio, e viria demonstrar aos Baudelaires do Baltresqui que o realismo d'elles tem as vinolencias agras e brutaes do Collares falsificado. Um livro de Castilho, sem respeito aos ouvidos honestos nem dó dos corações innocentes, nem veneração ás crenças das almas infelizes e conformadas, que formoso e infame não seria esse livro!

Commetteu um grande peccado aquelle honrado homem: quiz que toda a gente soubesse lêr; andou de côrte em côrte, de terra em terra, de porta em porta a pedir que o deixassem educar as crianças. Ralava-se, infernava-se de zelo e paixão quando no deserto em que prégava apenas encontrava caravanas de camêlos que tosquiava. Offerecer a instrucção como felicidade! Querer dar ao pobre um sexto sentido quando elle difficilmente satisfaz os dois primei-

ros e anda a tantalisar com os outros tres! Ah! grande poeta! Se não tivesses essa utopia que alternadamente te illuminava e ennoitecia o santo espirito, decerto nos haverias dado uma duzia de livros realistas, cheios de palavras vernaculas que nos dispensassem de trasladar á letra o Flaubert, o Champfleuri e o Zola.

Poeta, sempre poeta, a jardinar em flôres do bem que servissem a coroar virgens, a enfeitar altares e a receberem lagrimas da aurora nas jarras das sepulturas!

Brincava tambem com as musas; mas não as convidava a metrificar a prosa com que elle, conversando, carpeava ursos. Desfechava satyras fulminantes com a serenidade do céo de agosto que por noite relampeja coriscos. Não se ria: parece que chorava condoido do holocausto que de ordinario era um malandrim safado que não valia a escorva do tiro.

Escreveu poucas poesias alegres.

Aquelle illustre mestre encaneceu quando havia muito gaiato que elle prophetisára em 1830 na *Epistola* ao morgado de Assentiz:

..... Nós .....
Affronta dos avós, produziremos
Raça peor, mais vil que nos affronte.

*

Não se deu a razão da affronta. Castilho era d'uma bondade seraphica em aturar toda a pelintragem de inspirados em cueiros. Não os acariciava na imprensa; mas, se o assaltavam em casa, com os «fataes cartapacios» que Tolentino execrava, nunca tocou o apito chamando a policia nem os espancou.

Os estrangeiros admiravam-no, e quasi que só a elle e a Garrett aforaram de poetas portuguezes n'este seculo. O inglez Hughes, nos *Preliminares* do poema THE OCEAN FLOWER, diz que *o segundo escriptor vivo de Portugal que se lhe afigura benemerito da reputação de poeta era Antonio Feliciano de Castilho.* O erudito glossologo e bibliophilo Pereira Caldas, manancial bem conhecido do Minho, escreve no seu prefacio aos FAVORES DO CÉO de Francisco Lopes, que o inglez Hughes escreveu *em desfavor injusto do nosso prosador e poeta,* e alcunha-o de *injuriador e blasphemo.* É o que elle conta ao seu amigo Theophilo Braga. Eu gósto que se ataquem os inglezes; porém repugna-me que se lhes assaquem injurias e blasphemias que não escreveram. Hughes disse: *The second living writer of Portugal, who appears to deserve the name of poet, is Antonio Feliciano de Castilho.* Versão litteral: «o segundo escriptor vivo em Portugal, que parece merecer nome de poeta, é etc.»

O snr. Caldas, professor de allemão, traduziu provavelmente *to deserve* «desmerecer». Ora o genuino entendimento do verbo é simplesmente o contrario. Lapso de quem edifica na estreita base d'um cerebro de homem babel de linguas. Que os conhecidos dois Joaquins negassem dotes de poeta ao incomparavel collector de lusitanismos, de metros e de sentimentalidades, quer romanticas quer pagãs de mais, isso tolera-o a indulgencia e a caridade que distinguem a sociedade protectora dos animaes; porém não obriguemos, por falta de lexicon, os estrangeiros a menoscabar Castilho.

AS METAMORPHOSES DO MACACO

Jacó, flôr das raças monas
E alumno de um piemontez,
Fazia entre mil gaifonas
Coisas que o demo não fez.

Quanto via, arremedava
Por modo tão natural,
Que o piemontez lhe chamava
Daguerreotypo animal.

Se fallasse assombraria;
Porém, mesmo sem fallar,
Em toda a macacaria
Era um bichinho sem par.

Um dia em certa barraca
De uma feira, onde brilhou,
Com arte mais que velhaca,
Lustroso espelho empalmou.

Viu-se; pasmou. «Que diabo!
«Pois eu tenho a cara assim?!
«Ó bruxas, de mim dai cabo,
«Ou condoei-vos de mim!

«Machuchas mestras de tretas,
«Se cabe em vós pio dó,
«Deixai-me o dom das caretas,
«No mais transformai Jacó.»

Bruxinha de genio gaio
Despachou-lhe a petição.
Eis, o mono, papagaio!
Eis nova consumição!

« O meu fallar é mui rico!
« Quanto ás pennas, guapo estou!
« Mas este bico!... este bico!
« Quem tal ratice inventou?!

« Bruxa honrada! eu t'o aconselho,
« Vá nova transformação. »
Diz: torna a encarar o espelho...
Vê-se estrellado pavão!

Espaneja-se garboso!
Ama-se; está como um dez.
Senão quando... ai, desditoso!
Repara... que horrendos pés!

Novo rogo impertinente:
« Por esta vez, e não mais,
Diz a velha impaciente,
« Quero ceder aos teus ais.

« Do que tu mesmo approvaste
« Nas tres fórmas que te dei,
« Para teu consolo baste,
« Que esta final te armarei;

« Terás as visagens ricas,
« O papagaial palrar;
« Do pavão as galas ricas...
« Pegar no espelho! mirar! »

Mira-se, exulta. Só nota
Perfeições no todo seu.
Hoje chamam-lhe « janota »,
Bicho incognito a Linneu.

JOÃO PENHA

Tem sonetos encantadores. A fórma archaica, a velharia refugada para os epicos dos dias natalicios nas provincias pre-historicas do norte, rejuvenesceu-a João Penha. Entrajou de roupas menos transparentes o lubrico Anacreonte; corrigiu-o de defeitos sensuaes vergonhosos, e fel-o aprender com Horacio as delicadezas culinarias da ostra e do rodovalho. Além d'isso opulentou-lhe o sangue com o presunto de Melgaço e o paio do Alemtejo. De modo que deu ao soneto um *cachet* nacional, que elle nunca tivera desde a languidez petrarchista de Camões até ao rufo do zabumba e caixa dos sonetos bocagianos. João Penha não é grande lambão de Ideaes. Até

desconfio que não tem no cerebro um grão de incenso que arda no altar do Amor. A vida figurou-se-lhe um carnaval, e elle vestiu-se de sonetos como um dominó. Entretanto logo que os áditos do positivo se lhe abriram honradamente no seu escriptorio de advogado, despiu o dominó, conservou no aspecto juvenil a luneta de um vidro, deu-se a seriedade meditativa de um reinicola, e achou-se bem. Ai d'elle, se o fazer ridentissimos sonetos significasse poesia, a nostalgica filha do céo!

VÃO-SE OS DEUSES

O velho Satanaz da lenda obscura,
O deus omnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
Pelos ultrajes d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem-ventura
Indo na bossa d'um camêlo aguado
De cidade em cidade era mostrado
Á arraia ignobil que histriões procura!

E nem sequer um funebre «aqui jaz»
Hoje assignala em monumento erguido
As reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio, garantido,
Encontrando-lhe a ossada, em these audaz
Provou que *uns ossos taes*... só d'um marido!

FRANCISCO MONIZ BARRETO

É da Bahia. Os successos luctuosos de Portugal devem-lhe uma plangente elegia á morte da senhora D. Maria II; mas, ao que parece, as suas notas dolentes só gemem nos atrios dos paços reaes: fóra d'isso é alegre, e descobre *paios* com rara sagacidade. Nós, os portuguezes, não temos idéas bastante nitidas do paio brazileiro. Comemos o do Alemtejo, mordendo-o com dente faminto, mas não com os colmilhos da satyra. Lido o seguinte poemeto, figurou-se-nos que o Brazil metaphoricamente é uma salchicha-

ria enorme. Fazemos votos por que o snr. Moniz Barreto, a quem apresentamos a curvatura da nossa admiração, a não poder devorar os paios com ardor anthropophago, nol-os vá enviando cozinhados com o colorau picante das suas rimas.

É PAIO

Quem crê da bella, a quem ama,
Quando raivosa ciuma,
No faniquito ou desmaio,
E afflicto por ella chama...
Não ha duvida nenhuma,
É paio.

Velho com mais de cincoenta,
Que a moça de quinze annos,
Viva e quente como um raio,
Espósa, e a cabeça isenta
Julga de pesados damnos,
É paio.

Sujeito que faz á mesa
Discursos de legua e meia
Em estylo inchado e cambaio,
E de verbosa riqueza
Se inculca, e se pavoneia,
É paio.

O que, tratando com gente
Da patria lingua, em francez
Falla como papagaio,

E acha isso mais decente
Que fallar em portuguez,
É paio.

Moço eivado do juizo,
Que revê-se em seu semblante,
Como quizerdes, chamai-o;
Para mim não é *Narciso,*
Tem um nome mais frizante,
É paio.

O que tem de ir a salões,
E o que ha de lá dizer
Parafusa, e faz ensaio
De gestos e posições,
Esse (não tem mais que vêr)
É paio.

Quem hoje ainda porfia
Em colher no Pindo flôres,
E leva de maio a maio
Sempre co'a bolsa vazia,
É o qu'eu sou, meus senhores,
É paio.

Mais que as letras vale a trêta;
Só esta dá lauta mesa,
Carro, cavallo, e lacaio;
Quem faz a vida de poeta,
Acabando na pobreza,
É paio.

GUILHERME BRAGA

Muito talento, aptidão para distincções raras, uma estrella funesta a influir-lhe o espirito para veredas onde é inevitavel o encontro com a desgraça. Homens assim suicidam-se ou morrem de cançados na lucta, peito a peito, com a Fatalidade, sua ultima e absurda crença na desesperança de Deus e do diabo. Eu vi-o n'estas batalhas medonhas, com um sorriso desdenhoso que elle tinha n'aquelle gentilissimo semblante, já arroxeado pelo sol-poente da vida. A sua phantasia era rica e formosa como as espádoas de uma

princeza oriental constelladas de diamantes e rubis; mas, na existencia real, as suas mãos remexiam os esterquilinios sociaes, e com ellas atirava sobre si e sobre os outros, o lixo, as escorias que Barbés recommenda como necessarias á vingança do talento infeliz.

Nas HERAS E VIOLETAS está a sua alma com intercadentes desmaios e enthusiasmos. Alli vem a lyra dos seus amores; lampeja-lhe a espaços a luz da mulher linda e amada, que foi sua esposa, e com intervallo de dias o seguiu ao sepulchro mysterioso. No BISPO e nos APOSTOLOS DO MAL ressumbra a alma cheia da peçonha que se lhe instillou das mancenilhas a cuja sombra elle se repousava indolente no periodo da vida em que a mocidade tem pulso de ferro para remessar-se á desgraça! Cuidava que o desprezo da adversidade era heroismo e condão do genio, e o atheismo vingança. Uns que cuidam vingar-se da injustiça de Deus, confessam-no. Desconfessal-o é não o vêr na justiça nem na injustiça.

Não posso lembrar-me d'elle sem muita pena. Custa a conciliar a sua tristeza com o disfarce d'estas alegrias do MAL DA DELFINA, parodia ao conhecido poema de outro grande poeta que elle admirava. Ahi mesmo ha relampagos de odio á sociedade que se balanceia como ondas lodosas de um lago estanque entre a porta-Moré e o

Club. Guilherme Braga cuidava que o liam os janotas do Porto. Elles não sabiam, quando lhe leram a necrologia, se aquelle nome era o de um linheiro das Hortas ou de um mercieiro das Congostas. Quem quizer magoar janotas do Porto, só tem um meio: é preciso bater-lhes.

A CAÇADA

Não ha *leões* assanhados
nas frescas margens do Douro;
não! por mal dos meus peccados
leões no Porto não ha!
São dos *leões* o desdouro
estes janotas de cá...
São *bichos* domesticados
que a natura, em seus caprichos,
deixa andar tão disfarçados
que alguns... nem parecem *bichos!*
Não ha *leões*... mas ha *patos*
de mil diversos feitios,
guarda-livros, litteratos,
barões, medicos, vadios;
sujeitos que a sociedade
recebe com muita festa
e a quem, por toda a cidade,
ninguem dois pintos empresta!
Corações... de frioleiras!
Cabeças... de figurino!

pessoas cujo destino
(se acaso destino têm)
é conversar co'as luveiras,
ou seguir as costureiras
da *Guichard* e das *Ferin!*
Almas balôfas e fatuas
que só nas modas têm fé...
de dia, tezas estatuas
junto á porta da *Moré*...
de noite, heroes da *má-lingua*,
em chochas semsaborias
gastando as horas, á mingoa
de sal que a «palestra» adube,
depois de um chá sem fatias,
nas longas salas do *Club*...
O janota é massador;
a tudo entorta os narizes;
rei vaidoso das plateias,
tyranno do bastidor,
sabe apenas das actrizes
se são bonitas ou feias...
e só pensa na conquista
d'uma empoada corista
para quem o seu amor
apenas tem o valor
d'uma *nota*... paga á vista.
Nem outra coisa lhe agrada,
nem ouve o que lhe revela
do coração nos conselhos
uma voz... já constipada!
tem um amor — a farpella!
tem um encanto — os espelhos!
uma familia — o cavallo

se tem cavallo de casa!
e por bens, para adoral-o
cá das lagrimas no val,
as Lucrecias de dedal
a quem elle arrasta a aza!

....

Vestir calças tão esguias!
as vossas pernas selectas
mettidas n'essas enguias
não são pernas, são baquetas!
Trajar tão curto *veston*
que faz sorrir as jaquetas,
e dizer que andaes vestidos
como vos manda o *bom tom!*
por isso estão arruinadas
as fabricas de tecidos:
Em vez d'aquelle *tromblon*
das vossas eras passadas
que no bojo immenso e vão
levava algumas canadas,
pôr na cabeça um casquilho
chapéo de duas pollegadas,
d'abinhas arrebitadas
e que mal leva... um quartilho!
Que moda tão indecente!
Ó exquisitas figuras!
e mostraes vaidosamente
as vossas caricaturas?!

....

Para dar curso ao valor
herdado de seus avós,
estando a banhos na Foz
o janota é caçador!

Com sobrehumana ousadia
depois de ter feito *lastro*
co'as iguarias do almoço,
deixa o leito ao meio dia;
prende uma fita de nastro
dos magros cães ao pescoço;
implora ao anjo da guarda
que o leve por bom caminho;
como quem veste uma farda
para entrar n'uma batalha,
eil-o enfia o polvorinho
e a triste bolsa de malha;
com sublime desassombro
toma nas mãos a espingarda
e, pondo a espingarda ao hombro,
sae de casa, sem abalos,
co'as apparencias augustas
d'um caçador que tem callos
e que traz as botas justas!

....

Inda usaes de botas d'essas!...
nem que os pés fossem borracha!...
Emblemas d'um despotismo
que se chama o janotismo!
Debalde a fôrma e a tarracha
se fatigam nas tripeças!
Manquejar, bem sei que é feio,
mas que remedio, janotas?
se tem dois palmos as botas
e os pés... dois palmos e meio?

ANTHERO DE QUENTAL

As SUAS ODES MODERNAS causaram estranheza quando appareceram como um terramoto na velha cidade dos lyricos. Não se entendiam. Sahiram-lhe do Brazil umas glossas salgadas e picarescas com o titulo *A aguia no ovo.* A turba dos vates de outeiro applaudiu a chacota, e foi ao Parnaso oscular, em congratulações de jubilosas lagrimas, o Pégaso. Eu não fui, nem me ri das extemporaneas chufas. O que fiz foi pedir a Anthero de Quental que respeitasse os mestres, e não se coroasse das rosas da juventude como irrisão ás cans de um grande poeta, que adormecera sonhando com a Roma de Ovidio e a Grecia de Anacreonte.

As ODES de Anthero de Quental são a aurora da poesia moderna. Os imitadores não têm podido estragal-as. O dia alvorecera formoso; depois nublou-se o céo; a ventania varejava os ramos onde as aves tinham cantado o repontar da manhã; cahiu chuva grossa, que fez muita lama. Não importa. A belleza do amanhecer não esqueceu. As ODES de Anthero de Quental ficaram emperladas dos orvalhos da estrella d'alva; e as imitações para ahi se espapam nos marneis que fizeram.

AMOR ALEGRE

Deixemo-nos de nenias — enterremos
As antigas paixões!
É d'ar puro e de luz que nós vivemos...
E nossos corações,
De luminoso amor, d'amor contente,
D'isso querem viver eternamente!

Viver de flôres, como insecto alado...
E, como ave, de cantos!
Viver de beijos, de prazer sagrado...
Sim, de prazeres santos,
Como homem que embala noite e dia
O fecundo regaço da alegria!

Serena fonte, que nos banha a vida
Em dulcissimas aguas:
E, através da existencia dolorida,
Nos lava as velhas máguas...
A alma parece nova: e limpa e bella,
Brilha em face de Deus, como uma estrella!

Brilha em face do mundo! Resplandece
Como lucida aurora!
É o sol da ventura, que alvorece!
Valle e monte colora
Co'as mil côres do iris da bonança...
E as mil do iris d'alma — a esperança!

Amor que espera e crê... amor ditoso...
Quer Deus que se ame assim!
Dormir no mundo o somno mavioso
De prazeres sem fim...
Passar como em triumpho, em mago enleio,
Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja
Luz melhor que a do céo...
O que dentro em teu peito rumoreja
Tudo, é tudo meu:
Meus são teus ais e minha essa harmonia
A que chamas amor e eu poesia.

Poesia não são lagrimas... são beijos...
E abraços tambem...
Paixões não são suspiros... são desejos...
Quantos a vida tem!
Compõe com tuas mãos minha poesia
De paixão e de beijos e alegria.

Vem commigo na vida! Hei de levar-te
Por caminho de flôres...
Cantará para ti, por toda a parte,
Um viveiro d'amores...
Eu sei o que é amor! estes conselhos
Amor t'os dá — deixa fallar os velhos!

Deixa, deixa-os dizer, os *velhos sabios,*
Que só sabem chorar!
Mulher bella, se Deus te pôz nos labios
Botão de flôr sem par,
Flôr de luz e ventura... é porque o riso
A abra e transforme em flôr do paraiso!

CASIMIRO D'ABREU

Faz pena este moço que desejava viver e começava a amar quando a alma lhe fugiu das azas do genio para as da morte. Elle esteve perto d'estes carvalhaes tristes onde escrevo estas linhas. Lá ruge em baixo na açude o rio Ave, que lhe espelhou lagrimas saudosas do Brazil. Tambem teve sorrisos aquelle rapaz que não teve infancia! Ah! como este mundo é bom! Bem se está vendo que ha Deus, porque as suas obras são incomprehensiveis. Mas é grande obsequio, devido aos tuberculos ou amollecimento cerebral, morrer-se novo, quando se é tão querido e chorado.

> *................................ Perhaps the early grave*
> *Which men weep over may be meant to save.*

Aos precitos, como Byron, se lhes tirarem o desafogo da ironia, a estrangulação é perfeita.

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois co'os terrores da praça
Andava a gente a fugir:
Agora, calmando o medo
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda:
Tamar foi o mais feliz;

Os outros trazem cebolas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe *gargalhadas,*
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos *Maneis;*
Os barões andam ás duzias
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso
Dá-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro:
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambolhões:
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os loiros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo comnosco,
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

PEDRO DINIZ

Este poeta ridente, mordaz e vernaculo de mão cheia não respeita imperadores; e mais é monarchista de velha rocha; come-se de saudades dos frades e já escreveu um livro a pedil-os [1]. Quando Garrett, ao lusco-fusco da vida, fez um ramilhete de flôres — que pareciam borrifadas pelo orvalho de dezoito primaveras, mas em verdade traziam crystallisadas as lagrimas dos cincoenta annos — Pedro Diniz, com um pseudonymo e as crueis ousadias que a mascara permitte, pegou das FOLHAS CAHIDAS do auctor de FREI LUIZ DE SOUSA, como quem péga de tres estancias de Martins Rua, auctor da PEDREIDA, e atirou com ellas, transvertidas e, como quer

---

[1] *Das ordens religiosas em Portugal.* Lisboa, 1853. 8.º

que seja, parodiadas á irrisão publica [1]. Os primeiros a rir foram os amigos do visconde d'Almeida Garrett — os seus pares, quero dizer os conselheiros d'Estado, os ministros honorarios, os marquezes, os pennachos, os gran-cruzes, os seus commensaes, os seus confidentes, os intimos. Eu e mais a arraia miuda e verde da bohemia rimos tambem, porque o pontifice das letras não velára as fragilidades proprias e as alheias, na idade veneranda em que todo o poeta sensato ou dilue a historia patria em oitava rima como o snr. conselheiro Viale, ou metrifica em redondilha maior a VIDA DE SANTO ANTONIO DE LISBOA como Antonio Lopes, ou faz o poema heroico de S. GIL DE SANTAREM á imitação do medico João Pedro Xavier do Monte, que havia sido tão femeeiro como o medico Gil antes de ser santo, e por isso dizia ao heroe no remate do poema:

> *Faze, pois, que te imite convertido;*
> *Medico e peccador pois tenho sido* [2].

A gente não queria que o auctor do RETRATO DE VENUS se convertesse; mas magoava-nos

---

[1] *As Folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto*, por Amaro Mendes Gaveta, etc. Porto, 1855 (ediç. trasladada da de Lisboa).

[2] *A Egidea*, etc. Lisboa, 1788.

vêr que a marrafa brunida e oleosa do auctor de CAMÕES não lhe defendia as cans dos apódos de quem quer que fosse. Queriamos que a respeitabilidade do mestre estivesse hombro a hombro do poeta gigante. Queriamol-o irresponsavel, endeusado, olympico, emfim invulneravel ás fréchadas do snr. Pedro Diniz, guarda-livros de José Isidoro Guedes.

Deploravel! Todo o paiz e as colonias e o Brazil se riram das FOLHAS CAHIDAS de Garrett, desde que a satyra de Pedro Diniz as abaixou ao raso da mordacidade que escancara sempre uma gargalhada quando topa um amor senil a carpir-se com lastimas de criança amuada. Eu não sei se algumas fibras do coração de Garrett se dilataram de dôr até se partirem, quando teve a intuspecção da zombaria publica. Pensar n'isto faz vergonha de ser homem, e dá-me vontade de pedir anciosamente ao céo que me encha a alma de pensamentos de burro e me fortaleça o estomago até á prova da cabeça de porco com feijão branco. Nada de pensamentos tristes; que este livro é todo alegrias.

Imputam ao iconoclasta de Garrett a satyra a D. Pedro II, imperador do Brazil, intitulada o *Rei Lhano*. Em Portugal as artes e as letras, o lapis, a poesia e a prosa chasquearam o tio d'el-rei em variados feitios e estylos. Acolheram o fi-

lho do Libertador com tamanha urbanidade que nem pareciam portuguezes na urbanidade, nos finos primores, no mimo e galanteria de mesuras ao nosso hospede. De não parecer-se a gente em extremos de cortezia com os outros paizes é que provavelmente os brazileiros, para nos irem delindo do preconceito de malcriados, nos vão chamando «gallegos» — por excellencia.

O poemeto de Pedro Diniz, que dizem ser miguelista, sobre ser a mais decente, é a coisa mais patusca que se escreveu. Vendia-se a meio tostão, e tem versos que só um grande e isento fervor de honrar a patria em materia de hospedagem os podia fazer tão baratos. Um talento d'este porte devia de sahir-se com um folheto digno de tostão, se tomasse a peito reprehender os gaiatos que param no Terreiro do Paço diante dos estrangeiros e lhes fazem tregeitos com o dedo polex da mão direita na ponta do nariz e o minimo no polex da esquerda. Custa a conciliar como couberam no mesmo refolho cerebral este levantado poema do *Rei Lhano* e aquellas quadrinhas recitadas pelos nossos pequenos, devidas a Pedro Diniz que ás vezes distilla dos seios o leite da instrucção primaria n'esta apojadura copiosa:

> Palram pega, e papagaio,
> E cacareja a gallinha,

Os ternos pombos arrulham,
Geme a rôla innocentinha.

Relincha o nobre cavallo,
Os elephantes dão urros,
A timida ovelha bala;
Zurrar é proprio de burros.

Et cætera.

Tudo lhe sae de molde e é para tudo. Castiga com a satyra os deuses do genio que se encarnam nas deusas do *cold-cream* e do carmim. Verbera os imperadores que não passeiam coroados a rua dos Algibebes com sceptro, capa de escarlate e arminho. E d'estas eminencias chama a si as criancinhas, para lhes dizer que o burro zurra. É quasi inutil ensinar n'este paiz ás crianças uma coisa que a maior parte d'ellas aprendem pelo ouvir aos paes.

LENDA DO REI LHANO

I

Refere a tradição que um dia o rei de Thul
Foi visitar seu primo o regedor do Sul,
De longes terras vindo em alugada faia,
Por não achar á mão humilima catraia
Que incognito o trouxesse, ingenuo passageiro,
Dormindo no porão ao pé do marinheiro,
Afim que bem occulto o gesto soberano
Dissesse a toda gente: « Aquelle é o Rei Lhano,
Que zumbaias odeia e de ovações tem medo.
E, qual aguia, pousando em cima de um rochedo,
Voluntario da peste, ardendo em caridade,
Arrisca o povo seu a ficar na orphandade. »
Chegou o rei de Thul; o primo era já fóra;
Sahira ante-manhã ao encontro da Aurora,
E andava n'uma faina, e sem parar corria
O norte, o lésnordeste, o sul, e a Trafaria.

Tinha ficado atraz um tardo camarista,
Que, por ser velho já, lhe não seguia a pista.
Disse-lhe o rei de Thul: «Vosso amo jaz ou véla,
Repousa, faz a barba, ou joga a bagatella?»
«Meu amo, disse o velho, esse homem de talento,
Não dorme, e é seu brazão ser mais veloz que o vento,
Buscando em todo o instante, e com real fervor,
Encovar do Duende o agil procurador;
E emquanto vai trotando em seges de aluguer
Responde a cada qual na lingua de qualquer:
Ao arabe em arabio, e ao neto de Labão
Na lingua em que arengava o douto Salomão.
Sempre a mala na mão, e dentro um astrolabio,
Não quer parecer rei, mas sim passar por sabio;
E, sem entre esses dois buscar o termo meio,
O proprio sceptro esconde atraz do sceptro alheio.
Tenaz madrugador, é de Morpheu o açoite.
Hontem se recolheu depois da meia noite;
Antes de se deitar ouviu cantar o gallo,
Sahiu logo a correr, e a unhas de cavallo
Anda o mundo a girar: agora, por acaso,
Tem no Vesuvio um pé, e um pé no Chimborazo.
Vê tudo; tudo vê, sómente pela rama,
E arremedando o sol, visita os reis na cama.
Quando visita Deus é sempre em hora morta,
E penetra no templo antes de abrir-se a porta.
Cultor do estylo antigo, offende-lhe a piedade
Não vêr um monumento a eternisar um frade;
Porque ao servo de Deus, que só aspira ao céo
Na terra mui bem fica haver um mausoléo.
Singelo no vestir, um trajo de frasqueira
O adorna quando falla á gente mais rasteira:
Não por se amesquinhar, mas porque ouviu dizer,

Que Deus homem se fez para ao mundo descer;
E ficou entendendo, em seu saber profundo,
Que, chamado a outorgar lições ao velho mundo,
Lhe cumpria fazer-se humilde e pequenino
Como Elias se fez p'ra sarar um menino.
Ha muita occasião em que vestir jaqueta
É saber respeitar as praxes da etiqueta:
Ninguem vai de casaca e de sapato e meia
Para vêr histriões ou comicos de aldeia;
E só a quem visita illustre gente honrada
Importa pôr decencia e camisa lavada.
Com os lobos uivar é prova de bestunto,
Assim como tomar na choça o caldo de unto.
Apollo, que no céo quatro cavallos guia
E o mundo sublunar com raios alumia,
Quando á terra desceu não trouxe mais que um cão,
E vestiu de um pastor o rustico surrão.
Dizem que usou calções, mas esses mesmos rotos,
E com silvestre mel comia gafanhotos.
Um rei bem peregrino, Ulysses o taful,
Quando a Lysia aportou vestia pano azul;
Porém no patrio ninho andava de arco e aljava,
E só á côrte grega a purpura mostrava.
Para limpo ficar e de nodoas illeso
A japona despiu entrando o Ver-o-peso;
E até se apresentou apenas em ceroulas
Quando foi admirar o campo das Cebolas:
Pois bem ficava a um rei de tanta sapiencia
Pôr-se ao nivel da gente a quem dava audiencia.
Este heroe, que arrancou um olho a Polyphemo,
Daria os proprios dois por um pitéo supremo;
Porém fóra da Grecia amava a açorda d'alho,
A sopa de lentilha, e o pão de soborralho.

Saturno, que em Ausonia ensinou a lavoura,
Arte que honra os mortaes e os deuses não desdoura,
Por não envergonhar a gente que instruia
Dizem que andava nú, e até pedras comia.
De historias tão moraes fiz sempre o meu estudo;
E o tempo não perdi. Meu amo que lê tudo,
Cubiçoso de vêr a terra possidonia,
Julgou ser da etiqueta andar sem ceremonia.
Antes de se partir disseram-lhes uns prophetas
Que o grande Ovidio é elle, e que vós sois os getas;
Mandou fazer portanto um fato accommodado
Á pouca illustração do povo visitado:
Calça hostil ao tacão, collete, uma borjaca,
Andaina de viajar... Não quiz trazer casaca,
Porque, andando entre gente agreste e sem primor,
Não teria por certo occasião de a pôr.
Pela terráquea bola andou de sul a norte,
E ás gentes causou pasmo um rei de tanto porte.
Na choça e no palacio o applauso foi pasmoso:
E quando algum theatro, austero e escrupuloso,
O mandava vestir, por não o achar decente,
Tirava da algibeira o sceptro refulgente;
Que era um alto senhor dizia com entono,
E para obter ingresso — então subia ao throno.
Barba longa: o bigode em gremio co'a suiça;
Botas por engraxar, assentes em cortiça;
A democrata mão lavada, mas sem luva,
Sustendo o guarda-sol, a mala e o guarda-chuva,
Camisa multicôr; chapéo de baixa esphera:
De meu real senhor tal é a effigie vera.

« No album vosso guardai esta photographia.
Bem vedes que respira alta philosophia,
E que mostrando até onde um só homem chega,

Daria fama e voga a uma heptarchia grega.
Philosopho maior jámais o mundo viu! »
. . . .

Calou-se o bom do velho. O rei de Thul sorriu;
E a palavra apontando ao servidor honrado,
Em brando e affavel tom pregou-lhe este recado:

II

« Eu bem sei que vosso amo, homerico varão,
Quer assentar no throno a sombra de Catão:
Mas ouço que, infeliz n'esse empenho louvavel,
Lhe foge do romance o phantasma impalpavel.
Catão era um censor (tambem réo de censura):
Com as vestes reaes fizera má figura,
Assim como de um rei o vulto soberano
Nunca parece bem vestido de silvano.
Para que gastar pois um tempo que é perdido?
Melhor é que cada um se aninhe onde ha nascido,
E ou rei, ou cidadão, o seu logar sustente,
Buscando o povo e o rei amar-se mutuamente,
Sem traçar novo mundo em movediça areia,
Nem roubar á poesia o reinado de Astreia.

« É sempre erro fatal remar contra a maré,
E querer igualar o sceptro e o tirapé.
A occulta mão, que rege as coisas naturaes,
Traz o mundo moral sujeito a leis geraes:
Onde o vacuo se faz, um novo ar se arremessa;
Quando o throno se abaixa, eleva-se a tripeça;

E quando se escurece e apaga o gaz no sólio,
Surge logo um volcão a vomitar petroleo.
Isto é da Providencia um mysterio profundo,
Talvez para manter em equilibrio o mundo.
Apenas funccionario, um rei não é divino;
Não é filho do céo, mas obra do destino;
Não póde, em que lhe peze, andar só a seu gosto.
Assim como o soldado, o rei tem o seu posto;
É uma sentinella, e cumpre-lhe velar:
Do throno, a que subiu, descer é desertar.
«O povo exige ao rei virtude e magestade,
Obediencia á lei, respeito á liberdade,
Justiça e galardão com maxima inteireza,
No coração amor: na mão porém firmeza.
Baixezas nunca um povo ao principe agradece,
Pois quem muito se abaixa a calva lhe apparece.
«Póde um simples mortal, modesto cidadão,
Fartar-se de orelheira e grelos com feijão,
Póde açorda comer, provar o caldo de unto:
Porém um povo inteiro é grande em seu conjunto,
E aos olhos do outro povo a jerarchia ostenta
Nos ouropeis que outorga a quem o representa.
« Sempre o mundo levou em conta de fraquezas
A vassallos e a reis o exagerar lhanezas.
Cumpre a média guardar, pois todo o excesso é vicio.
A missão de reinar tambem é um officio;
E todo o officio tem insignias e attributos.
No modo até de amar differençam-se os brutos.
«Tem cajado o pastor; o rei sustenta um sceptro;
Toma a vara o juiz; o vate empunha o plectro;
Tem manto o imperador, cortinas o barbeiro,
Bastão o marechal, sovela o sapateiro:
Veste farda o soldado; o monge traz cilicio:

Tudo a todos vai bem — cada um no seu officio.
« O estupido jumento, até no amor casmurro,
Corre á esposa asinal zurrando como um burro;
E o generoso toiro á femea, se a pressente,
Solta um dôce mugido, um terno som plangente,
E aproxima-se grave, e com respeito a topa,
Que nem Jove rendido aos pés da casta Europa.
Caricias faz o porco á porca, mas co'a tromba;
O gato morde a gata, o pombo beija a pomba;
E a rôla que a alma esvái em trépidos clamores,
Jámais aceita amor sem ter gemidos amores.
« A historia rende preito áquelles reis antigos,
Que ás artes dando amparo, e da sciencia amigos,
A industria protegendo, amando a agricultura,
Dando ao commercio impulso, aos ganha-pães fartura:
Pensavam que de rei o affecto paternal
Póde, sem esconder a purpura real,
Verdes loiros tecer, e dar com régia mão
Ao merito favor, ás letras protecção;
E embora a toda a gente ouvissem com lhaneza,
Nunca por nunca ser castravam a realeza.
O grande Carlos-quinto, excelso soberano,
As artes soube honrar honrando Ticiano;
Dizia — Eu rei, Tu rei — (dava o seu a seu dono)
E apanhava o pincel, mas sem descer do throno.
« Jupiter seductor, da bella Helena avô,
Mais de uma vez occulto o mundo perlustrou:
Para a Danae furtar o virginal thesoiro,
Baixou a uma prisão desfeito em chuva de oiro;
Para Leda abraçar, nadando foi subtil
Envolto no frouxel de um cysne alvo e gentil.
Mas quando se faz cysne, ou quando em oiro chove,
Mesquinho não parece, é grande, é sempre Jove.

*

A figura occultou, mas não a divindade,
Mantendo no disfarce a propria magestade.
Ave se quiz fingir; mas com divino tato
Sumiu o ethéreo sêr em cysne, e não em pato.
Usou surrão Apollo. Então cumpria um fado;
Não era deus da luz, mas guardador de gado.
Por enredos talvez de um emulo tratante
Cahiu em desagrado a Jupiter tonante;
Quizeram dar-lhe tombo, armaram-lhe uns proceesos;
E, victima infeliz dos ultimos successos,
Algum tempo na terra andou como emigrado;
Mas teve protecções, e sendo amnistiado
Segundo ouvi dizer, por fins eleitoraes,
Voltou a reassumir os raios immortaes.
«Ulysses, verdade é, morou á Cotovia,
Andava de tamanco, e pano azul vestia;
Mas esse aventureiro era dado a rudezas,
Finorio d'alta escóla, e mestre em espertezas:
Para a Troya não ir, por já se achar caduco,
Andou atraz dos bois fingindo-se maluco;
E de transformações foi sempre tão amigo,
Que até em casa entrou vestido de mendigo.
«Saturno estava pobre, e p'ra não ter cadilhos
Foi um d'aquelles paes que não criam seus filhos.
Ainda o infanticidio então não era moda;
Havia já policia, e restricções na roda:
Por isso se um menino a esposa lhe entregava,
Elle logo voraz na entranha o sepultava;
Porém ella illudindo um dia o esposo mau,
Lhe deu em vez de um filho, um pouco de calhau.
Mas não sirva de exemplo aquillo que outros comem:
Se anda de boa fé, póde mui bem um homem
Duros seixos tragar por mão da cara esposa:

Talvez que até alguns engulam peor coisa.
Não estranhemos pois o que vemos alli;
Tinha filhos Saturno, e mettia-os em si:
O que esse deus fazia aos seus proprios herdeiros,
Fazem muitos mortaes aos publicos dinheiros. »
    Quando palavras taes dizia o rei de Thul,
Das nuvens cae de chofre o regedor do Sul:
Trasbordava em suor, vinha a correr de Tancos;
Trazia tres maçãs, e dois queijinhos brancos.
Ao vêr os medalhões, o boldrié, a farda,
Dispára este remoque, andando á retaguarda:
« Viu-se jámais alguem armar-se até aos dentes
« Quando em missão de paz vai visitar parentes?! »
Foi dura a saudação, porém era acertada:
Envergonhado o rei rei deixou cahir a espada.
Isto era á beira-mar. Neptuno que a conversa
Tinha estado a escutar, ao vêr a espada tersa
Cahir no imperio seu, deita-lhe a mão, e ufano
Corre, enchendo de gaudio as grutas do Oceano;
E chegando a Amphitrite, que entre nymphas bellas
Absorta em seu lavor bordava umas chinelas,
Diz-lhe a rir: — incompleto estava o meu talher;
Agora ha garfo e faca, e só falta a colhér.

FRANCISCO PALHA

O mais rijo pulso de polemista que joga o pugilato dos espiritos em terras de Portugal — é elle. Tem-se medido, arca por arca, invencivel sempre, com os athletas da critica. Se os não descadeira a *box,* espanca-os com a bexiga do ridiculo que lhes zabumba no espinhaço. Orgulhos que elle tem amarrotado, brincando alli pelo Chiado, se não fosse Francisco Palha, andariam trajados de persas como Karr para nos assoberbarem com as esquipações do genio e as excentricidades delirantes da aba e dos colleirinhos. Palha, quando elles não se alimentam dos doutos comestiveis da razão e da grammatica, dá-lhes a comer o seu appellido e favas. Nunca o vi recuar e ceder. Péga d'um sabio, passa-lhe umas

guitas dos braços ás pernas, puxa por uma ponta e faz um bonifrate. É o bom senso, quando lhe faz conta, enroupado em D. Bibas. Tem pelos tolos a consideração que se lhes deve n'um paiz em que a gente não póde estar sempre a bacharelar com os socios da Academia real das sciencias. É muito lhano, muito dado, faz de conta que certos sujeitos são precisos á grande epopeia da vida como rimas picarescas com que se fazem os dithyrambos. Quando encarou o mundo pela face da tragedia, fez a FABIA. Antecipou-se á catapulta do rei Caramba 27 e das senhoras Angots. Principiou a demolir a velha arte, fazendo entrudo das magestosas coisas do palco, ao mesmo tempo que Ponsard ainda fazia tragedias a sério. Arvorou-se empresario de theatros para justiçar no tablado os estafermos que nos perseguiam desde a Mouraria á rua dos Condes. Afinou as gargantas nacionaes. Pôz a cantar muita mulher nascida para apregoar, nas esquinas de Lisboa, com estridentes trilos, o bello par de melancias. Ensinou-lhes requebros e bugigangas *rigolettes* e afadistadas dos concertos *rigolboches*. Francisco Palha corrompeu a Lisboa séria, de casaca, a turba enfrascada em carnagem e sedenta de xácaras, que fariscava com delicias cannibaes a sangoeira do dramalhão no theatro normal. Aquelles gatos pingados da de-

funta arte pôl-os elle em mangas de camisa, a darem-se reciprocas palmadas nos ventres e a cantarem o general Boum. Nos theatros sérios, actores, ponto e algum espectador tresnoitado entoavam como em trintario cerrado *o memento pulvis* da syntaxe e da rhetorica escorchadas na Trindade. E, todavia, Francisco Palha estremece a sua lingua; e, se acerta a miudo de a não ter boa, não deixa de ser castiço e correcto. Aqui vai uma poesia de uma frescura aceiada, de mãos lavadas sem tarja nas unhas, e que por isso dispensa luva *gris-perle*. Portugueza de vinte e quatro quilates.

ASSIM É QUE EU GÓSTO D'ELLA

Eu nunca fui poeta. Era loucura
mostrar depois de velho pretensões,
quando as não tive em horas de ventura,
de tão dôces, mas breves, illusões.

Então era a minh'alma que gemia
no vago anceio d'onde nasce amor:
mas hoje sei que amor no mesmo dia
nasce, esmorece, e morre como a flôr.

Da meiga briza o tépido bafejo;
o perfume da rosa; o pôr do sol;
as nuvens d'oiro, esplendido cortejo
do astro-rei; a voz do rouxinol;

esse hymno immenso com que a terra exprime
viva saudade da apagada luz,
se para mim então era sublime
ai! que já — por meu mal! — me não seduz.

Quando contemplo agora o fim da tarde,
quando ao mirar-se em crystallino mar
o facho acceso sobre as ondas arde,
e nas ondas depois vai mergulhar,

sabeis vós no que penso em tal momento?
— vêde a que prosa vil isto chegou! —
Sabeis vós no que penso? o que lamento?...
o dia mais de vida que passou.

De vida, sim, meus senhores;
que não ha pechincha igual.
Só algum sarrafaçal,
em hora de maus humores,
grunhirá sombrio e rouco
« que pelo seu fim anhela. »
Eu cá por mim acho pouco;
morro d'amores por ella.

A vida saboreada
da maneira que eu cá sei!
nem limpa-botas, nem rei;
trazer gravata lavada,
tendo a paz na consciencia,
boas libras na algibeira,
uma sege, e... por decencia
um garoto na trazeira.

Cadeiras *todas* de braços
fôfas como o pão de ló;
nunca dar ponto sem nó;
nem pôr ponto em dar abraços.
Caçadas — feitas no prato,
e sobre a caça — café,
charutos... dos do contracto
Libra nós e Dominé!

Ora, se eu dava o cavaco
ou se quebrava o toutiço
por ser tudo quebradiço
n'este mundo como um caco!
Em se quebrando — acabou-se.
Ora adeus! Fortes lamechas!
Era bonito se fosse
ficando tudo p'ra mechas!

Amor de marrafa branca!
Como o cão e a cadellinha
sempre fiel! Que gracinha!
Ao chá por baixo da banca
dando *ternas* pisadellas
que as meias deixam de luto,
que fazem vêr as estrellas
e provam que o par é bruto.

Ter sempre o mesmo barbeiro
e sempre o mesmo topete:
á mesa do voltarete
defronte o mesmo parceiro!

O molle ser sempre molle;
sempre o mesmo o serigaita:
na mesma gaita de folle,
soprar quem sopra tal gaita!

Quem pensa assim — oh! coitado! —
ou perdeu todo o juizo,
ou, se tem dente do sizo,
pelo alveitar foi achado.
Para mim que sou amante
do que muda e do que mexe,
como havia ser seccante
o tal mundo d'escabeche! —

Beijar nos pulsos a algema
com que amor nos manietava;
ámanhã mandal-a á fava;
a belleza eis do systema.
Ser hoje amigo... do Brito:
ámanhã sêl-o... dos Soisas,
viajar hoje no Egypto;
vêr ámanhã novas coisas!

Isto sim, que é prazer certo;
e quem julgar que não presta
diga adeus a esta festa,
que o cemiterio está perto. —
Pois póde haver tolerancia
na China, aqui, ou em Gôa,
com quem defende a constancia
que é a massada em pessoa?

— « *Aqui d'el-rei,* porque mente
toda a humana geração! »
Grande pena! Pois então
se mente, mente-lhe a gente:
por mentira, mentirola,
por esparrella, esparrella.
Assim vai esta charola,
assim é que eu gósto d'ella.

Dizem que a vida os assusta
porque em tudo encontram móca;
que o bem a todos não toca;
que a justiça não é *justa!*
Eu por mim quero-a mais larga,
que, se acaso um dia fôr
parar-lhe ás mãos, menos carga
sobre os hombros me ha de pôr.

E se o bem me não tocar
tambem uma vez sómente,
ferro commigo no quente,
e, lá, começo a chorar.
Não é mau. Dou de conselho
a quem quizer divertir-se,
que chore em frente do espelho,
e por força acaba a rir-se.

Chorar é bom! Quem me déra
nos tempos que já lá vão!
quando moço o coração
ao romper da primavera

sobresaltado tremia;
e da terra toda em flôr
juntava á dôce harmonia
dôces lagrimas d'amor!

Se á vida não acham geito
porque todos têm chorado,
cá para mim vem barrado
quem lhe põe este defeito.
Elles que foram pequenos
e contra as lagrimas chiam,
de *lacryma-christi* — ao menos
um pingo não quereriam?

Oh! se queriam! — Nem pio.
O pêllo do mesmo cão
cura o mal — diz o rifão;
e anda ahi mais de *um tio*
aos bordos sempre a proval-o.
Não ha mágoa que resista
quando se quebra um gargalo
de garrafa á nossa vista.

Rosnam que as filhas não fecha
a sete chaves a mãe; —
que a mãe namora tambem;
e mais que torna e que deixa!...
Ih Jesus! — Que gritaria!
Se a mãe tentasse fechal-as
nenhuma as portas abria;
era preciso arrombal-as.

E o Canarim? e a policia?
Tinham que pôr sentinellas
nas portas e nas janellas!
Oh! que famosa delicia
para andar troças fazendo!
As pombas lá no pombal
por pombo cá fóra tendo
um guarda municipal!

Caturras! se ha quem supponha
nas politicas regiões
que ainda póde haver Catões,
quando é tão rara a vergonha!
O galante é que no jôgo
cada qual puxa o seu trunfo
quando, sem armas nem fogo,
podem alcançar triumpho.

Queixam-se os republicanos
que lhes tosquiam as azas?
Pois vão lá nas suas casas
fazer dos criados — *manos.* —
Os outros tremem que os thronos
se despedacem? — Demonio!
Não lhes restam ainda (monos)!
os thronos de Santo Antonio?

Tudo aqui se remedeia;
tudo tem facil sahida,
se as honras dermos á vida
d'um jantar ou d'uma ceia.

Quem tenta pôl-a ao direito
perde o tempo e a razão,
porque lucta peito a peito
com phantastica visão.

Eu nunca fui poeta: agora vêdes
que menos do que nunca aspiro a sêl-o.
Se agarrar-me tentei pelas paredes
do teu Parnaso, Apollo — vai-me ao pêllo!

Põe-me nú, se conservo n'este fato
Algum resto de parvoas pretensões.
Já que o mundo como é, o mundo ingrato
soube despir-me as dôces illusões.

Dormi. Sonhei. Do sonho hoje acordado,
na prosaica verdade emfim cahi.
Mas como tudo tem sempre um bom lado,
ganhei gordura, se illusões perdi.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA

(DOMINGOS BORGES DE BARROS)

Escreve o doutissimo José Feliciano de Castilho na GRINALDA OVIDIANA: «Os beijos teem sido thema inesgotavel para poetas; e n'essa parte poetas, e não poetas, sabios e tolos pouco discordarão, dizia o bom Lafontaine.»

Car, dans les mouvements de leurs tendres ardeurs,
Les bêtes ne sont pas si bêtes que l'on pense.

Eu não conheço impudencia mais canalha que o enviar trovas a uma senhora pedindo-lhe beijos. Ha maior protervia ainda no execravel; é estampar a torpeza, e recital-a em piano, o abemolal-a em musicas lascivas.

*

Faço duas excepções: o honesto beijo pedido por este visconde da Pedra Branca, e os tres beijos dados por João de Deus. Conhecem? Ora se conhecem aquelles gorgeios do mais dôce scismador que as estrellas ainda alumiaram desde que a alma do provedor de defuntos de Macau vaga por este céo de Portugal á busca de corações onde estillar raios da sua luz perpetua. E póde ser que nunca lêssem o

Beijo na face
Pede-se e dá-se

de João de Deus? Póde ser.

Se este paiz é uma calamidade acorrentada a um pelourinho de opprobrio! Se nós, em vez de nos envergonharmos uns dos outros, parece que nos queremos pedir reciprocamente beijos para nos congratularmos do nosso desdem por estes doidos encantadores que ou morrem, ou ensinam a lêr rapazes!

Ó San João de Deus, poeta das finas coisas do corpo sem escrofulas! ó San Juan de la Cruz, poeta da NOCHE ESCURA DE EL ALMA, rogai por nós e pelas bellas letras da peninsula!

O BEIJO

Não ha quem dizer-me possa
Qual o sabor dos teus beijos;
Se houvesse, a inveja matára
Meus freneticos desejos.

E se um beijo de Marilia
Já me fez esmorecer,
Como provarei teu beijo,
Sem que me sinta morrer?

Mas se teu beijo é gostoso,
Como certifica amor,
Expire a vida no beijo,
Deixando n'alma o sabor.

Nunca te pedi um beijo;
Pedido, que gôsto tem?
Do amor o que não é dado,
É frio; não sabe bem.

O coração leve aos olhos
A expressão do desejo;
Os labios aos labios levem
Toda a delicia do beijo.

É n'essa muda linguagem
De intelligencia amorosa,
Que de amor vive escondida
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero,
Fôra enganar mesmo a mim;
Se eu te pedir beijo occulto,
Nunca me digas que sim.

O beijo, dado escondido,
Desacredita a que o dá;
E, se é dôce ao que recebe,
É uma doçura má.

Se o beijo é signal de paz,
Como póde ser de amor
Amar e viver em guerra
Entre delirios e dôr?

O que puder, em teus labios,
O beijo saborear,
Contra amor e a sorte pecca,
Se a mais quizer aspirar.

O beijo, dado escondido,
Toma do crime a feição;
Póde fartar o desejo,
Mas não farta o coração.

Beijo, que deixa remorso,
É veneno em taça d'oiro;
É na pureza de amor
Deixar cahir um desdoiro.

Amor é franco; e só affecta
Gostar do mysterioso,
São diaphanos mysterios
Velando o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus
Nem seu modo encantador,
O que ao puro amor contenta;
É a delicia de amor.

Consulta teu coração ;
Se elle póde amar assim,
Sou todo teu... Se não póde,
Não queiras nada de mim.

BULHÃO PATO

Quando o assanham, tem tres farpas na lingua. Nunca foi injusto. Conhece desde menino uma sociedade onde o espirito se fórma de aromas de flôres que não querem luz muito intensa nem que as aspirem olfatos muito sôfregos. Foi ahi que elle fez a fidalguia do seu gesto, e as effectivas sympathias da sua alma, sempre infantil. Na praça, na sala, no café, é sempre uma distincção. Quem o viu na mocidade, reconhece-o, sem o vêr, se lhe escuta a vehemencia da palavra sempre cortezã. Tanto lhe faz tratar de pomposas camelias brancas como de humildes violetas rôxas. Sempre a phrase que deixa um

rasto de luz para o affecto e para a admiração. Amaram-o todos os homens grandes d'esta terra; e elle, SOB OS CYPRESTES, levantou-lhes um monumento em um livro sobre o pedestal da sua alma cheia de lagrimas.

Escreveu uma satyra com um agro de arseniato de strychnina. Grande devia de ser a justiça da sua cólera!

O PRESIDENTE DO JURY

Sabio de *bric-á-brac,* illustre pedagogo,
Que á puericia real ensinas desde logo
A lisonja arrastada, a vil hypocrisia!
Eu conheço-te bem, santão da freguezia:
Lá devias cantar, ó mutilado infame,
Co'a tua voz de tiple em musical certame.
Presidente venal de todos os concursos,
Erudito cruel, insano nos discursos,
Versejador fatal, rhetorico apopletico,
Libertino por dentro, e na apparencia ascetico;
Recebendo mercês da mão da liberdade,
E mordendo-a depois nas sombras da maldade:
Grego de contrabando, é mais o teu emprego
Ser grego nas acções do que na lingua grego.
Vaes agora saber como me custa pouco
Desmascarar de vez na praça um farricoco.
Como um *pobre escriptor, versejando fraquito,*
Que *não sabe latim,* amanha um erudito.

Calumniador de Homero; ultrajador de Dante!
Louvado seja Deus! e fazem do pedante
Arbitro a decidir do gôsto e do talento!...
Onde a critica exige um fino sentimento
Do bello, do ideal, vão pôr este pancracio,
Estragador de Moscho e do divino Horacio!
Inda ficando aqui!... emfim se á crassidade
De tal entendimento a luz da probidade
Mandasse algum clarão!... Mas a moral n'aquelle,
Peor que a intelligencia, inda a mais baixo o impelle!
Querem saber porque? Um toque bastará
Para mostrar o fel que n'aquella alma está.
No dia do certame um moço concorrente
Fallou sobre a Reforma. O grave presidente
Julgou vêr no orador idéas deleterias;
Ferveu-lhe a indignação! Bateram-lhe as arterias!
Embargaram-lhe o curso apostrophes violentas,
Do tenesmo oratorio as ancias truculentas!
Um — bem pouco christão! — do jury respeitavel,
Afoitou-se a ter mão na scena deploravel,
O publico apupava as furias do truão.
O escandalo acabou? Não acabou, verão:
Uns minutos depois, na sala do concurso,
O protegido entrou e fez o seu discurso,
Co'a funda convicção de um animo seguro,
A confissão geral de pantheista puro.
Céos e terra! o beato, o protector da curia,
O servo ultramontano ouviu aquella injuria —
Monumental blasphemia! — e conservou-se mudo!
Um hypocrita bom tem bojo para tudo.

AUGUSTO SOROMENHO

Nunca vi ninguem que tivesse tantas artes de ganhar inimigos. Grande parte dos muitos que adquiriu eram para Soromenho um excentrico ponto de honra, uma singularidade que roça pelo inverosimil: sacrificava os seus bemfeitores áquillo que a sua consciencia chamava Justiça. Se elles desgarravam da linha da probidade como elle singularmente a entendia, desempenhava-se da obrigação de ser agradecido, desvanecendo-se de justo. O leitor percebe-me; mas eu me explico melhor para outro leitor que não me entende. Conheci Augusto Soromenho muito infeliz nos annos mais florescentes em que o gear da desgraça requeima as flôres. Elle não tinha flôres, nem bifes, nem fraques. Era escrevente em um

escriptorio de barreiras, percebia doze escassos vintens por dia, desvelava as noites lendo de emprestimo livros obsoletos; e, nas horas feriadas ao seu emprego quotidiano, ia á livraria publica affligir os empregados pedindo livros em linguas mortas, como se os anemicos e romanticos funccionarios da bibliotheca de S. Lazaro podessem conhecer e carrejar os pulvereos folios-maximos dos Santos Padres!

Em um d'estes ordinarios conflictos de Soromenho com os guarda-salas, por causa da MAGNA BIBLIOTHECA PATRUM ET SCRIPTORUM ECCLESIASTICORUM o encontrou um jornalista que lia chronicas de frades para estudar o milagre e a lingua, e encher-se de historia, de fé e vernaculidade. O jornalista affeiçoou-se áquelle moço imberbe que lia com a conspicua seriedade de um benedictino o BULLARIUM MAGNUM ROMANUM. Tirou-o do funccionalismo aduaneiro e facilitou-lhe accesso a collaborar no *Portugal,* diario retrogrado para o qual o catechumeno realista entrou com muita erudição e bastantes appellidos: era Vabo y Añaya, era Gallego e Pedegache, era Castro e Pereira. Houve quem então nos arraiaes hostis lhe matraqueasse os appellidos. Soromenho podia com pergaminhos authenticos justificar-se fidalgo de geração, e procedente de familias nobres de Castella e do Algarve.

O jornalista, que o levantára á posição esplendida de articulista doutrinario, vestiu-o para o introduzir nas salas. Elle começou a encarar nas damas com attenção igual d'aquella com que contemplava os in-folios dos Santos Padres: isto porém não quer dizer que elle as considerasse completamente Santas Madres.

Augusto Soromenho deu-se ao namoro e á equitação. Salvador Paes da Pesqueira emprestava-lhe os seus cavallos. Era, n'aquelle anno de 1852, Salvador Paes um gentil rapaz, muito rico, muito dissipador, e generosissimo com os rapazes intelligentes e pobres como Soromenho. Depois, Alexandre Herculano foi ao Porto, e relacionou-se com o moço estudioso, a quem mais tarde abriu os áditos de uma honrosa e benemerita posição no magisterio, inventando-o professor de arabe. Ficam mais ou menos nomeados os tres amigos mais válidos de Augusto Soromenho. O seu primeiro amigo, o jornalista, foi tambem o primeiro que lhe soffreu a ingratidão; mas vêr-se-ha que o termo ingratidão se emprega aqui á mingoa de vocabulo que exprima a idéa. O jornalista fôra injusto e violento n'uma critica litteraria feita aos versos d'um bom litterato amigo de Soromenho. Este, que então paleographava em Madrid subsidiado pela Academia real das sciencias, escreveu cartas desabridas e impres-

sas contra o critico injusto, alcunhando-o, pouco mais ou menos, de tratante e sandeu. Isto, bem é de vêr, não foi ingratidão: foi um quasi honrado rompimemto com um amigo indigno que praticára uma iniquidade. O jornalista, a quem muitos então injuriavam, respondeu a Soromenho com um folhetim amargo intitulado *Tu quoque...* Se o jornalista contasse então mais vinte annos, escreveria ao offensor: « Vossê tem razão. Quando vier de Hespanha, passe por aqui, e dê-me quatro ou cinco pontapés onde lhe parecer. Quando lhe fiz uns pequenos serviços vossê não se obrigou a considerar-me sempre homem honesto e escriptor soffrivel. Logo que eu fui injusto com um seu amigo, vossê antepoz a idéa da justiça universal á da gratidão particular. Honra lhe seja. Repito, quando passar por aqui, não se esqueça de me dar quatro ou cinco pontapés bons. »

Com Salvador Paes não sei como se romperam os vinculos de tão estreita amizade. É natural que Soromenho o lançasse de sua estima quando elle se deixou arrebatar de paixões da alta escóla, e se foi Europa dentro com uma formosa e fugitiva mulher d'umas tranças loiras e esperanças accêsas que tudo espalhou e apagou a nortada do tedio.

Com Alexandre Herculano dizia-se que havia

sido atroz a ingratidão. Nunca tão justo havia sido Augusto Soromenho. Herculano pedira á Academia por um arcaboiço de DICCIONARIO herdado uma quantia muito superior ao merito da fazenda. Soromenho, socio da Academia e amigo de Herculano, votou contra a proposta da compra, e alvitrou que se nomeasse uma commissão proponente. O seu intuito era exonerar da veniaga a responsabilidade do seu amigo, que já então, na lavoira de Val de Lobos, ganhára amor ao dinheiro com que se erguem socalcos e se bemfeitorisam os pingues mananciaes do oleo — que eu não digo «azeite» para sustentar estylo bem penteado.

Eis-aqui o perfil do fallecido professor a quem eu, o mais offendido dos tres, apertei a mão, volvidos doze annos depois da offensa, porque no fundo d'aquella alma havia muita ignorancia do mundo, muito fel que a injustiça lhe emborcára dentro, e uma falsa comprehensão da honra, que sobretudo o levou de dôr em dôr até que afinal morreu debruçado sobre um livro, ao romper da sua derradeira aurora.

DIWAN

Eu estava, hontem de tarde, a lêr o Fausto,
Deitado n'um sofá,
Quando senti abrir-se a porta, e rindo
Entrar o diabo. « Olá !
« Por aqui, é milagre ! » — Mal tu sabes
O que eu venho pedir. —
« Não ; decerto. Vejamos. » — É uma Biblia. —
E desatou a rir...
« Uma Biblia ? ! » disse eu. — E então, que pensas ?
Não serei eu capaz
De a lêr ? Não póde haver um litterato
Chamado Satanaz ? —
« Póde. Ahi tens... Mas que buscas ? » — Eu t'o digo :
Estive, ha pouco, a lêr
O Paraiso de Milton, e ha lá historias
Que eu não posso saber
Onde as fosse buscar. Conta lá coisas
De mim, que eu nem sei ;

E venho vêr então se n'esta Biblia
Acaso as acharei. —
« Duvido. » — E tu que lês? — « O Fausto. » — O Gœthe!
Esse foi mais ratão.
Ao menos, teve graça. O Mephistópheles
É um grande maganão.
O Fausto é que era um parvo. — « Assim ha muitos! »
— E tu tambem o és. —
« Obrigado. » — E assentou-se, folheando
Os livros de Moysés.
Passado tempo, volto-me, e, que vejo!
Deitado sobre o chão
O bom do Satanaz, que adormecêra
A lêr o Salomão!...

PALMEIRIM

Luiz Augusto Palmeirim é prosador jovialissimo. No folhetim, na critica rabelesiana dos costumes escrutados com arguta observação, na photographia dos caracteres que accentuam typos, é admiravelmente exacto, e nunca faz caricaturas para enviscar o riso. Conversando, quando era moço, rivalisava no chiste das hyperboles com Ricardo Guimarães. Os seus ditos sérios já não inspiravam grande confiança. A ingenuidade na sua boca talhada de um feitio especial, era sempre suspeita de ironia, e tudo lhe sahia sublinhado á flôr dos labios. Quando o vi, pela pri-

meira vez, era elle alferes da Junta Suprema, e estava em Villa Real, deportado, á ordem do general, como fautor da republica em versos d'arte maior. Emquanto lá esteve não conspirou. Passeava a sua espada e a sua franzina elegancia nas alamedas da villa, e modificava as suas isenções demagogicas amando fidalgas sem desperdicio da lyra: — que n'aquella terra, em 1847, as unicas poesias conhecidas eram dois epitaphios errados no metro e falsos no panegyrico. Tornei a a vêl-o seis annos depois no café Marrare, desligado do exercito, exonerado da banda de alferes, com as dragonas de general do espirito, a balista com que elle e os seus irmãos d'armas desabaram as velhas coisas e pessoas. Os homens que vi com elle no recinto subterraneo do Marrare quasi todos d'alli sahiram para os conselhos da corôa, para a alta diplomacia, alguns para o pariato, e outros para a sepultura.

Palmeirim, o poeta popular, o Beranger, nunca foi representante do povo. José Estevão, uma vez, respondeu assim ao meu espanto de elle não ter sido ministro:

— Eu não tenho sido ministro, porque m'o não deixa ser...

— A intriga? a inveja?

— Não é isso: são umas coisas que andam na atmosphera...

Não percebi se alludia aos *diabos-azues* dos inglezes, mas, seja o que fôr, as taes coisas que andam na atmosphera conhecem Palmeirim.

Não obstante, sei que elle exerce funcções honrosas e lucrativas em qualquer repartição do Estado; mas, adiante d'elle, está quasi tudo o que a sua intelligencia, ha trinta annos, observava pela lente do epigramma olhando para traz.

Revertamos ao ponto.

Prosa muito lepida, muito zombeteira; mas poesias deveras alegres não lh'as conheco; satyras afinadas pela prosa do conversador mordente, nenhuma. Tinha Palmeirim dois grandes affectos, duas cordas em que psalmeava tristezas saudosas do Portugal heroico ou cantares de saudação á liberdade que n'esta terra se tornára a cumplice da canalha bem sevada e petulante no prumo da gravata:—a tyrannia das bestas resultante de um amor impio á liberdade, como diz Baudelaire.

Tinha os arrebatamentos politicos a daremlhe a popularidade que o talento reportado e ordeiro nunca logrou. Em uma noite de theatro no Porto, ha 32 annos, ganhou loiros que ainda hoje reverdecem na saudade dos que então o applaudiram com sagradas cóleras. Elle, se quizesse, n'aquella noite fazia uma republica na praça da Batalha.

....

Rainha, que fazes? Por entre o rugido
Das ondas do povo não ouves bradar
Que são «innocentes», que o throno trahido
Em pelago fundo se vai sepultar?

Não ouves os gritos das mães consternadas
Chorando o seu fado, pedindo perdão?
Não ouves as turbas na praça apinhadas
Por entre soluços bradar «maldição!»

Não vês as espadas de trinta valentes
Que o throno te deram quebradas por ti?
Não ouves os brados de mil innocentes
Sem rumo na terra chorando por si?

Et cætera.

Estes transportes, por espaço de annos, lhe trouxeram o sangue em effervescencia; um dia, porém, Palmeirim casou, e converteu o Vesuvio politico em fogão domestico; pôz os pés no *fender*, e d'ahi a pouco um filho no collo, pouco depois outro, a esposa entre elles, a felicidade á volta de todos, e ahi começou elle, mais poeta que nunca, a praticar a santa poesia da familia.

Palmeirim é uma saudade dos homens que envelheceram.

Aquelle bom tempo! Ainda havia liteiras e mantilhas. E, depois, as cacetadas cabralistas

que se levavam, e as cacetadas setembristas que se davam! E o hymno da Maria da Fonte, e do Antas, e a *Luizinha!* E as notas de moeda a dois pintos! E o povo cheio de vermes, de aguardente e de cobardia a cantar o *Rei chegou,* e a dar vivas á republica! Ó Palmeirim, tudo isto faz na alma certa móssa, profunda como o carimbo de um pataco da Junta, da qual só resta digna memoria no bronze d'esses reféces patacos!

MULHERES

Se ha quem diga que as conhece
Aposte. Digo que mente.
Mas tambem não me parece
Que haja alguem tão imprudente
Que diga: conheço-as eu.
Aposte e veja: — perdeu.

Se por teimosas não cedem
Aqui lhes ponho um exemplo:
Atraiçoam quando pedem
Orando dentro do templo:
Não atraiçoam? Casou
Quem tal affirma: — e ganhou?

Inda estou pelo que disse:
Se rezam, o que duvído,
Quizera que alguem ouvisse
A reza toda, o pedido.
Por quem era não sei eu:
Pelo marido? — perdeu.

Eu que affirmei que não era
As provas vejo diante;
Se a oração foi sincera
É que tinha ao lado o amante.
A quem commigo apostou
Pergunto agora: — e ganhou?

A aposta é breve e singela:
Sim ou não? Diga, responda;
Por quem rezaria ella?
Embora as razões esconda,
Não diga: — conheço-as eu:
Aposte, veja, e — perdeu!

GOMES D'AMORIM

Cantou a Rosa encarnada ha trinta annos. Bem me lembro. Conservo vivas lembranças d'este facto e do terramoto. A dama que hasteára a signa escarlate da sua rosa era D. Anna de Sá, descendente dos Sás das chronicas, menestreis e cavalleiros. O luminoso poeta ignora se a dama existiu. Existiu, sim. Era alegre como a sua flôr dilecta. Mimosa como as fidalgas da sua raça. Se Gomes de Amorim a quer vêr, passe pela quinta solarenga de Sá, perto da margem esquerda do Vizella, entre na capella da casa á hora da missa, repare em um vulto curvado a um canto do corêto, com um rosario e um livro, rosto macilento côr do marfim das santas antigas, olhos apagados, mãos trementes. É

ella, a cantora da ROSA ENCARNADA. Não lhe falle em versos, se elles não forem de S. Gregorio ou a versão bem plangente do DIES IRÆ Curve-se e retire-se. Entre esse illustre dama a vida em que ha reminiscencias de flôres esta o padre. Ella não ouve o soído dos MURMURIOS DO VIZELLA que já cantou. O padre manda-a escutar o estridor de dentes que rigem lá em baixo no sempiterno horror.

E por causa das rosas encarnadas, brancas e pallidas, Gomes de Amorim, se não fosse Garrett, diz que viria ao Porto saldar contas com os insolentes paladinos que o injuriaram. Se viesse ao Porto, o meu caro poeta não encontrava em quem bater. Nenhum dos sertanejos campeadores era d'aqui. Todos elles eram rapazes para quem a rosa e a couve de penca tinham igual lyrismo. Os poetas portuenses, ha trinta annos, não cantavam flôres. Era-lhes o tempo curto para cantarem meninas brancas, pallidas e encarnadas.

A UMA MULHER MUITO FEIA

Correrei mundos e mundos;
E, lá dos mundos no fim,
Saltarei fóra dos mundos
Se te vir atraz de mim.

....

Se, chegando ao fim dos mundos,
Tu olhares para lá,
Direi ao auctor dos mundos:
— « Mais mundos! que ella cá está! » —

SANTOS CRUZ.

És tão feia creatura,
Que até o Deus que te fez
Voltou o rosto assustado
Ao vêr-te a primeira vez!

Quando nasceste era noite:
Mas, logo que amanheceu,
Tua mãi viu-te, e gelada
De puro medo morreu!

Teu pai, teu avô, teus tios,
Foram-se todos tambem !
Acabaram aterrados,
Como a tua pobre mãe.

As crianças a quem fallas
Não tornam a comer pão;
Mulher pejada que topes,
Páre logo um aleijão.

A morte bispou-te um dia,
E começou a rugir,
Por saber que com tal cara
Não podia competir.

Mas foi-se chegando a medo,
E disse, dando-te um coice:
— « Se eu apanho aquella cara
Nunca mais uso de foice.

Ninguem mais torna a escapar-me,
Quer seja doente ou são;
Morrem todas em me vendo
Com tal caraça na mão. » —

Porém a morte era tonta
Com este seu discorrer:
Quando te viu bem de perto,
Ella é que esteve a morrer.

Deu-te ao diabo, e, fugindo,
Não olhou mais para traz;
Mas disse ao auctor dos mundos:
— « Ó Senhor! veja o que faz! » —

O diabo, ao chamamento
Da morte, grato acudiu;
Mas ao vêr-te, gritou logo:
— « Coisa assim nunca se viu! » —

Cobriu os olhos co'o rabo,
E fugiu a barregar
Que emquanto tu fôres viva
Não torna ao mundo a voltar!

— « Eu cuidei — urrava a besta —
Que era alguma alma capaz...
Mas aquella não me serve!
Palavra de Satanaz!

« Póde gabar-se a caraça
Que é a primeira mulher
Que espanta o diabo e a morte,
E nem um nem outro a quer! » —

FAGUNDES VARELLA

Os apreciadores portuguezes da lyra brazileira distinguem com especial louvor Fagundes. É bastantemente citado este paulista, e tão lido cá, ao que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefacio de 1861. O auctor, querendo bem graduar a futilidade da poesia e attenuar a ousadia de a dar á estampa, a instancias de amigos, pergunta: «Qual é o estadista, o homem de negocios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pallida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatistica, não se lembrou que *haviam* brizas e passarinhos,

illusões e devaneios?» E grammatica. Tambem seria bom lembrar-se *aos ouvidos* das Magdalenas e Julietas, que *havia* regras para o verbo *haver,* além de brizas para refrigerio da epiderme, e passarinhos para deleite dos ouvidos. Em poesia, um sabiá não substitue a syntaxe, e as flôres do ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a còrcova d'um solecismo.

Justificando a gente de juizo são que ri dos poetas, Fagundes não reputa individuos escorreitos os fabricantes de rimas, e applaude os que lhes *cospem sarcasmos.* «Porque o poeta — diz elle com toda a razão — desconhece as leis da humanidade, e em vez de contentar-se com o socego da familia, a calma da mediocridade, a paz do coração, verdadeiras e unicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realisal-a, maldiz-se e se consome.» E que fartum á rua da Quitanda! Mas tem razão. Quem desconhece as leis da humanidade; e, em vez do socego da familia, quer a reinação e o banzé; em vez da calma da mediocridade quer deitar carruagem *huit ressorts* ou vestir-se de Preste João das Indias, e não acha demasiados quatro botões na luva côr de canario, consuma-se e maldiga-se. Por taes e quejandos motivos, Fagundes apostrópha os poetas e vocifera com os labios espumantes de ironias finas: «Querem que

os honestos paes de familia; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o paiz; os commerciantes e lavradores; o mercenario occupado em ganhar o seu pão quotidiano, abandonem os seus trabalhos, deixem seus filhos com fome para applaudir-lhes as loucuras e tecer-lhes corôas de oiro! Não querem (os poetas) que se riam, quando o povo dizendo — nossas searas são arrazadas, nossos filhos precisam de instrucção —, elles respondem:

Mimoso passarinho que vagueias

ou

Minha bella, eu te amo,

e outras iguaes?»

Até aqui Fagundes.

Aguenta-te, Victor Hugo! Açula-lhe os teus ursos nostalgicos, Guerra Junqueiro! Mercieiros, enchei-me este vosso interprete de ceiras de figos de comadre.

Afinal, este sujeito hybrido dos Brazis conclue d'est'arte o seu prefacio original:

«Escrevendo estas linhas e dando á publicidade este volume, o auctor pede e espera que as musas *lhe* favoreçam com a ausencia da sua divina inspiração», etc.

Eu tambem faço votos por que as musas *lhe* favoreçam com a ausencia da sua divina inspiração. Por estes dizeres parece que foi divinamente inspirado Fagundes. Não o faz por menos, e prova-o n'esta canção que denota paiz novo e arvore nova de muita seiva um pouco atacada de pulgão e lagarto.

CANÇÃO LOGICA

Eu amo, tu amas, elle ama...

Teus olhos são duas syllabas
Que me custam soletrar,
Teus labios são dois vocabulos
Que não posso,
Que não posso interpretar.

Teus seios são alvos symbolos
Que vejo sem traduzir;
São os teus braços capitulos
Que podem,
Que podem-me confundir.

Teus cabellos são grammaticas
Das linguas todas de amor,
Teu coração — tabernaculo
Muito proprio,
Proprio de illustre cantor.

O teu caprichoso espirito,
Inimigo do dever,
É um terrivel enigma
Ai! que nunca,
Que nunca posso entender.

Teus pésinhos microscopicos,
Que nem rastejam no chão,
São leves traços estheticos
Que transtornam,
Que transtornam a razão!

Os preceitos de Aristoteles
N'este momento quebrei!
Tendo tratado dos pincaros,
Oh! nas bases,
Nas bases me demorei.

GOMES LEAL

Ultimamente a litteratura realista deu em apresilhar á Morte nomes sobremaneira offensivos, que andam cotados com cadeia, multa e custas no Codigo penal portuguez. A litteratura romantica chamava-lhe *cega, pallida, impia, cruel, dura, tyranna* — adjectivos consagrados á Parca por todos os vocabularios de epithetos. Ella, porém, afeita a ouvil-os desde os canticos orphicos até Horacio, e desde Lycophron até ao snr. Viale, desde Sapho até á exc.ma Pusich, estava dando aos adjectivos e ás interjeições a importancia que muita gente dá a isso e ao resto da grammatica. Urgia, pois, feril-a no vivo; dar-lhe

nomes que chamassem sobre ella a attenção da policia medica, a prevenção dos hospitaes e o asco das pessoas castas — expulsal-a, emfim, da visinhança das familias honestas e arrual-a na travessa de Liceiras ou na rua dos Calafates.

O snr. Gervasio Lobato, escriptor moderno e brilhante, começou por chamar á Morte *idiota invencivel,* a pag. 129 da COMEDIA DE LISBOA, e a pag. 165 já lhe chama, com menos recato, *cocotte sinistra.* O snr. Gomes Leal, poeta moderno tambem, amplifica, refina e desbraga-se mais vantajosamente nos epithetos que dirige á Morte. Chama-lhe

trapeira,
ladra impura,
descarada,
rameira secular,
velha ceifeira eterna,

e pergunta-lhe com a catadura marcial d'um policia se ella vai entregar-se a alguem n'alguma escada.

Tudo isto consta da poesia que vai lêr-se. Parece impossivel que em um **Cancioneiro Alegre** frize um poema intitulado *A Morte.* Friza. Tudo que faz rir e decerto não foi feito para chorar, pertence á farça. Eu quizera demorar-me n'este commentario, defendendo os bons costumes da Morte, filha segunda de Deus, immediata á pri-

mogenita, que é a Vida. Eu allegaria contra Gomes Leal que sobre a Morte pesam iniquamente responsabilidades que são da medicina, e pediria ao poeta que dirija as suas injurias aos snrs. Alvarenga e Magalhães Coutinho, quando os encontrar.

O snr. Gervasio Lobato póde, se quizer, invocar em seu favor a auctoridade de Barbier que escreveu os IAMBES ET POÈMES ha 44 annos. Elle tambem lhe chama pouco mais ou menos *cocotte* (courtisane), e Gautier na COMEDIA DA MORTE chama-lhe *coquette* e *carcassa.* Mas Barbier disfarça a injuria com uma soberba allegoria. Diz que

La Mort a rencontré sur terre un amoureux,
Un être qui l'adore, un amant vigoureux
Qui la serre en ses bras d'une étreinte profane,
L'asseoit sur ses genoux comme une courtisane,
L'entraîne avec ivresse à sa table, à son lit,
Et comme un chaud satyre avec elle s'unit !
Hideux accouplement !...

Este amante da Morte é Paris onde os suicidas e os duellistas se atiravam aos braços d'ella com o ardor que não tinham para repulsar o estrangeiro que

Passe à travers nos champs comme un dieu de l'enfer,
Foulaut d'un pied sanglant l'herbe de nos campagnes,
Et chargeant sur son dos les fils de nos compagnes,
Etc.

Estas invectivas á Morte não fazem rir; mas bem se vê que não são muito modernas. A *courtisane* de Barbier, e a *cocotte* de Gautier, ao chegar com mais 40 annos ao snr. Gomes Leal, não admira que fosse *rameira;* mas, a fallar verdade, o snr. Gomes Leal não inventou os epithetos. Gautier, na COMEDIA DA MORTE, chama-lhe *vieille infame* e *courtisane éternelle,* o snr. Leal—*velha ceifeira eterna;* Gautier—*prostituée commune;* o snr. Leal—*rameira secular.* Henri Blaze, ha quarenta annos, chamou-lhe «velha decrepita»:

Quand la vieille décrépite
Viendra me faire visite
Je mourrai sans sourciller.

O snr. Gomes Leal, emfim, seria original chamando-lhe *rameira,* se Jules Vallée, o petroleiro que morreu espingardeado em Paris, lhe não chamasse *coureuse* (marafona) no livro intitulado LA RUE.

A MORTE

O que o Anti-Christo viu na sombra, debruçado,
foi como esses clarões prenuncios de cegueira.
Viu n'um abysmo ao fundo, immenso, illimitado,
montada n'um corcel, em barbara carreira,
sobre o charco do mundo escuro e ensanguentado,
com sua alcofa infame, a morte, essa trapeira.

Viu aterrado ao longe, indefinidamente,
n'aquella indecisão dos sonhos desmanchados
e convulsos de febre em que, lividamente,
passam monstros hostis nos cerebros pesados,
qual grande flôr de sangue, em céo incandescente,
surgir todo o paiz do Mal e seus Estados.

E viu a todo o instante a Morte, a ladra impura,
sob a fria mudez do esfarrapado céo,
como um vento que varre o pó da sepultura
sem respeito a tiára, a sceptro e a solidéo,
para dentro deitar da sua alcofa escura
o cadaver d'um rei, d'um justo, ou d'um atheu.

E o Anti-Christo então gritou-lhe: — Ó descarada!
rameira secular, velha ceifeira eterna!...
Aonde vaes? Entregar-te a alguem, n'alguma escada?
Visitar um palacio, um bêco, uma taberna? —
Aonde quer que vás, na tua negra estrada,
ao menos, para vêr, accende uma lanterna!

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Ainda no Porto, quando toda a gente lhe invejava a alegria, Faustino de Novaes tinha intermittencias de tristeza negra. N'estas crises, escreveu as suas poesias mais comicas; e, nas horas contentes, as mais sentimentaes, com Minerva esquiva.

Foi para o Brazil. Já viram como Casimiro de Abreu o saudou, á chegada. Os portuguezes idolatraram-no com gestos apaixonados, com extasis, e com bastante economia e fumo de incensos baratos. Quanto a dinheiro, ha de elle posthumamente contar ao leitor como era isso do dinheiro.

Aqui está um carta datada no Rio em 23 d'outubro de 1866. Elle morreu em agosto de 1869.

«... A aceitação, que teve aqui o meu primeiro livro, não se explica nem me lisonjeia. Bastará dizer-te que ninguem aqui se recorda de algumas producções que eu ainda hoje assignaria. As que me deram a *immortalidade* são justamente aquellas que eu tiraria do livro se tivesse a vangloria de entrar, posteridade dentro, com as divisas de cabo de esquadra ás ordens de Tolentino...

«Responderei agora ás tuas ultimas perguntas e reflexões sobre a possibilidade de nos não tornarmos a vêr. É isso o mais provavel e quasi certo. Eu não conto voltar a Portugal, e o desejo que tenho de abraçar-te não me compelle a trahir a amizade aconselhando-te que venhas cá. Não sonhes semelhante desatino. Verdade é que eu cá estou; mas entre nós ha differenças incontestaveis. Tu não pódes ser senão litterato: nasceste só para isso; eu nasci artista, fiz-me litterato por mania; a mania passou; e comquanto eu reconheça que não sou de todo burro, amoldo-me ás circumstancias e trabalho em tudo que se me offerece...

«*É obrigatorio que venhas rico?* perguntas-me tu. Desgraçada illusão é essa! Então, apesar de

quanto d'aqui tenho dito, entendes que a riqueza no Brazil é só questão de tempo? Pois, meu amigo, não tenho um vintem de meu. Devo agora antecipar resposta a esta pergunta que me fazes: *Então que fazes no Brazil?* Respondo: aqui paga-se melhor do que lá tudo que não seja trabalho litterario. Tenho actualmente dois empregos; labuto muito; satisfaço a obrigação que me impuz de mandar mensalmente a meu pai 30$000 reis fortes, e o resto chega-me para viver, tendo casa e mesa gratuitas, não indo a divertimento de genero algum, vivendo na maior modestia...

« Agora dize-me: acharia eu ahi trabalho que me désse o necessario para continuar a protecção que hoje dou a meu pai? Decerto não. Seria acerto ir mendigar um emprego?... E não é tudo. Os meus infortunios deram causa a rasgos de abnegação da parte de pessoas de quem me não poderia separar para sempre. A minha mais profunda affeição é uma senhora que no dia 19 d'este mez completou 80 annos. Achei n'ella mãi extremosa; e, n'este momento, correm-me as lagrimas porque a tenho perto de mim quasi moribunda. Vou soffrer mais uma dôr profundissima. Sei que respeitas estes sentimentos. Entrei em casa d'esta santa quasi louco. Soffreu-me e curou-me com resignação santissima, sal-

vou-me com desvelos maternaes, vivo em sua casa ha quatro annos, e dizem-me os filhos que ella me estima talvez mais do que a elles embora se julguem, como são, adorados por ella... Não nos demoremos n'este doloroso assumpto.

«Prometti contar-te a minha vida, e pouco te disse ainda, quando caminho ao cabo da quarta pagina. Será assumpto de outra carta com igual extensão. O que ainda posso dizer-te é que do antigo Novaes que tu conheceste, estimaste, guiaste e ensinaste, só resta a robustez *cavallar*, e paixão pela musica. Toco flauta desesperadamente. Sáio para o trabalho ás 9 horas da manhã, recolho ás quatro da tarde, janto, e torno a sahir no dia seguinte. Fui ultimamente a um concerto de Arthur Napoleão que me convidou pela terceira vez, e porque esta familia me obrigou a ir. N'esse dia fazia oito mezes que eu tinha passado uma noite fóra até ás 10 horas. Só faço versos quando me pedem e não posso eximir-me. Linha espontanea não escrevo uma só.

«... Fallar-me-has ainda no *trabalho do espirito que eu desavisadamente materialisei de mais,* segundo dizes? O espirito fóra da garrafa que é? Coisa que se evapora e não deixa vestigios de ter sido. Tenho tido vida cruel. Tenho soffrido amargas decepções; e, se ainda gracejo, não é isso por habito. Aborreço o mundo e a vida.

N'este estado, nem ha inspirações para coisas sérias, nem alegria para os brinquedos litterarios. A penna já me não é passatempo. Escrevo, ás vezes, musica; mas estou — peço que acredites — um pouco abaixo de Verdi... »

Faustino Xavier de Novaes nunca mais me escreveu. Pouco depois morreu intellectualmente. Sem phrenesis nem grandes paroxismos da robusta razão que vasquejava, passou a um sereno e risonho idiotismo. Depois acabaram de o enterrar as mãos piedosas do conde de S. Mamede, e fez-se um grande silencio sobre o nada d'este meu honrado e desditoso amigo.

*

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Meu Camillo. Velho amigo.
Mestre que, em eras ditosas,
Me déste prestante abrigo:
D'estas plagas tão formosas
Quero conversar comtigo.

Se ao papagaio mandado [1],
Porque és bom, não me condemnas,
Fica o presente adiado:
São caras as verdes pennas,
E o cofre está depennado.

---

1 Em Portugal, especialmente no Porto, é muito usado o gracejo de pedir um papagaio ás pessoas conhecidas que partem para o Brazil. Isto é sabido por meio mundo. Faz-se esta nota para os habitantes do outro meio.

Mostro, só, que não sou vário
Na minha affeição singela;
E, á ingratidão contrario,
Tambem mostro, por tabella,
Que inda não sou *millionario*.

Sendo-o, ás musas indiscretas
Não baixava as minhas vistas;
Dado a *letras* mais dilectas,
Não fallava a romancistas,
Não dava trella a poetas

Quem outras *letras* abraça,
Porque é rico, e não é tonto,
Nas tuas não acha graça,
Que não tem ellas desconto
De rico peito na praça.

Isto de amor e amizade,
De affeições e sympathias,
São pieguices de outra idade,
Das avós, das velhas tias,
De alguma freira, e algum frade

Tens n'isto razão que sobre,
A dar-te mais não me atrevo;
N'esta carta se descobre,
Que, do Brazil se te escrevo,
Já sou parvo, ou inda pobre.

Não sou barão, conselheiro,
Nem fidalgo de pé torto,
Nem visconde por dinheiro:
Se algum dia eu fôr ao Porto
Não me chamam brazileiro.

Hão de, só, chamar-me tolo,
Que á lingua dei desafogo,
Dando voltas ao miolo,
E me levantei do jogo,
Sem ter levantado o bolo.

Escrevesse obras supremas,
Cantasse eu como tu cantas,
Que enriquecesse não temas:
De carne secca dez *mantas*
Nutrem mais que cem poemas.

Um irmão tenho aqui perto
Que feliz ou desgraçado,
Seja louco ou seja esperto,
Ou gastador, ou poupado,
Ha de *enriquecer* decerto!...

Devo rasgar-te o sophisma,
Ou o enigma, tão profundo,
Em que a mente se te abysma:
De *Henrique ser,* n'este mundo,
Livral-o só póde o chrisma.

Nem esse refugio eu tenho!
Que em mim só no nome ha — *tino* —
Alguem sustenta, e eu convenho;
Pois, se tenho engenho fino,
Não dou azeite no engenho.

(Se vês da critica o malho
Malhar de Gongora os brilhos,
Deixa bater, que eu não ralho:
Quem mais dá nos trocadilhos,
Menos lhe sabe o trabalho).

Dizer-te mal d'esta terra,
Não direi, não sou ingrato:
Mas (quem t'o jurar não erra)
Cá ou lá, ser litterato
Á riqueza é fazer guerra.

Tenho amigos, é verdade,
Mentia se t'o negasse;
Sei até que, se a amizade
Fosse coisa que engordasse,
Tinha eu cachaço de frade.

(Esta rima é um tormento!
Só em dezeseis quintilhas
Dois frades, sem tal intento!...
Em que fraqueza me pilhas!...
Fiz de uma carta um convento!)

Adiante. Subi um furo;
Fui ás nuvens elevado,
Sou redactor do — FUTURO —
Mas olha que estou *passado,*
Que o presente é osso duro.

Vou roendo, e de maneira
Que sinto os queixos doridos;
Mas é minha a culpa inteira,
Pois dizem os entendidos
Que fiz uma grande asneira.

Eu sei que ser jornalista,
Com maus versos, e más prosas,
Andar dos cobres na pista,
É, n'estas eras famosas,
Ter olhos e não ter vista.

Mas não foi só essa, amigo,
A asneira, já confessada;
Fallo em segredo comtigo:
— Cuidado, não digas nada
Do que, baixinho, te digo.

Veio o — FUTURO — a terreiro,
E aos assignantes foi dado,
Mas, depois, fui tolo inteiro,
E confesso-o envergonhado...
Mandei-lhes pedir dinheiro!...

Que parvo fui! Que pedante!...
Pude julgar, indiscreto,
N'estas coisas ignorante,
Que era uma *letra* o prospecto,
E o que assignou *aceitante!...*

Seguiu-se o castigo ao crime;
Bradaram muitos: «Não pago!»
E o que de pagar se exime
Não se abranda pelo afago,
Nem esta queixa o deprime!

E a casa tem senhoria,
Querem paga os gravadores,
Quer paga a typographia,
Querem-n'a alguns escriptores,
E eu... tambem a aceitaria...

E quem pagou por inteiro
O preço da assignatura,
Se eu fôr vender o tinteiro,
Ou goste, ou não, da leitura,
Dirá que sou caloteiro!

Hei de ir pela rua adiante,
Bolsa leve, e roupa gasta,
E ouvirei, de voz possante:
— Que firma!... É poeta e basta!...
Comeu-nos!... Oh!... que tratante!...

A consciencia, inda sem chaga,
Ha de incommodal-a a fama;
E a nossa lingua é tão vaga!...
— Camillo! — Como se chama
O que assignou e não paga?...

Eu tenho um mau diccionario
Que apenas acção indica
No — *R* — no mais é vario;
E na letra — *L* — só fica
Se designa o refractario!...

D'este diccionario ingrato
Não gosto, que alli se ferem
Reputações que eu acato:
— Dêm-me dinheiro, se querem
Que eu compre outro mais exacto.

Ai! Camillo, que saudades
Tenho das noites compridas
Em que, amigos e confrades,
Vinham gentes bem vestidas
Ouvir-nos nuas verdades!

Tivemos optima escóla
No teu *mundo patarata!*
E a lembrança me consola
De que se eu gritava: « mata! »
Lá bradavas tu: « degola! »

Não deixavamos inteiros
Pretenciosos estadistas,
Ou falsos testamenteiros,
Nem nobres contrabandistas,
Nem fidalgos *moedeiros.*

Se agarrado ao gorgomillo
Irado, ás vezes, te via
De um barão, d'isto ou d'aquillo,
Com que humildade eu pedia:
« Dás-me esse barão, Camillo?

« Dá-m'o, sim; já que tu brilhas
« No estylo, sempre luzido,
« Em que fazes maravilhas,
« Dá-me o barão, que espremido
« Rende bem quatro quintilhas!

« Dá-m'o, sim, façam-se as pazes:
« Tu, que és grande pelo invento,
« Que barões e condes fazes,
« Deixa-me o divertimento
« De escovar estes rapazes! »

E tu, n'um rapido lance,
Sobre a presa cavalgavas;
E, medindo todo o alcance,
N'um galope desfilavas,
Lá vinha mais um romance!

E o barão, ao desconfronto
Cedia, ao vêr-se cantado;
E, do seu valor absorto,
Tinha o livro encadernado
Em coiro de barão morto!

É verdade que o não lia;
Mas n'alma (se a tinha) pura,
Odio sei que o não havia,
Pois desprezava a leitura
Só porque lêr não sabía.

Comprava, que a voz da fama
Como heroe o apregoava;
E o barão ardia em chamma,
Pois n'outro livro, constava
Que um Camões cantára um Gama.

Era então que o teu Faustino
Em verso froixo, e rasteiro,
Cedendo ao louco destino,
Se agarrava ao tal sendeiro
Qual tolo á corda do sino.

E se um epigramma fende
A dura carne ensacada,
O bom homem não se offende;
O que é chulo só lhe agrada,
O que é sério não entende.

E o barão, que se consola,
Acha nos versos verdade,
Porque lhe tocam na mola,
Despertando-lhe a saudade
Das cantigas á viola!

Julguei que era triste fado
Ter de ser cantor burlesco
Quem vivia amargurado;
Disse-te adeus, puz-me ao fresco,
Deixei-te o campo abastado.

Sei que por mim não choraram
O pranto da despedida;
Mas sabem hoje que erraram,
Pois perderam a partida,
E as letras patrias ganharam.

Que tu, raposo matreiro,
Ou antes faminto lobo,
Invadindo o gallinheiro,
Do papo de cada bobo
Arrancas um livro inteiro.

N'este seculo das luzes
Mais a luz tua vigora;
Que, filado aos taes lapuzes,
Deixas um puxando á nora,
E os outros são alcatruzes.

E fazes, d'instante a instante,
Nas concepções tão fecundo
Como nos partos brilhante,
Que se espante o velho mundo,
Que o mundo novo se espante.

E cá nós, os portuguezes,
Saudosos da patria amada,
Tinhamos todos os mezes
Dois paquetes, que á chegada
Nos alegravam mil vezes.

« O paquete chegaria? »
« Tardará muito? Já veio? »
« Que novidades traria? »
D'isto andava tudo cheio,
Nem outra coisa se ouvia!

Ninguem hoje sae á rua
Por saber novas da terra;
Se ao longe o vapor fluctua,
Já cá sabemos que encerra
Noticia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete,
Ao vêl-o em rapido lance,
Ninguem diz: « Chega o paquete! »
Dizem só: « Lá vem romance! »

Mais comedia, mais um conto,
Mais artigos de sciencia,
Mais um drama quasi prompto,
Não ha nunca reticencia,
Não ha virgula, nem ponto!...

Isto, amigo, não se atura!
Tu, se escreves a cavallo,
Modera mais a andadura:
— Tempo que dás de intervallo
Não chega para a leitura! —

Mas se intentas bem montado,
Correr o mundo em que moras,
Sempre em galope dobrado,
Quando lá não haja esporas,
Não quero vêr-te parado.

Dou-te assumptos verdadeiros,
Em que has de marchar seguro;
Mando-te nomes inteiros
De assignantes do — FUTURO —
— **Mas é só dos caloteiros.**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

No cerebro d'este sujeito nunca phosphoreou pyrilampo de poesia bem medida. Não perpetrou grandes delictos de romantismo impresso, porque foi de uma roda de homens praticos, scepticos, desconhecidos da lua, mais amigos do theatro que das florestas rumorosas, e mais dados ao ponche queimado do que ao remugir das vagas e ás brizas fagueiras do mar, do qual principalmente apreciavam as ostras na Aguia d'Ouro. Foi muito parco em trovas aos objectos dos seus ais. Poesia parturejada com dôr e não contada syllabicamente pelos dedos fez uma só, e foi a ultima. Nas outras inflammava-se a frio. Quando tinha saude e dinheiro, regrava elegias,

debulhava-se em lagrimas de consoantes. Se ás catarrhaes se ajuntavam as angustias da fallencia, entrouxava-se nos cobertores, e vingava-se da therapeutica e dos capitalistas fluminando o lapis d'onde rutilavam coriscos de chalaças salôbras.

De certo tempo em diante começou a dizer que morria e mandava adiante d'elle um volume de versos á voragem do esquecimento. Isto n'elle era presumpção; porque aos funeraes do seu *eu* de poeta já elle tinha assistido em pessoa e de saude perfeita. Quando estava sinceramente velho, acabou por onde começára.

SONETOS DA DECREPITUDE

I

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos,
andava sempre a declarar ao mundo
que tinha cans, e um dissabor profundo,
e dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
sorriam das canções do moribundo;
pois viam no meu rosto rubicundo
uns bócios brazileiros e uberrimos.

Que tempo! que saudades! que tolice!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
sob o peso da tremula velhice,

não digo que estou velho nem cançado;
e não gósto, se sei que o leitor disse
que o meu bigode já reluz pintado.

*

II

Senhoras do meu tempo, é bem notorio
que eu vos servi com lyra, harpa e laúde;
cantei-vos e chorei-me emquanto pude,
com ares de Antony, não de Tenorio.

Gastei-me entre as paixões e o escriptorio,
raivando contra amor trêdo que illude;
e protestava em prosa tosca e rude
que o escrever e o amor são purgatorio.

Depois de oitenta livros, com oitenta
raladoras paixões, já não me escapa
nem phrase nem gemido! Hoje me alenta

brilhante luz, que os olhos me destapa,
quando, senhoras, vejo essa mão benta
pedindo uma esmolinha para o Papa.

OS CRITICOS

DO

CANCIONEIRO ALEGRE

ADVERTENCIA

Reproduzem-se em opusculo estes artigos para que fiquem como padrões da critica militante luso-brazileira em 1879. Da contextura da resposta deprehende-se a indole do ataque. Publicam-se no formato do **Cancioneiro alegre** afim de se immortalisarem em meia encadernação barata as duas obras intimamente unidas pelo parentesco da chalaça. Ha uma jovialidade pantagruelica, ás vezes brutal, trocista, n'esta folia com os criticos: é que eu não podia dar-lhes a gloriola de sujeitos questionaveis a não ser para os apertar na torquez do ridiculo. Se escrevi

uma phrase séria, circumspecta n'estas paginas e com taes adversarios, não morrerei sem protestar perante a posteridade que estava distrahido.

Até esta data não me sahiu critico aos futeis commentarios do **Cancioneiro** que ajuntasse á ignorancia a delicadeza, ou á injustiça a sciencia. Uns tolos, outros crianças, outros estupidos e maus. Com os segundos, dei testemunho de uma bondade seraphica, e de muita moral sã extrahida do velho THESOURO DE MENINOS, pelo que respeita ás malfeitorias indiciativas de mau caracter. Sim, eu não lhes fiz mal. Ouçam-me os manes do meu mestre de primeiras letras, e a Sociedade Protectora: eu não fiz mal aos animaes.

Rasgaram-se sobre o **Cancioneiro** as cataratas de lama que prenunciam o diluvio das letras d'áquem e d'além-mar. — Que eu sahira a insultar a Idéa Nova no verso e no romance, porque a minha ignorancia me vedava as fronteiras que separam o velho romantismo da elaboração dos processos que photographam a vida a um raio luminoso da sciencia. — Ignorancia de quê? das miserias indeclinaveis que elles chamam as podridões? das lagrimas a que elles dão como le-

nitivo a gargalhada do velho e safado diabo das lendas? Eu conhecia tudo isso sem expositores francezes. O que eu não podia era attribuir á physiologia, ao sangue, á fatalidade da raça, o que era da liberdade moral, do espirito, da educação, da consciencia, da responsabilidade. Eu ia mais para as lagrimas do que para as nauseas. Mas o estigma indelevel da minha ignorancia é o plangente estylo de 1840, a phrase sem o nervosismo, o resalto moderno, d'uma correcção velha e fastidiosa, com uns boleios portuguezes a trescalarem ao ranço das selectas. D'ahi, o chamar-me desdenhosamente romantico o snr. R. Ortigão; e o snr. G. Junqueiro, o infante prodigioso, concedendo-me com magnanimidade alguma graduação na inactividade, reformou-me em «romancista subalterno»; ao passo que os seus admiradores me expungiam da faina das letras militantes, arranjando resenhas acintosas de escriptores em que o meu nome nem sequer lograva entrar na obscuridade dos romancistas fallidos ou mortos com Arnaldo Gama e Rebello da Silva. Estas certidões de obito eram passadas pelos Johnsons e Planches que em Portugal são

uns sujeitos que litteratejam chocados nas desovas d'um critico preclaro. Eu, na situação invejavel d'este egregio tambor-mór do criticismo, para não produzir d'aquillo, abstinha-me do magisterio — infecundava-me, fazia-me Cambalus ou Origenes intellectual. Isto é uma nação pequena de mais para monstros tamanhos em arrojos de instrucção primaria, palavra de honra! Elle, o pujante demolidor, com este cortejo de discipulos dá a lembrar um pomposo baleote á flôr da onda do mar alto com um cardume de carapaus que lhe vão na esteira ao lambisco das suas sobras de gorda pescaria. Que os vareje e sacuda com a cauda, e faça-lhes saber o grande critico que tem em si uma luz clara independente da opacidade dos outros planetasinhos subalternos.

Espantosamente se deu o caso de me sahirem açulados uns fraldiqueiros — a cainçada que esburga o osso do noticiario. Se eu não fosse um homem tão alegre, tão reportado, tão transigente com as garotices d'este paiz de cocagne, com os seus soberanos litterarios de Yvetot, teria sossobrado a um sombrio desprezo e a um grande nojo d'elles e de mim por ter aqui nascido.

Dizem-me que ha ahi uns sabios de reserva — os molossos de dentadura refilada, que hão de mais tarde explosir. Eu lhes envio d'aqui um suave pontapé ao deposito tympanitico das suas cóleras. Rebentem.

S. Miguel de Seide, 1 de setembro de 1879.

C. CASTELLO BRANCO.

OS CRITICOS DO CANCIONEIRO

I

O SNR. SERGIO DE CASTRO

É estylista bilioso, explica-se azedamente, diz com afouteza grosseira o que sabe; mas acontece ás vezes não saber o que diz. Logo lh'o mostrarei.

Acha que eu «não tive habilidade nem paciencia para os apanhar no seu meio», os poetas, «para lhes reconhecer o merito, para lhes fazer justiça.»

Se não os apanhei, foi realmente por ignorancia dos processos de apanhar poetas no seu meio. Se quer dizer que fiz uma cousa á tôa, sem classificações, sem jerarchias, sem a urdidura ideologica, philologica, scientifica emfim, com que os sabios compiladores costumam tecer os

Cancioneiros, convenho e sustento que fiz o que devia para não destoar da adjectivação ligeira, popular e folgazã do livro. Grandes empôlas de erudição reflexa e banal assopradas em um **Cancioneiro alegre** seriam motivo para pôr nos olhos do leitor prantos inconsolaveis pelo seu quartinho. Queria talvez que eu me detivesse a esmiuçar o meio do provençalesco snr. Fagundes, como se elle, em seus dizeres cyclicos, se escondesse nas brumas de cinco seculos como o João Zorro do CANCIONEIRO DE D. DINIZ; achou porventura que eu não averiguei se o carme erotico de Junqueiro é evolutivo da *tençom* de Nuno Porco, coevo do rei lavrador. Não encontrou nos meus magros commentarios um lardo unctuoso dos Raynouard, de Bouterwek, de Bellermann. de Paulin-Paris, Sanches, Wolf, de Diez, de Duran, dos Sagas, das Niebelungen, do Arthur e do Saint Graal, de mosarabismo, de lingua d'Oc e lingua d'Oïl. Não que eu tenho uma grande consideração pelos homens ousados que editam livros em Portugal. Faça o snr. Sergio de Castro um recheio d'essas cabedellas, de cousas e pessoas, de futilidades ôcas, de espalhafatos fôfos como instrucção, e soporosos como recreio: e arranje depois editor que é o mesmo que arranjar um propinador de chloroformio e um bode expiatorio da vindicta publica. Ha ahi uns

Cancioneiros enfronhados e abarrotados d'isso que cahiram do tedio universal ao *rabais* de alguns incautos particulares, e finalmente... triumpharam nas mercearias.

Arguiu-me de injusto.

Cuidava eu que escrevera o louvor da escóla nova elogiando Anthero de Quental, João de Deus, Fernando Caldeira, Duarte de Almeida, G. Crespo, Macedo Papança, quasi todos. Refugára apenas umas cousas

Besuntadas de porca modernice,

como diz o padre Francisco Manuel ao seu amigo Brito.

Allega o snr. Sergio que o descobrir *imitações* como a do snr. Guerra Junqueiro, é *denuncia torpe.* Este queixume denuncía tambem um secreto receio. Os confederados são uma jolda de salteadores de peregrinos francezes. Chamados á autoria, soccorrem-se com desfaçada indulgencia reciprocamente, e em beneficio dos réos testemunham que elles eram menores quando plagiavam, que tinham quatorze annos, e outras maravalhas.

A Idéa Nova não tem direitos a ser mais ladra que a velha. No **Cancioneiro alegre** não ha denuncia nem torpeza. Ha um *memento,* um « lem-

bra-te que és homem» do escravo ao cesar, um estorvo á philaucia insolente do *enfant-gâté* que fizera dos seus alexandrinos um latego com que andava destroçando poetas e prosadores dos seus dominios da Peninsula.

Denuncia torpe! Forte tolice!

O grammatico Aristophanes colligiu os roubos de Menandro;

Philostrato accusou os roubos de Sophocles;

Bayle aponta com infamia a HISTORIA DOS GODOS de Procopio roubada por Aretino Bruni;

Horacio delatou os plagiatos de Celso;

Os academicos de Paris accusaram Furetière de lhes roubar os seus trabalhos;

Cajot argue J. J. Rousseau de ter plagiado o livro DA EDUCAÇÃO;

Charles du Rosoir accusa de larapios Voltaire, Montaigne e Charron;

La Harpe fulminou os plagiatos de Corneille;

O bispo Cenaculo accusa fr. Manoel dos Santos e Manoel de Faria e Sousa de plagiarios de fr. Bernardo da Cruz;

José Feliciano de Castilho diz que o padre João de Lucena se apropriou fraudulentamente do manuscripto das PEREGRINAÇÕES de Fernão Mendes Pinto;

Alexandre Herculano accusa Galvão, e Ruy

de Pina, e Acenheiro de terem espoliado as primitivas chronicas manuscriptas de Fernão Lopes.

Alguem sahiu contra estes doutos malsins de ladrões chamando-lhes *torpes denunciantes?*

O plagiato é que é torpeza; e o doesto que me atira o snr. Sergio deixa de ser um convicio para se affirmar em mera parvoice.

Repugna-lhe, outrosim, que eu me referisse ao snr. Oliveira Martins chamando-lhe *um*, com desdem, e conclue ou que eu não lhe entendi os livros ou que o meu desdem assenta em cousa peor. E diz: *Como o snr. Theophilo Braga e o snr. Adolpho Coelho e o snr. Joaquim* dos Musicos, *e outros muitos fallam bem do auctor do* Hellenismo, *o snr. Camillo considerou-se constituido na obrigação de dizer mal.*

Não soube o que disse o snr. Sergio de Castro.

Vou lembrar-lhe uma duzia de amabilidades que o snr. Theophilo Braga envia ao snr. Oliveira Martins, auctor de um livro chamado OS LUSIADAS, etc. [1]

[1] Veja BIBLIOGRAPHIA CRITICA DA HISTORIA E LITTERATURA. Porto 1875, pag. 76-84.

1.ª

O livro do snr. Oliveira Martins divide-se em cinco capitulos... escriptos n'aquelle estylo apopletico usado por Victor Hugo no estudo de Shakespeare... n'esse tom vacillante de quem se encosta aos adjectivos para dar fórma grammatical a um periodo que não tem idéa.

2.ª

O snr. Oliveira Martins nem pelo estudo nem pelo seu desenvolvimento intellectual estava ainda apto para escrever OS LUSIADAS.

3.ª

Depois d'isto falla-nos o snr. Oliveira Martins nas epopêas da India e prorompe com este monumental disparate historico, etc.

4.ª

Sem idéas definidas sobre historia ou sobre origens litterarias, o snr. Oliveira Martins atropella as descobertas da sciencia, etc.

5.ª

Faltam-lhe as minimas noções de historia litteraria.

6.ª

Podemos concluir que este primeiro capitulo é mal escripto sobre não ter sido pensado; é um pastel de idéas de Taine e de Lavelleye com aproximações de Quinet e logares communs.

7.ª

Passemos um traço sobre estas palavras injustas dictadas pela ignorancia.

8.ª

Não contente com estas opiniões cerebrinas, diz-nos, para cumulo de pasmo, « que Camões tinha o typo das mulheres de Ovar! » Céos, bem haja a tua magnificencia que sem adubos crias tão espontaneas vegetações!

9.ª

Levado pela imaginação atirou-se de encontro a um sedeiro; a intenção era boa; mas (empregando

uma locução popular) querendo benzer-se, quebrou o nariz.

10.ª

Nunca um principio insensato foi mais espremido a dar as ultimas consequencias.

11.ª

Um livro que offerece estas qualidades póde-se dizer francamente que não presta.

12.ª

É isto o que dá a litteratura do folhetim e da academia, quando pretende participar da elaboração scientifica cujo espirito não comprehende.

Até aqui Theophilo. Agora uma só amabilidade de Adolpho Coelho que vale por todas do seu confrade.

1.ª E UNICA

O snr. Martins toma o mythico Esculapio, a concepção anthropomorphica das forças vivas da natureza sã (Preller) por um personagem historico como Hypocrates e Galeno, cujos escriptos chegaram

até nós, mostrando assim uma ignorancia maior que a de qualquer estudante de latim que lê o seu Chompré. Vê-se que é absolutamente impossivel tomar a sério o seu livro, onde o auctor mostra que nem sequer aspirou a seguir o bom caminho. Se não fosse a incapacidade do publico em julgar estas obras, pediriamos ao snr. Theophilo Braga que reduzisse este seu artigo a um quarto para não gastarmos tantas paginas da nossa revista com ruins obras [1].

Não sei o que disse do snr. Oliveira Martins o snr. Joaquim dos Musicos, idiota irresponsavel e tolerado em letras e artes. Se elle arreatou com Joaquim Theophilo e com o outro n'estas admirações, a glorificação do auctor do HELLENISMO é perfeita.

Dir-me-ha agora o snr. Sergio e quem isto leu qual é mais aggravante para o snr. Oliveira Martins — esse estendal de detracções rusticas que ahi fica, ou eu chamar-lhe *um?* Eu por mim preferia que me chamassem *um,* e talvez antes quizesse que me chamassem *nenhum.*

Já vê pois o critico do **Cancioneiro alegre** que eu não desfavoreci o snr. Martins porque os

1 Obra cit., pag. 77, nota.

snrs. Theophilo e Adolpho Coelho o favoreceram. Achei estolida a comparação do snr. Junqueiro com Jesus Christo, posto que a percebi nitidamente, se não me engana a vaidade. O snr. Martins compara o snr. G. Junqueiro a Christo na evolução ideologica do progresso: Jesus como emissario da lei nova, Junqueiro como installador da nova poesia—ambos Messias. E o snr. Junqueiro, tão enaltecido na comparação, nem por amor de si mesmo hesitou em comparar materialmente o Christo a um cão:

> E o rafeiro sublime, impassivel, sereno,
> Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas,
> Com aquella amargura ideal do Nazareno
> Recebendo na face o osculo de Judas [1].

Quiz o snr. Sergio inculcar que a minha critica não era um acto de justiça espontanea, mas sim o artificio violento de odios pessoaes. Semelhante insinuação é uma brejeirice aggravada por ignorancia impia dos evangelhos do philisteu snr. Theophilo & C.ª

Mas em que maculei eu a virgindade litteraria do snr. Oliveira Martins antepondo-lhe o adjectivo numeral UM? Camões, cantando de Nuno

---

[1] A MUSA EM FÉRIAS, pag. 157.

Alvares, de Egas Moniz, de Fuas Roupinho e de Duarte Pacheco Pereira, disse:

> Por estes vos darei *um* Nuno fero
> Que fez ao rei e ao reino tal serviço ;
> *Um* Egas e *um* Dom Fuas, que de Homero
> A cythara para elles só cubiço:
> ....
> *Um* Pacheco fortissimo, etc. [1]

E por causa d'este *um,* o snr. Sergio, parvoeirão como tres, chama-me *pedante.*

Não conheço palavra assás aguçada com que possa despicar-me d'este sujeito. Se eu confiasse na desforra da lei chamava-o á policia correccional. Mas o melhor de tudo, snr. Sergio, é a receita de Garrett:

Em paz e ás moscas.

---

[1] Lus., cant. I, est. XII e XIV.

II

O SNR. CARLOS LOBO D'AVILA [1]

A critica d'este litterato vem gravida de duas idéas superiores, boas e tão resolutivas que parecem de Taine. A primeira é chamar-me *velho* o snr. Lobo d'Avila. Este argumento fulmina — é um triumpho. A sua exactidão é tão impenetravel que eu só poderia questional-a com o sophisma da Agua Circassiana usada pelas familias principaes da Europa. A segunda formula é chamar-me *caturra*. Não exalçarei os gabos d'esta idéa até a considerar um raio luminoso do

[1] *Revista de Coimbra* n.º 1.

grande ôlho da primeira. Como accessorio de ôlho, parece-me secreção. Eu realmente não sou caturra. Estou ás avessas do que devia estar n'esta idade senil. Tenho vinte annos para sentir o que faz nervosismos e insomnias com o remoçar das bellas cousas da alma. Rejeito infelizmente tudo que poderia encher-me as noites de somnos sadíos. Leio com avidez o snr. Lobo d'Avila que me espertina, e não posso lêr com iguaes delicias Manoel Alvares Pêgas que me anesthesia o cerebro com as lethargias dos justos que dormem. Foi iniquo o snr. Avila.

Mas estão agora a pruir-me uns desejos de caturrar um pouco com o juvenil academico. Vou fazel-o para que s. exc.ª não se arrependa de ter adjectivado aos commentos do **Cancioneiro alegre** um epitheto que não lhes quadra.

N'este primeiro numero da *Revista de Coimbra* está um artigo intitulado — *O assassinato individual e o assassinato collectivo*. É assignado pelo snr. Carlos Lobo d'Avila. Acho aqui duas linhas crespas de erudição que, pelo grosso cabedal de estudos velhos que representam, não parecem elaboradas n'um espirito juvenil. É isto: «*Panem et circenses* — bradavam os romanos da decadencia — *pan y toros* — exclamam os hespanhoes d'agora.» Aqui ha conhecimentos não vulgares; a citação tem tal qual novidade, a romana prin-

cipalmente; mas o que não ha é exactidão. Em qual dos historiadores leu o snr. Lobo d'Avila que os romanos *bradassem* « panem et circenses »? Nenhum historiador o disse. Foi um poeta satyrico, Juvenal (está o snr. Avila recordando-se), que, deplorando na satyra x a decadencia do povo, exclama: « Este povo que outr'ora dava imperios, fasces, legiões, tudo, eil-o impassivel, e só duas cousas com ardor deseja, *anxius optat,* pão e espectaculos. »

> *................ nam, qui dabit olim*
> *Imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se*
> *Continet, atque duas tantum res anxius optat*
> *Panem et circenses.*

Preferir, desejar, querer não é *bradar.* O snr. Avila dá ao simples reparo critico do poeta o vulto d'um successo social e historico, tendo em pouco a joeira exegetica por onde Michelet faz passar as tradições romanas quer sejam do visionario Livio, quer do austero Tacito. A escóla positiva impõe o dever de não dar fôro de historia a textos transtornados dos poetas.

O snr. Avila póde allegar que repetiu um erro muitas vezes reproduzido. Isso não é razão. Quem veio repurgar as sciencias historicas da bilis viciosa dos caturras, tem obrigação de corrigir erros que os caturras lhe communicam. Em

summa, o povo romano o que mais queria *(anxius optat)* era pão e circo; mas não bradava por essas cousas.

Adiante.

Trata depois s. exc.ª de historiar as ultimas horas de Juan Oliva y Moncusi que tentou matar Affonso XII, e escreve:

«Ha vinte e quatro horas que esse homem,
«que ahi passa, foi prevenido que, minuto por
«minuto, só lhe restava esse espaço de tempo
«para viver. E durante estas horas tremendas,
«que seriam para essa consciencia como que *os*
«*cyclos terriveis do inferno dantesco,* a sociedade
«representada pelos seus cérberos mais solicitos,
«espiou com uma curiosidade ferina os transes
«dolorosos d'aquelle *martyrologio.*»

Vá de caturrice.

Que intelligencia deu o snr. Lobo d'Avila áquelles *cyclos terriveis do inferno dantesco?* Será este *cyclo* o *kiklos* grego? Não me parece que s. exc.ª traduzisse o *cerchio* do Dante em *cyclo.* Todas as linguas neo-latinas e teutonicas tem o *cyclo* como synonymo figurado de *periodo, espaço;* ao mesmo tempo que as velhas sciencias astronomicas tem o «cyclo dos gregos», o «das gerações», o «lunar», o «solar», o «dionysiano», etc., no seu genial significado. Figuradamente, dizemos *poetas cyclicos, e poemas cyclicos,* etc. O

cyclo dantesco é determinado pela influencia que exerceu o grande poeta florentino com a reconstrucção da poesia amorosa pelo elemento da philosophia platonica, associando o amor do bello absoluto á poesia religiosa e galanteadora dos trovadores provençaes, catalães e sicilianos.

Tem o snr. Avila um bom exemplo do termo que lhe dá no *Preambulo* da *Revista* o snr. dr. Corrêa Barata: «*Os heroes* d'este cyclo anecreontico *foram* os redactores da *Folha.*» Outro exemplo de um adoravel e já extincto redactor do *Instituto,* o dr. Vieira de Meirelles: *Ha na longa vida dos povos um* cyclo, *cujos historiadores se rastreiam pelo cunho de originalidade que os avulta.*

Se o snr. Avila, hellenisando, escrevesse *cyclo* como *circulo* alludindo á topographia do inferno do Dante, seria mais grego que o proprio snr. Viale que é grego até á medulla dos ossos — medulla feita do mel do Hymetto condensado á temperatura de borracha — um favo colossal, todo elle, como é notorio. Pois o snr. conselheiro Viale, quando traduz Dante, diz *circulos,* e não *cyclos* [1].

---

[1] Assim desci do *circulo* primeiro
Ao segundo, etc.
Cant. V, nos ANNAES DAS SCIENCIAS E LETRAS, t. I.

A meu juizo, se me permitte exhibil-o, o snr. Lobo d'Avila defrontando *as horas tremendas* do justiçado de Madrid com os *cyclos terriveis do inferno dantesco,* queria sopesar as angustias do padecente com as que soffrem os condemnados nos cyclos (periodos, prazos) da expiação infernal? Parece-me que estou ouvindo responder-me s. exc.ª:

—É isso mesmo, seu velho caturra!

Então, se é isso, não conhece s. exc.ª perfeitamente a legislação do inferno do Dante. Alli não ha cyclos, não ha periodos, porque o tempo não entra na eternidade. As dôres são eternas:

Per me si va nell' *eterno dolore.*

Não ha esperança; quem a leva despoja-se d'ella á porta:

.... ed io eterno duro;
Lasciate ogni speranza, voi ch' entrate.

Recorde s. exc.ª os primeiros tercetos do canto III.

*

Outra caturrice no mesmo periodo:

« Os transes dolorosos d'aquelle *martyrologio* », escreve s. exc.ª

O snr. Avila sabe que *martyrologio* decompõe-se em *martyr* e *tratado, historia,* ou *discurso (logos).* Quem diz *Martyrologio* diz *Historia dos martyres.* Ora, s. exc.ª com certeza não queria chamar a Juan Oliva *historia dos martyres;* aliás destoaria da seriedade melancolica dos seus dizeres n'esta phrase: « a sociedade espiou com uma curiosidade ferina os transes dolorosos d'aquella historia dos martyres. » Logo, em vez de *martyrologio,* devia escrever *martyrio,* menos euphonico, mas incomparavelmente mais correcto.

Aqui tem o snr. Carlos Lobo d'Avila uma das vantagens da velhice sêcca sobre a litteratura verde. Quando s. exc.ª tiver os meus annos, não escreve d'aquillo. Jupiter lh'os prospere longos com Minerva propicia.

III

O SNR. MARIANO PINA [1]

Devo ao **Cancioneiro alegre** a satisfação de conhecer o snr. Mariano Pina entre os escriptores modernos. Eu não sabia nada das suas letras e pessoa. Se me não falla á mão, eu, com toda a certeza, sahiria d'este planeta sem conhecer as artes e manhas de um sujeito que é molecula do mesmo planeta — bem boa molecula, o snr. Pina.

Elle não é dos que mais ladram ao **Cancioneiro alegre.** Vem á minha testada, acha o terreno trilhado, liso, calcado pelos seus congeneres; fareja, espoja-se á pressa, e, como Pina que é, vai pinotando pelas savanas do folhetim, como

---

[1] *Diario do Commercio* n.º 1283.

poldro indomito sem rebenque nem chilenas, pelos pampas da America.

Diz que «*vergalhei* os modernos poetas.» E mais nada que desafie o uso do instrumento de que se faz o azorrague que lhe serviu para aquelle verbo de cavalhariça. Eu nunca vi tal palavra fóra dos diccionarios, nem sei se o calão dos bordeis a usa. O snr. Pina, quanto a linguagem, sobre ser ignorante, é porco.

Mas ha mais extraordinarias anomalias n'este enxovêdo. Dá a noticia de ter apparecido um livro meu chamado SENTIMENTALISMO; e diz que é «um absurdo litterario, uma cousa que não se esperava de mim; que fiz uma parodia ao realismo; que quiz ter graça; que fiquei derrotado; que fiz mal ao publico que principia a bestialisar-se; que o SENTIMENTALISMO produziu o effeito contrario; que devo estar arrependido.» Até aqui Pina.

Tudo isto era possivel; mas seria necessario que o livro existisse.

Effectivamente, ha de apparecer um livro intitulado HISTORIA E SENTIMENTALISMO; mas ainda está em composição de escripta e de prelo: vai-se compondo á medida que o vou escrevendo; são conhecidas d'elle duas paginas distribuidas pelo editor — o exordio da novella, uma cousa que não é parodia nem o intuito do futil

escripto. Ora, como é que este lindo marôto fez a critica d'um livro inedito?

Explica-se; parece impossivel; mas explica-se.

Pina leu que sahira o SENTIMENTALISMO em alguma folha que inadvertidamente trasladou o titulo das paginas que recebeu. Entendendo que o romance estava publicado, julgou-se no direito de o deprimir sem o lêr. Não procurou vêl-o nem consultou quem o lesse. Existia o livro? logo — devia ser parodia desengraçada, acção má, bestialisadora. Aqui está a consciencia, a probidade litteraria do critico snr. Pina — do desgraçado. Se lhe disserem: «Deixe cá vêr o SENTIMENTALISMO que a sua critica esfolou», Pina responde que não o viu, que não conhece quem o visse, nem póde saber como foi que o leu; mas do que se lembra é que o SENTIMENTALISMO appareceu, e que é um aborto litterario, etc. E o publico: — «Dá cá o SENTIMENTALISMO, ó Pina!»

Esta originalidade canalha faria rir se não exprimisse uma escassez de vergonha que roça pelo absurdo.

Este snr. Pina tem lesão cerebral. Deve haver com elle a indulgencia que se tem com os bebedos.

*

IV

MARIANO (BIS) PINA

O semsaborão respingou. Cada vez mais charro. É perfeitamente um sapateiro de mascara a dizer pilherias que tresandam ao cerol. Eu não o largo; porque a Providencia dos tristes, quando nos manda Pinas, abre-nos o thesouro das suas creações burlescas; mas, se eu tivesse o meu peculio de idiotas mais sortido, este Pina punha-o fóra com dois pontapés por associar a uma estupidez pre-historica uma indigencia de graça que faz hypocondrias.

Diz *que os meus livros vão ser vendidos a 80 reis o kilo; que estou velho e doente; que tenho bos-*

tellas, crôstas, pustulas, pus; que sou patriarcha d'uma escóla que desappareceu como ha 46 annos o governo despotico; que a escóla realista assistiu serena ao encovamento das meninas dos meus olhos.

Conta historias infantis de familia. Que quando tinha dez annos, lia os meus romances sentado no collo de umas tias. Como era precoce o gaiato! Aos dez annos já lia romances sentado no collo das tias! Eram umas tias, diz elle, que se alumiavam com candieiro de tres bicos, porque os meus livros são anteriores ao petroleo e ao gaz.

Pobres velhas tias com um mariola de dez annos no regaço! Como não havia de sahir palerma um madraço que aos dez annos cavalgava as pernas sovadas das boas das velhas!

A respeito das serêsmas das suas tias temos conversado. Estes Pinas, tanto os machos como as femeas, acho que eram uma curiosa familia de idiotas.

Diz que os meus romances são do tempo em *que as constipações se curavam com cozimentos de passas e chá de flôres de borragem e herva cidreira.* Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica. Para as constipações do snr. Mariano Pina, a veterinaria não tem adiantado nada: é o velho sedenho, exhalações de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava.

Diz que me lastíma *porque a sciencia augmentou, reformou-se,* e eu não sou da roda dos reformadores Eça de Queiroz, T. Braga, R. Ortigão, G. Junqueiro, B. Moreno. Alguns d'estes nomes, representativos de talento extraordinario, devem responder ao incenso de Pina como Horacio aos philtros de Canidia. Se tem olfato latino, fareje o verso:

> *... displosa sonat quantum vesica, pepedi*
> *Diffissa nate ficas.*

Quanto ao «vergalhar», escreve: *Advirto-o, snr. Camillo, não lhe tolero nem lhe admitto que V. de uma fórma capciosa ponha em duvida a decencia das minhas palavras.* Se elle me tem fallado com esta intimativa no primeiro folhetim, se me dissesse positivamente que *não tolerava nem admittia* que eu lhe chamasse porco, póde ser que eu então hesitasse; mas já agora o desafôro não se remedeia; e em resposta á sua peremptoria admoestação chamar-lhe-hei dois porcos n'um só Pina; e, para não enxovalhar o nome de um jornalista e orador notavel, nunca lhe chamarei snr. Mariano: ha de ser *snr.ª Mariana.*

Tambem me dá um quinau em linguagem. Diz que eu, onde quer que fosse, escrevi — *bimbalhadas dos sinos;* e acrescenta: *Isto sim, que é decente, que é moral, que é delicado!*

Vou responder, mas não á snr.ª Mariana: é ao snr. Pinheiro Chagas, que em um folhetim antigo me malsinou aquella phrase, porque a considerou derivativa d'um vocabulo chulo que não estava na mente dos velhos escriptores portuguezes que a usaram. A phrase encontra-se na CHOIX DE PHRASES MÉTAPHORIQUES, ÉLÉGANCES, IDIOTISMES, PROVERBES, etc., EXTRAIT DES CLASSIQUES PORTUGAIS LES PLUS ESTIMÉS por José da Fonseca, professor da lingua portugueza. Paris, 1857.

CONSTANCIO: *bimbalhada de sinos,* «o toque e estridor de muitos soando ao mesmo tempo.»

FR. DOMINGOS VIEIRA: *bimbalhada de sinos,* «o toque de muitos sinos ao mesmo tempo.»

ROQUETTE: *bimbalhada de sinos,* «som de muitos.»

Não procede do termo vil que se figurou ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas: é transplantação onomatopaica do francez: *Brimbaler, secouer des cloches.*

A phrase é precisa. Quando se quer dar uma idéa remota dos folhetins de Pina, é preciso chamar-lhes uma *bimbalhada de asneiras.*

Mas, afinal, quem me assevera a mim que existe este papa-fina de Pina que refina e se empina e apepina? Se não é um burro transcendente que faz metamorphose na chrysalida de

garoto, então é um Pina que cultiva miseravelmente o primeiro anno de instrucção primaria e escreve: «É por tudo isto que eu tenho muito dó *de si.*» *De si,* ó alarve! É incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supra mencionadas sahisse tão adulta e descompassada besta!

V

GASPAR DA SILVA [1]

Elle enviou-me a carta impressa [2] que vende no imperio por cinco tostões, 15 paginas, uma ladroeira.

Diz que, lendo o CANCIONEIRO :

está ameaçado d'uma indigestão;

que antes queria comer duas orelheiras de cerdo, com feijão branco e rodellas de paio, e beber uma

---

[1] Por um sentimento de caridade não direi os motivos que levaram um certo *Boaventura da Costa,* em Portugal, a chamar-se *Gaspar da Silva,* no Brazil. Quando se enfastiar d'esta chrisma deve chamar-se *Lazarillo de Tormes,* e depois *Gusman de Alfarache.*

[2] *Carta d'um emigrado ao snr. Camillo Castello Branco, a proposito do* CANCIONEIRO ALEGRE. Rio de Janeiro, 1879. 8.º — 15 pag.

canada do rascante de S. Miguel de Seide; (Quanto a beber, eu lhe direi no fim).

que está repleto de gorduras nauseabundas;

que lhe dei um guisado de banhas suinas já rançosas;

que o CANCIONEIRO *é o livro mais indigesto que, nos ultimos dez annos, tem apparecido;*

que eu sou collega do Rosalino Candido de Sampaio e Brito;

que o CANCIONEIRO *é uma feijoada;*

e mais sordido que as frigideiras de Braga.

Depois, diz de si mesmo:

que escreve com uma correcção que muitos bachareis formados de cá e de lá invejam;

que os snrs. João de Deus, Anthero de Quental e Eça de Queiroz me serviram d'alvo a umas graçolas lorpas.

Finalmente, quando se lhe acabaram as imagens dos feijões, da cabeça de porco e do paio, começou a elogiar-se, o patife!

É um talento portuguez emigrado. Não quer que a patria lhe possua os ossos e a cascaria. Que pena se este Gaspar se estraga com a cachaça brazileira! Ó nosso irmão d'além-mar, Gaspar! venha, repatrie-se, recolha-se ao lar. Se aqui lhe não derem a posição que as suas letras reclamam, entretenha-se a cavar, no torrão natal, pés de burro: não precisa sahir da sua pessoa:

cave-se nos pés como o pelicano no peito, e escusa de incommodar o Pina para excavações. Quanto á indigestão que lhe fez o CANCIONEIRO, snr. Gaspar, tome um vomitorio d'aquillo que Jehovah mandou comer a Ezequiel. Consulte a Biblia (Ezeq. c. IV, v. 12), e depois misture e beba.

VI

ARTHUR BARREIROS [1]

Este sujeito escreve-me que tem uma excellenta bengala de Petropolis com a qual me baterá, se eu fôr ao Brazil admirar os cerebros de tapioca. O mulato estava a brincar; elles teem a debilidade escangalhada do sangue espurio, escorrido das podridões das velhas colonias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; ás vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinaria, teem então impetos immoderados, dão

---

[1] O Cancioneiro alegre de C. Castello Branco. Rio de Janeiro, 1879. Carta — 8 pag.

guinchos, fazem caretas, coçam as barrigas, exigem banana, cabriolam se lhes atiram ananaz, e não fazem mal á gente branca.

Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço. Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos pollegares dos pés, tenciono trazel-o commigo para me desforrar das despezas da viagem. Ha de chamar-se Simão Arthur, seu pandego! Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte reis. Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrancelhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos. Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Sousa Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apesar de empalhado, fede em viagem, limitar-me-hei a esfolal-o e trago a pelle. Se o snr. Paiva Raposo, que faz collecção de folles de quadrumanos mamaes, não tiver a especie, dou-lh'a. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento (*simia cinera*); tem o chimpanzé (*simia troglodytes*); tem o saitaia do Pará, o mico, o mariquinha do Maranhão, tem os variados monos pata-

zes de nadegas callosas e cabeça chata; possue com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões garibas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha-Arthur, o *simia-asinus* de Buffon.

*

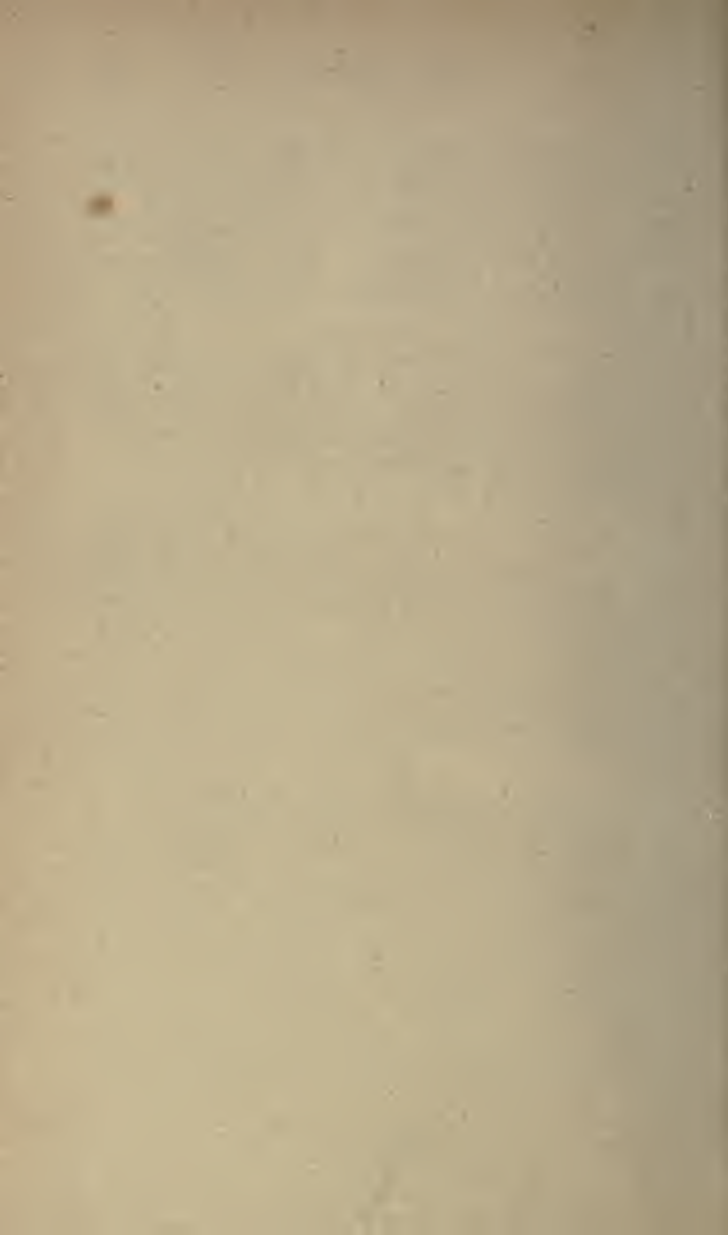
Eu, antes de conhecer este mestiço, era da opinião de de Candolle, de Flourens, de Blainville, de Milne Edwards a respeito da immutabilidade de cada especie e da unidade objectiva. Não podia admittir Lamarck resuscitado em Darwin, nem a theoria das gerações espontaneas do americano Hudson Tuttle, no *Arcana of nature or the history and laws of creation.* Figurava-se-me um paradoxo scientifico que o homem fosse um macaco aperfeiçoado. Parecia-me isso tão absurdo como poder sahir o boi da rã, e a aguia dos Alpes d'um badejo que se transformou em ave por se vêr embaraçado nos arbustos da praia. Hoje abundo nas theorias que refuguei; creio que o homem é o macaco aperfeiçoado, excepto quando é a imperfeição do macaco. Esta segunda hypothese verifica-se quando Arthur faz esgares de bugio com a bengala de

Petropolis através do Atlantico; porque n'esse caso a sua imperfeição de mono está na tolice; que o macaco — sejamos justos — póde fazer acções deshonestas, lascivas; mas não é tolo. Arthur como macaco é imperfeito: está no penultimo avatar; ainda lhe falta uma ou duas transformações que o limpem. Como homem selvagem, Arthur, á parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo chamar-se Tujucane ou Jararáca, é um tapuia caápora degenerado. Elle já sente as mãos a fazerem-se-lhe pés, e os pollegares a separarem-se; o focinho vai gradualmente retrahindo-se, e o carão faz-se-lhe mais vertical; os sorrisos ainda não são caretas bem accentuadas; custa-lhe a ter-se verticalmente; faz dyspepsias de mandioca, sente impetos de trepar aos cajueiros, e faz tregeitos de querer enroscar o rabo em bengalas de Petropolis. Tal é elle.

Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições glossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia. Eu preciso de lhe dizer duas cousas em resposta á sua carta; mas corre-me o dever de lh'as communicar em linguagem pouco sabida na Europa. Veja se entende: — *Indê gpé saravaia tapirà, turusu maranhave busapu. Taiassé, nhamim nhapunguarà xenaxatupê.* Assim se expri-

mia o seu decimo avô, o botocudo, pintado com rajas de urucú e genipapo, e tinha botoque de pau no beiço e nas orelhas, e comia o tapy e os primos, nas pessoas dos macacos, mettido, com sua decima avó, nas folhudas choupanas da patioba.

Traduza, e espere-me lá com a bengala de Petropolis, seu capoeira! Então o senhor realmente faz uso do pau? Isto, no Arthur, é chalaça: elle e os seus patricios usam do pau, mas é em farinha. Não batem com elle: comem-no. Farinha de pau é que elles teem no cerebro e nos ossos.

*

VII

A SNR.ª MARIANA (TRI) PINA [1]

Pina safa-se ganindo.

Eu tinha dito a este pobre homem de letras — affronta dos litteratiços de cutiliquê, uns que em Lisboa fazem folhetins por meias solas — tinha-lhe dito que não se escreve correctamente: «Tenho muito dó *de si.*» E, no requinte da minha indulgencia com os inimigos miseraveis, chamei-lhe simplesmente alarve, e acrescentei com ingenua commiseração: «é incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias, sahisse tão adulta e descompassada besta.» Pina, replicando, empraza-me para que

---

[1] *Diario do Commercio* n.º 1308.

lhe prove que errou escrevendo: «Tenho muito dó *de si.*» D'esta pertinacia infere-se que o velho adagio: *não dar já* por si, *nem pela albarda,* fez hypostase n'este litterato. Andam pelo ar, durante seculos, umas idéas abstrusas, uns proverbios disparatados, á espera da personalisação. Apparece um dia um homem e o adagio incarna-se n'elle: a providencia dos anexins faz um Pina para justificar a asneira. É elle. Não dá por *si* nem pela albarda.

E quer que eu lhe prove a ignorancia dos pronomes! Se eu ainda dava o escandalo de tomar a sério este gavroche com quem me divirto por necessidade das condições ruraes em que vivo e onde todo me preoccupo em estrumes e n'elle e nos homogeneos da *critica* do **Cancioneiro alegre!** Parece ou fingem que me não perceberam ainda. Eu brinco com elles como Hoffmann com as figuras cartonadas dos seus personagens meio burlescos meio tragicos: com uma differença capital, que o auctor dos CONTOS bebia uma garrafa de Johannisberg para dar vida aos bonecos, embebedàva-se; e eu aceito os bonecos que a natureza, o realismo já me envia bebedos.

Pina, o titanico sandeu, esfarrapado nas idéas e nas locuções, a cheirar ao Torres do Collete-encarnado, e ao pat-chouli dos boudoirs da Sal-

gadeira, esperaria que eu o tomasse a sério? É a maior injuria que elle poderia desfechar ao peito magnanimo com que me curvei sobre o barril dos impressos para o sacudir na ponta da badine. É uma indiscrição mexer no que fede, bem sei; mas o que me tem valido foi encontrar um publico afeito a uma litteratura sulf'hydrica, exhalações d'uns cerebros que, postos em comparação, deram ás sargêtas o conceito de perfumarias.

Propuz-me o vestir a cabeça de Pina com um resplendor de ridiculo; passar-lhe uma brocha de pez immortal pela cara, encarvoiçal-o para longo tempo, mas de modo que se riam commigo os leitores; senão, quem me perdoaria a deshonra e a immundicie de vergastar estes sujeitos latrinarios?

> *Laugh when I laugh, I sick no other fame,*
> *... And scribbers are my game*

dizia um genio olympico descendo a escorchar os Pinas de Inglaterra e Escocia.

Insiste pela prova do erro do pronome *si*. Que vá á escóla do visinho mestre de instrucção primaria, e pergunte-lhe se um pronome pessoal da terceira pessoa póde empregar-se como pronome pessoal da segunda. O mestre, naturalmente, responde-lhe cavalgando-o; e, debaixo da

influencia do velho Lobato e do acitate, leva-o á porta dos 6:500 assignantes do *Diario do Commercio*, e obriga-o a ornear uma satisfação pelas asneiras impressas e miasmaticas que lhes tem mettido em casa pelo cano do folhetim; e depois obriga-o outrosim a declinar os pronomes pessoas a compasso de patas-toadas. (Não se póde dizer *palmas-toadas* com referencia a Pina). E elle rebusnando rebusnará:

N. SINGULAR	N. PLURAL
eu	nós
me	nos
mim	nosco
migo	

N. SINGULAR	N. PLURAL
tu	vós
te	vos
ti	vosco
tigo	

N. SINGULAR	N. PLURAL
elle ella	elles, ellas
lhe	lhes

N. SINGULAR E PLURAL

se
si
sigo

Feito isto, duas esporadas, e fazel-o lêr em voz alta no Martinho e na Casa Havaneza o seguinte trecho do seu folhetim:

«No seu tempo, os romances tinham nos capitulos inscripções como a que segue: *Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambado apparece a conversar com sua mulher Jacintha Rosa e do mais que a seu respeito se disser.* Ora, actualmente já não servem estes epitaphios.» Como Pina chama ás *epigraphes* epitaphios, ameace sepultal-o com epigraphe de vilipendio eterno que diga: *Elle não sabia os pronomes. A terra lhe seja leve como os miolos.* Se Pina, ainda assim não atirar aos quatro ventos do azul o seu ullular de vergonha, convença-se o mestre-escóla que Desiderio Erasmo tinha razão quando escreveu no ELOGIO DA LOUCURA: «Não ha burro que se entristeça pelo facto de ignorar a grammatica.»

Depois d'isto desalbarde-o e, inspirado do seu Tolentino, mande-o

Pastar longas campinas livremente.

VIII

O SNR. THOMAZ FILHO [1]

Thomaz Filho! Começa logo por mentir no appellido. *Filho!* Quer-me parecer que elle não tem pai. E, se o teve anonymo e hypothetico, Gil Vicente, Antonio Prestes e Jorge Ferreira de Vasconcellos são quem a miude lhe dizem o nome da mãi.

Este brazileiro, em nome dos escriptores brazileiros que eu não offendi, cheio de Fagundes e de cóleras de bebedo turbulento, envia-me as suas melhores injurias, escreve immortaes infamias, chasqueando com a inexoravel enfermida-

---

1 O CANCIONEIRO ALEGRE de C. Castello Branco. Rio de Janeiro, 1879. 8 pag. in-4.º

de que me acompanha desde a juventude, e vai ás enfermarias dos hospitaes buscar termos demonstrativos da minha incapacidade litteraria. Eis a critica de Thomaz Filho.

Diz, com tal qual razão, que eu não tenho estylo, porque não sou creador; ousa affirmar, contra a opinião geral da Europa, que eu não inventei a lingua portugueza; — todo mundo sabe que fui eu quem inventou a lingua portugueza. E manda-me estudar. Diz que trato a todos *de burros*, e evade-se sagazmente áquelle tratamento universal, atirando-me couces ás parelhas. Depois, para me ensinar a escrever, exhibe uns pedaços de estylo, com idéas brancas em locuções de preto babujadas de assucar e mamona. Pergunta-me se nunca acordei cedo, e depois diz:

Pois eu tenho por costume lavar-me (parece que não é lá vulgar nos indigenas o lavarem-se), *vestir-me para comprimentar o sol, e si por essas horas V. aqui nos Brazis subisse a montanha e olhasse para o Oriente sorprenderia a natureza na lucta epica da luz... a côr avermelhada do amanhecer accentua-se n'uma linha horisontal e sobe, alarga-se como si na maré crescente uma onda de roseo claro com o movimento do rolar calmo viesse invadindo a zona pallida do luar.*

Isto pareceria obscuro a Calixto Eloy; mas elle, o doutor Liborio carioca, explica no periodo immediato:

A natureza estala n'uma fertilidade san e communicativa; percebe-se que a luz do sol vence e alarga-se n'uma obesidade rubra e satisfeita; que aquella symphonia monotona tem os claros e agudos de um clarim tocando a rebate no pateo de um quartel; a lua muito branca como um pedaço (d'asno, digo) *de pano crivado como que pára ou dissolve-se e o sol rindo contempla-as com um olhar protector e amigo.*

Perceberam-no? Isto é claro como um mulato.

Ó snr. Thomaz, vossemecê sabe como se chama em Portugal uma fritada de farinha delgada, esponjosa, fôfa, feita com azeite e uns fios de mel? É uma *filhó.* O seu estylo é farinha de mandioca frita em filhó; e vossemecê em vez de chamar-se Thomaz Filho, deve chamar-se Thomaz Filhó; e assim chrismado, já ninguem lhe pergunta se tem pai, nem lhe acrescenta ao appellido o genitivo da qualidade materna.

Pergunta-me elle o que tenho creado, o que descobri com os meus livros.

Com o **Cancioneiro alegre** descobri-o a elle.

Pedro Alvares Cabral encontrou o Brazil; eu estou descobrindo os tolos de lá. Elle achou o selvagem nú, estreme, sinceramente boçal; eu descubro o caboclo Thomaz besuntado de litteratices francezas que lhe não modificam plasticamente a proeminencia dos ossos temporaes, a estreiteza da testa, os angulos faciaes, o canto externo do olho convergindo para o nariz chato, a amplidão das ventas, a espessura carnuda dos beiços, a finura das pantorrilhas, a lucidez da pelle cobreada que esvurma catinga, uns longes de carapinha, e a indigencia da barba. A litteratura n'este tupinambá abriu-lhe valvulas por onde golfa a velha selvageria em ejaculações de quartel, cujos clarins lhe servem para descrever o apontar da aurora, e cujo calão lhe opulenta a lingua. Pedro Alvares Cabral, quando encontrou a avó de Thomaz Filho, não passou pelo dissabor de lhe ouvir a descripção da *luz do sol em obesidade rubra e satisfeita.* O botocudo seu predecessor appareceu na cabilda com um cocar de pennas amarellas, o acanguape, e uma tanga na cintura de plumagens de ema, e cascaveis nos artelhos. Tinha no pescoço o collar dos dentes arrancados aos inimigos, o horrendo *ayucará.* Thomaz Filho falla-me com ardores canibaes dos meus *dentes de porcelana.* É o sangue tapuia a estuar-lhe nas arterias, a pedir dentes. O scelerado

quer os meus dentes para um collar. Não, facinora, eu lhe juro pela carapinha da mocamba sua avó que não possuirá os meus dentes.

Depois d'isto, Thomaz Filho deputa e delega na bengala de Arthur a sua desforra.

É dar para baixo, seus mármeladas! Ávança, minhás géntes!

A
CRITICA BENEVOLA

ADVERTENCIA

O **Cancioneiro alegre** foi recebido benignamente por alguns espiritos que apenas o accusaram de injusto com certos talentos magoados na sua inviolabilidade. Injustiça grave seria a do commentador do CANCIONEIRO se não ajuntasse aos oito aranzeis burlescos os sérios e benevolentes artigos que lhe encareceram o quilate da sua obra ligeira, e mais apontada a fazer sorrir que a fazer impar de erudição o leitor infartado. Reproduzem-se, pois, as opiniões favoraveis, e protesta-se serenamente contra a arguição de injustiça que desluz a equidade de algumas d'essas apreciações.

*

CANCIONEIRO ALEGRE

DE POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

COMMENTADO

por Camillo Castello Branco

O espirito do mais brilhante e fecundo romancista que Portugal tem tido e terá talvez por muitos seculos, parece que remoçou n'estes ultimos tempos.

O snr. Camillo Castello Branco, em cujos labios não tanto a idade como os acerbos padecimentos physicos de que tem sido victima haviam apagado o riso — aquelle riso brincalhão e zombeteiro do antigo folhetinista dos jornaes do Porto — reapparece-nos hoje, no **Cancioneiro alegre,** desatando-se em caudaes de finissima graça, de modo a fazernos acreditar que por sobre o auctor do *Amor de perdição* não passaram os ultimos trinta annos.

É verdade que o snr. Camillo Castello Branco tem por vezes no **Cancioneiro alegre** um riso nervoso, sarcastico, que arripia e faz mal, e que tanto póde ser o protesto de uma alma indignada como a manifestação de um espirito irritado pelo soffrimento.

Todavia, n'essas occasiões, apesar de desapiedado, o snr. Camillo Castello Branco não é injusto.

Os seus commentarios alliam á fina graça e aos esplendores de um inimitavel estylo, uma critica tão sensata e tão justa, que os mesmos sobre quem o grande romancista dispára os seus sorrisos mais ironicos devem ficar-lhe agradecidos.

(Do *Sorvete*).

É mais uma edição do incansavel e prestante editor Ernesto Chardron.

O commentador compila poesias de 59 auctores, especialmente modernos, precedendo-as de graciosos e ligeiros remoques, em geral apoiados pela critica quasi mordaz de que tão vantajosamente sabe usar Camillo. No prefacio diz-nos este que — «quando se reformar o Curso superior de letras com todas as disciplinas indicadas urgentemente pelas necessidades da sciencia moderna, e se crear uma cadeira de Poesia patusca, este **Cancioneiro** será a selecta do curso.» — O **Cancioneiro** é isto: um repositorio de versos chistosos, mas que se podem lêr sem perigo das almas puras.

De Gonçalves Crespo, por exemplo, cita-nos um soneto garoto, que é um *bijou:*

> Quando canta a Maldonado
> E os quadris saracoteia,
> Não é mulher, é sereia,
> Não é mulher, é o peccado.
>
> Etc.

Até entre os poetas sérios póde encontrar o que quer que fosse para adornar a galeria; e, á maneira que apresenta aquelles fructos de varios auctores, não se esquece de lhes ir fazendo uns retoques, á grammatica umas vezes,

ao absurdo da idéa outras. Até nem esqueceu aquella celeberrima traducção do verbo *to deserve* com que um erudito glossologo (o qualificativo é do commentador do **Cancioneiro**) obrigou Hughes a desmerecer o nosso poeta Castilho (vid. o artigo correspondente).

A proposito de João Penha diz-nos que « deu ao soneto um *cachet* nacional, que elle nunca tivera desde a languidez petrachista de Camões até ao *rufo de zabumba e caixa* dos sonetos bocagianos. » — Os sectarios enthusiastas dos sonetos de Bocage vão ficar horrorisados! Sonetos de zabumba é a qualificação mais estrondosa que se tem feito ás producções do auctor da *Pavorosa!*

Camillo só não encontrou em Herculano metrificação azada para entrar no **Cancioneiro.** D'este grande vulto diz de passagem, no artigo Garrett, estas desconsoladoras palavras: — « Alexandre Herculano era de uma insulsez além da permittida ao escriptor publico. » — Effeitos do mau humor, decerto. Tambem Garrett não passa incolume: do cantor de Camões diz que elle trouxe do exilio — « o anglicismo castiçado com a francezia, e colorido á portugueza com tintas sediças de Filinto. »

Que nos venham agora chamar restaurador da litteratura patria ao auctor do *Frei Luiz de Sousa!*

Mas a parte mais typica do livro é quando se refere aos obreiros da *Idéa Nova.*

Haja vista o capitulo referente a Guerra Junqueiro. Até descobre que um *improviso* publicado em 1867 sob o nome do creador da *Morte de D. João* apparecera, tambem como improviso, com suas variantes em 1862 sob o nome de Luiz Carlos (que se diz ser o bacharel Luiz Carlos Simões Ferreira). Lapsos da *improvisação.*

Finalmente o **Cancioneiro alegre** é um livro que justifica perfeitamente o titulo, e revela os vastos conhecimentos

litterarios do compilador. Muitos dos commentados é que certamente lhe não hão de ficar agradecidos.

Emquanto á edição é esplendida.

(Do *Jornal da Manhã*).

O livro que sahiu agora, editado pela livraria Chardron, é notavel por muitos titulos, mas especialmente pelos commentarios que Camillo Castello Branco faz a cada poeta de quem transcreve versos. Não discutiremos as suas criticas, mas o que poremos em relevo é o chiste mordente das apreciações, o vigor de um estylo satyrico, que não tem nem terá rival entre nós. O livro compõe-se especialmente de poesias que fazem rir, e tem muitas dos melhores auctores n'esse genero; mas o que deveras nos faz rir a bandeiras despregadas são as prosas de Camillo Castello Branco. Já démos em folhetim dois dos seus adoraveis commentarios. O artigo que elle consagra a um poeta extraordinario, Dornas Boto, é impagavel. Respigaremos aqui e além no livro folheado ao acaso, algumas phrases deliciosas.

. . . .

A melhor analyse que podiamos fazer do **Cancioneiro alegre** é a que resulta d'estes extractos. Por elles verá o leitor como são interessantissimos os artigos de Camillo Castello Branco. Juntando-se a isto o serem excellentes algumas das poesias escolhidas, e curiosissimas outras, ineditas ou esquecidas, que o collecionador, com a paciencia investigadora que o distingue, e que já tem sido proveitosissima á archeologia e á historia patria, conseguiu descobrir, vêr-se-ha que o livro é um dos mais agradaveis de lêr que ultimamente se teem publicado.

(Do *Diario da Manhã*).

Sem possuir o dom prophetico, facil era assegurar, como em tempo assegurei ao editor, que o **Cancioneiro alegre** havia de ter successo ruidoso e produzir outras consequencias, por igual, ao mesmo senhor, assás jocundas.

Com sofreguidão identica á anciedade que mantive na espectativa do livro, venho de lêl-o de um folego; e, por tal modo agradavel me impressionou, que não posso deixar de registar a sympathica e substanciosa publicação, com que o editor vem enriquecer o peculio dos amadores de bons livros.

Não haverá paladar exigente que não encontre plena saciedade em tão opiparo festim.

Este livro não deixa nada a desejar, quer nos deliciemos com a prosa vernacula e correcta do eminente critico e estylista quer nos deixemos inebriar nos variados especimens da mais aquilatada poesia.

Fazer acquisição do **Cancioneiro alegre** é mais do que rememorar os poetas que com prazer temos lido desde a infancia, nossos contemporaneos, ou de épocas não remotas; é tambem obter conhecimento de outros notabilissimos cultores das musas, geralmente desconhecidos, porque as obras d'estes constituem um thesouro, usufruido apenas por quem possue inestimaveis bibliothecas.

Diz o notavel commentador, a paginas 165:

«... quando no seculo XXI se restaurarem os mosteiros, a *Carta de Guia* de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este **Cancioneiro** uma extracção exorbitante.»

Exorbitante assevero eu que será a extracção da actual e das que immediatamente lhe sobrevierem: e mais ainda me parece que não seria superflua a continuação de outros livros sob este mesmo plano, que além do fim a que alludo como bem preenchido, visam ao duplo intuito de propagar quanto ha de mais primoroso em inspiração de vates, e de

tornar frisante o facto de não ser a linguagem de Camões a que menos contribue para a gloria litteraria do orbe civilisado.

A 1.ª edição do **Cancioneiro**, já bem avulumada com 560 paginas, reserva sem duvida logar na que proximamente se lhe seguirá, para outros poetas inspirados, posto não conhecidos por alegres, e tambem para alguns que mal despontam agora no horisonte litterario.

(Do *Commercio do Porto*).

Annunciámos já, e festivamente o fizemos, o apparecimento d'este livro notabilissimo, em que perpassam os que mais brilharam sob qualquer conceito, sério ou grotesco, no firmamento constellado de poetas portuguezes e brazileiros. Encarrega-se de apresental-os, a rir, sem dispensar-se por isso de ir dizendo cousas amarissimas, a penna douta e vernacula de Camillo Castello Branco.

É pensamento do illustre commentador que tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina. E dá a razão do seu pensar em dizeres genuinamente portuguezes em que a elegancia da phrase ajuda a lima dos conceitos. Ouçamol-o:

« A seriedade é uma doença, e o mais sério dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de mágoas reconditas que o ralam no seu peito. Ha n'elle a linha, o perfil do sabio refugado no concurso ao magisterio, do candidato á camara baixa bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta Constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas. O burro é assim triste por fóra; mas é feliz por dentro, e riria dos

seus homonymos, se pudesse igualal-os na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hyena, a qual ri com umas exultações ferozes tão authenticas como as lagrimas insidiosas do crocodilo.»

Lagrimas d'estas ou sorrisos d'aquelles não os ha n'um livro que seu auctor procreou para ser texto n'uma cadeira de Poetica patusca, em o Curso superior de letras chegando á devida perfeição. Certo que nem tudo o que lhe luz o toma a sua critica por ouro de lei, e nem sequer por pechisbeque, mas aos que lhe apresentam a droga prefere mostrar-lhes, em vez d'um sorriso amoravel, candidadamente satisfeito, um arripiar dos musculos faciaes acompanhado por uma phrase não menos arripiada.

Uma cousa que lhe faz perder a paciencia é a Idéa Nova, e não por ser nova, que já não encontrava d'isso no seu tempo Salomão, e mais era sabio, mas por lhe revelar os instinctos menos aceiados e nobres dos corvos e dos cães esfomeados, cevando-se em podridões. Bem sabemos que as modernas sociedades não são sociedades, são Lazaros putrefactos. Ha muito sarjar, retalhar e cauterisar, mas, por Deus, tambem o medico sarja, retalha e cauterisa, mas faz uso copioso do sabonete antes de entrar á convivencia de senhoras polidas e de homens de gravata lavada.

A poesia, como a comprehenderam os mais gentis espiritos que as idades teem produzido, póde alar-se aos céos com Milton, sumir-se no inferno com Dante, ser crente e piedosa com Lamartine, descrida com Voltaire e Byron, trovejar indignações na grande voz de Victor Hugo, ou rir-se maciamente dos ridiculos da humanidade, castigando-os, no estro de Molière. O que ella em maneira nenhuma póde, no sentir dos taes, é metter-se em atoleiros e vir de lá com perfumes que não são precisamente os d'agua de rosas, mas d'outras cousas, como o advertiu Socrates.

Nem todos, como este philosopho, são senhores dos seus nervos, e Camillo Castello Branco, esse então é de uma susceptibilidade inexcedivel em topando cousa que o melindre. No trabalho a que nos vimos referindo por vezes põe de parte o estylete da critica, que belisca sem arranhar, para lançar mão do estadulho a varrer feira sem guardar testa nem olhos. A intenção applaudimol-a por excellente, mas permittimo-nos observar que nem sempre a justiça estará da sua parte. Ha ahi homens novos a quem não se póde recusar merecimento relevantissimo, embora não escolhessem o melhor caminho, ou o caminho que nos parece melhor. Guerra Junqueiro, por exemplo, que não ha de ser apreciado por umas quadras que subscreveu, antes de ser o cantor da *Morte de D. João*, um poema em que lampejam, mais que os fogos fatuos dos cemiterios e dos esgotos, as deslumbrantes scintillações d'um talento superior. Deixal-os. Elles o lêem, elles o entendem, e lá lhe acharão o erro em lhes nascendo o dente do siso artistico. Se preferirem morrer impenitentes, não será com a espada que se convertam á lei do propheta.

Depois, não faltam motivos para alacridades legitimas. Os Donnas Botos formigam. Quando um pobre diabo, que não ousou nunca fazer declarações de guerra ás deidades terrenas, e que

> Por isso de nymphas o parvo jejuava;

quando esse tal alteia o seu atrevido pensamento a enamorar-se das musas, a gente não se esquiva, por mais benigno que se seja, a aceitar as confissões favoraveis e a fazer-lhe o acolhimento d'Apollo ao novo rival de Camões:

> Póde entrar, que não o empurro,
> Nem me vem causar abalo;
> Já cá sustento um cavallo,
> Sustentarei mais um burro.

Pelo demais, ha nas prosas do **Cancioneiro alegre** lição de muito proveito. Humanisam-se os semi-deuses, tirando-lhes as aureolas postiças com que um fetichismo desarrazoado os divinisou. Apeiam-se os heroes dos seus pedestaes, para se lhes medir a palmos a estatura, e perfilam-se alguns talentos modestos que ahi andam derreados, levantando-os á altura em que devem mostrar-se quaes são, isto é, gente, e gente boa. Entre as reivindicações que lá se fazem, nenhuma nos parece mais justa nem mais devida do que a de dois nomes gloriosos, Claudio José Nunes e João de Deus. «Para assomos de razão e raptos d'alta philosophia o maximo poeta foi Claudio José Nunes; para os do coração é elle (João de Deus), o mestre de meninos que devia começar por onde acabou: primeiro ensinar a lêr o paiz; depois, publicar os seus deliciosos poemas.»

Para muitos outros, para Anthero de Quental, Castilho, Manuel Duarte d'Almeida, Sousa Viterbo, Fernando Caldeira, Girão, Vidal, Palmeirim, Simões Dias, Gonçalves Crespo, etc., tem um palavra e um sorriso acariciador. Aos demais, não lhes aconselha resignação, que não é homem para isso, mas insere a formula que lhes póde ser lenitivo se não encontrarem em si a consciencia do que valem. É de Paulino Cabral:

Se ás vezes traz a verdade
Algum dissabor comsigo,
Aquelle, que das que digo
Não mostrar nunca vontade,
Tenha ao menos por prudencia
Paciencia.

A edição é nitida quanto póde sêl-o, e das melhores que teem sahido da casa editora Chardron.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

O **Cancioneiro alegre** é uma collecção de versos, em que collaboram não só os nossos poetas modernos, mas alguns antigos e até do reinado de D. João II. A collecção é feita desordenadamente, sem rigor historico, sem a classificação, tantas vezes absurda e despotica, das escólas. Camillo Castello Branco foi-se ao jardim do nosso Parnaso e apanhou aqui e acolá as flôres com que formou o seu ramilhete e misturou as flôres d'estufa com as flôres do ar livre, e não só juntou folhas ás flôres, mas tambem hervas e urtigas.

Camillo Castello Branco não é o amador curioso, apaixonado, paciente, que vai pouco e pouco, socegadamente, formando o seu peculio. O **Cancioneiro alegre** não passa d'um pretexto para pôr ao sol o seu humorismo, umas vezes brilhante, outras vezes sarcastico, injusto, despedaçador. Elle não lhe importa que o leitor fique fazendo desagradavel conceito da penuria da nossa poesia juvenalesca e aristophanica; essa penuria compensa-a elle com os epigrammas mordentes, com as phrases picarescas da sua apreciação chistosa, do seu estylo nervoso e viril.

Chegado ao apogeo da sua grandeza litteraria, Camillo Castello Branco poderia ser um critico sereno, corrigindo com benevolencia os erros da mocidade impetuosa e os desvarios d'uma litteratura que procura fascinar sem lhe importar com os meios. A sua indole, porém, não lhe permittia este apostolado. Seria sacrificar o seu caracter litterario, se modificassem o seu espirito epigrammatico, tão rebelde a si proprio. Elle não anima, fere — e o sangue das victimas augmenta-lhe a ferocidade dos golpes.

As opiniões litterarias de Camillo não provêm do exame reflectido, mas resaltam impetuosas como a chispa do ferro malhado. Muitas vezes essas apreciações, apesar da vivacidade que nos deslumbra, são d'uma justeza irreprehensivel, mas outras vezes não passam do reflexo da paixão dominante.

Camillo Castello Branco deixou no esquecimento muitos poetas, que bem explorados dariam adoraveis paginas para o seu livro, e incluiu outros que deveram para sempre ficar no esquecimento, justo castigo dos ineptos que julgam subir ao altar das musas pela escada de corda d'uns versos impossiveis. Camillo Castello Branco fez como o snr. Sampaio, em vez de atirar com o habito de Christo a qualquer moço de fretes do Terreiro do Paço, atirou com o titulo de poeta a uns versistas indignos e obrigou assim Castilho e Garrett a darem o braço a meia duzia de refinados patetas. O soneto descriptivo a paginas 70 é uma cousa tão nauseabuanda, que nem vale a pena dizer-se o uso que o leitor deveria fazer d'elle.

Pondo, porém, de parte os defeitos da classificação, pondo de parte o exagero da mordacidade critica que se nota em algumas apreciações, o **Cancioneiro alegre** é ainda assim um livro cheio de pujança, cheio d'uma *verve* inesgotavel. O espirito de Camillo sente-se remoçado n'esta lucta original. Dir-se-hia que escrevia nos impetos d'uma indomavel mocidade. A cada passo resaltam phrases d'uma graça ignorada na nossa lingua. O que fórma a parte verdadeiramente alegre do **Cancioneiro** não são os versos dos variados trovadores: é a prosa endiabrada, scintillante de Camillo, que vibra com a maxima facilidade todas as cordas da satyra.

Em Lisboa o livro tem feito sensação e citam-se com frequencia os ditos que mais provocam a hilaridade. Poderia citar-lhes muitos, a difficuldade está apenas na escolha.

Por ultimo, não deixarei de elogiar a edição, que tanto pela impressão como pelo papel é um verdadeiro primor.

O **Cancioneiro alegre** por todos os motivos, não será um livro que morra nas estantes dos livreiros, na mortalha pulverulenta da sua primeira edição.

(Do *Commercio Portuguez*).

O **Cancioneiro alegre** por Camillo Castello Branco, e a *Musa em férias,* por Guerra Junqueiro, são ainda dois livros que n'este momento se apregoam. O primeiro encerra paginas d'uma aggressão deliciosa cheias de conceitos pittorescos e inesperados como as sabe escrever uma das organisações litterarias mais poderosas e mais individuaes das letras portuguezas; o segundo encerra versos como na verdade se não tinham ainda escripto em Portugal nos tempos modernos, e como raros se escrevem hoje, não na *peninsula,* mas na Europa.

É exactamente contra esta affirmação que o **Cancioneiro alegre** se ha de revoltar: todavia a posteridade, que é um supremo tribunal, muito mais recto que o da justiça, absolverá Camillo Castello Branco por ter escripto este livro em parte injusto, embora divertido, pela circumstancia attenuante de ter escripto umas dezenas d'elles manifestamente deliciosos e verdadeiros.

(Do *Occidente*).

Ha gloriolas ephemeras e escriptores de invejavel fama, que, á semelhança do arbusto exotico, não resistiriam á transplantação para outro meio. O nome de Camillo Castello Branco, pelo contrario, faria a gloria de qualquer nação. Os processos litterarios, eminentemente modernos, a que subordina o thesouro inesgotavel da sua erudição, as opulencias ignoradas que elle arranca ao idioma portuguez, sempre renovado no laboratorio do seu robusto e fecundo engenho, a possante vitalidade, a serpentina elegancia do seu incomparavel estylo, illuminam um cyclo litterario e impõem-se á veneração dos posteros. Como o Anteo da fabula, o espirito de Camillo parece emplumar de novo sem-

pre que pousa na terra. Ás vezes, no seu olhar de aguia accende-se o fulgor metallico da ironia, colhe as azas, e com o riso de Heine e de Byron na bocca satyrica, mostra as garras... Então... *sauve qui peut!* D'esse hilariante periodo, d'essa irrupção de mordentes epigrammas, nasceu a obra notavel que se intitula **Cancioneiro alegre**, que, salvo raras excepções, applica cauteiros violentos, embora matizados com fina grageia de uma *verve* scintillante! O empenho de dar ao livro a ridente vibração do bom humor fez com que o illustre commentador negasse entrada a muitos poetas melancolicos notaveis, e abrisse praça a outros, farçantes, funambulescos e desenxabidos como ostra crua! O valor, porém, o raro e transcendente valor do **Cancioneiro**, reside n'estes deliciosos commentarios, adjectivados com desusado brilhantismo, penetrados de ironia, que escalpellisam com buido estylete ou atiram braçadas de flôres, *sans rancune*, e sem apotheoses fetichistas. A edição do **Cancioneiro alegre** é de Ernesto Chardron, o laborioso editor que tem já um credito insoluvel para com as letras portuguezas.

GUIOMAR TORREZÃO.

(Do *Almanach das Senhoras*).

Emquanto no theatro o desastre do *Hernani* traduz uma tentativa generosa e nobre, Camillo Castello Branco, Teixeira de Queiroz, Bento Moreno, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, affirmam no livro as suas poderosas qualidades de artistas, de poetas, de pensadores e de criticos.

N'esta resenha rapida das novas publicações, cabe por muitos motivos o logar de honra a Camillo Castello Branco: o grande romancista, o mais nacional e o mais original dos escriptores portuguezes.

Não podemos acrescentar infelizmente que entre os livros de Camillo seja o ultimo, — intitulado **Cancioneiro alegre** — dos mais sympathicos para nós.

Um homem como Camillo Castello Branco não se julga, todavia, por um dos seus livros.

Tem de partir de mais alto, tem de penetrar mais fundo a critica que houver de aquilatar o creador poderoso de tantos typos que ficaram immortalisados por um sôpro de genio.

Camillo pertence á familia rara de escriptores que sabem fazer vibrar com indizivel mestria as duas cordas predominantes do organismo humano: a corda do riso e a corda das lagrimas.

Como Dickens, com o qual o romancista portuguez tem mais de um ponto de contacto, Camillo sabe fazer chorar e fazer rir.

É este o seu triumpho, é esta a qualidade principal do seu talento, da qual derivam naturalmente todas as suas outras qualidades de estylo e de execução.

Camillo Castello Branco tem na voz todas as notas que vão da ineffavel melancolia das esperanças frustradas, ou das desoladoras saudades, até ao soluço ardente do desespero, e todos os risos, desde o bom riso jovial que os espectaculos burlescos nos desafiam, até a gargalhada sardonica em que se fundem todas as ironias, todas as reprovações e todos os castigos sociaes.

Esta série de gradações, estes contrastes violentos dão á sua linguagem castigada e vernacula, á sua opulenta linguagem portugueza, um cunho individual e tão poderoso que em mais nenhum escriptor do nosso paiz se encontra.

Os seus livros têm um relevo, um calor, um pittoresco que é só d'elles.

Sabe desencantar palavras que rasgam as carnes como

punhaes acerados, que azorragam como chicotes de fogo, que produzem um effeito hilariante como um frasco de protoxydo de azote subitamente destapado.

Ha n'elle a communicativa alegria de Rabelais, a ironia pungente e mordaz de Voltaire, e ao mesmo tempo uma tristeza tão funda, tão cheia de lagrimas, tão sem esperança, uma como que saudade intraduzivel de um paraiso que para sempre perdeu, o paraiso da sua fé, da sua mocidade, da sua alegria, do seu amor!

Sente e fez sentir! Deus deu-lhe uma alma capaz de todos os ardores, de todas as cóleras, de todos os odios, de todas as paixões devoradoras, e ao mesmo tempo de todas as dôces tristezas, de todos os infinitos cambiantes do soffrimento! É um instrumento que resume uma orchestra, e que elle faz vibrar como grande artista que é.

Essa alma que a vida tem ulcerado, que na solidão e na doença se tem obumbrado de nuvens espessas, teve ha dias uma especie de desafogo, no livro chamado **Cancioneiro alegre.**

Camillo respigou aqui e alli, na enorme seára dos poetas nacionaes, algum verso que mais de molde lhe pareceu para o fim a que visava, colleccionou estas producções de engenhos diversissimos, e commentou-as com a sua prosa admiravel, que é só por si uma maravilha artistica.

Sendo tristissima a musa que inspira habitualmente os nossos vates, elles nunca fazem versos alegres senão por desfastio, um desfastio que os torna mais do que mediocres. D'aqui proveio o não serem bons os versos *alegres* que Camillo colleccionou, e poderem ser *alegrissimos* os commentarios que os acompanham.

A alegria, porém, d'esses commentarios, a *verve* que os illumina, a malicia excepcional que n'elles scintilla, o comico chiste com que estão torneados não os salva de serem muitas vezes injustos.

*

Da parte do nervoso e apaixonado escriptor, a quem instinctivamente repugna a feição impessoal da litteratura moderna, não deve isto parecer estranho.

É um producto natural da sua indole litteraria e da sua organisação physica.

Sentimos, porém, como admiradora sincera que somos do grande *humorista* portuguez, que elle se deixasse levar tão irresistivelmente pelo declive escorregadio das suas antipathias pessoaes.

Não especialisamos porque nos falta o espaço e o tempo.

Lembramo-nos sómente que Camillo Castello Branco foi sempre soberanamente bondoso e parcial para os homens da sua geração, e só excepcionalmente é que foi justo ou benevolo para os poetas da geração moderna.

Trata por exemplo com a mais graciosa amabilidade a Francisco Palha, e no emtanto, quem não sabe que Francisco Palha corrompeu, com a consciencia do que fazia, o gosto do nosso publico em cousas de theatro, e trouxe para a vida social do nosso paiz mais um elemento de desmoralisação e de desordem?

A musa offenbachiana, decotada e semi-núa, foi elle quem a naturalisou portugueza.

Vinha importada lá de fóra, dir-me-hão, e nem por isso lá fóra se é mais immoral do que por cá se está sendo e se tem sido.

Mas os que apresentam estes sophismas nunca pensam que lá fóra ha bom e mau, e só do mau é que nós temos a curiosidade e a admiração. Lá fóra ha alimento para todos os paladares: os corruptos vão naturalmente para a corrupção, os honestos vão para a honestidade e para o bem; em quanto que nós, um publico de *senhoras visinhas* e de imitadores servis, acolhemos tudo sem criterio, e somos unanimes em aceitar para todos a mesma inspiração e a mesma lei.

Se a *moda* levar para um genero pernicioso, funesto, avariado o nosso gosto, para lá vamos todos como um rebanho estupido e inconsiente, atraz do pastor, quer elle seja mau, quer elle seja bom.

Para nós, Francisco Palha pertence ao numero dos primeiros, e Camillo Castello Branco, que tinha auctoridade para lh'o dizer, não lh'o disse, obedecendo á sua amizade e calando a voz da sua consciencia.

Que nos perdôe o illustre romancista estas observações que respeitosamente lhe fazemos.

Ninguem mais do que nós o considera e respeita, ninguem presta mais sincera homenagem ao seu talento em tanta maneira singular!

M. Amalia Vaz de Carvalho.

(Do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro).

FIM DO VOLUME II

INDICE